UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

CLEIDE LIMA DA SILVA

A construção da voz satírica nas charges do *Charlie Hebdo*

São Paulo
2017

CLEIDE LIMA DA SILVA

A construção da voz satírica nas charges do *Charlie Hebdo*

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientadora: Norma Discini

De acordo: _____
Orientadora

Data: ____/____/____

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S586c Silva, Cleide Lima da
A construção da voz satírica nas charges do Charlie Hebdo / Cleide Lima da Silva ; orientadora Norma Discini. - São Paulo, 2017.
210 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Semiótica. 2. Charges. 3. Charlie Hebdo. 4. Sátira e Humor (literatura). 5. Bakhtin. I. Discini, Norma, orient. II. Título.

Nome: SILVA, Cleide Lima da

Título: A construção da voz satírica nas charges do *Charlie Hebdo*.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Letras.

Aprovada em: 22/09/2017

Banca examinadora

Profa. Dra. Norma Discini – Universidade de São Paulo (USP) - Presidente

Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes – Universidade de São Paulo (USP) – Membro interno

Profa. Dra. Mariana Luz Pessoa de Barros – Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) – Membro externo

Profa. Dra. Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento – Universidade Estadual de São Paulo (UNESP - Araraquara) – Membro externo

Dedico este trabalho:

À minha admirável mãe, que, com poucos recursos e pouca instrução, mas com toda a sua sabedoria e força, ensinou-me a importância de buscar o conhecimento.

AGRADECIMENTOS

À professora Norma Discini, adjuvante e coenunciadora deste trabalho, pela firme e carinhosa orientação. A sua constante presença e direcionamentos buscaram trazer à luz um acabamento a este corpo inacabado.

À Universidade de São Paulo (USP) pela oportunidade concedida de ampliar o meu conhecimento.

Ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e seus colaboradores pelo apoio administrativo oferecido e pelas bolsas concedidas para participações em eventos científicos, que permitiram discutir o meu trabalho com outros pesquisadores durante o seu desenvolvimento.

Aos professores Ivã Carlos Lopes, Waldir Beividas, Mariana Luz Pessoa de Barros, Luciano Guimarães, Norma Discini, novamente, Carolina Lindenberg Lemos, Fernanda Mussalim e Maria Giulia Dondero pelas disciplinas ministradas durante o mestrado, que tanto auxiliaram o meu desenvolvimento na semiótica.

Aos professores Jabra Haber, Annibal Hetem Junior, Michelle Sato Frigo, Douglas Alves Cassiano, José Blanes Sala e Derval dos Santos Rosa do Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do ABC, pela motivação nos primeiros passos deste trabalho e pelo interesse em sua evolução.

Aos colegas mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo que me acompanharam nessa trajetória e participaram de momentos importantes de reflexão sobre o desenvolvimento deste trabalho. Um agradecimento especial aos colegas Lúcia Passafaro Peres, Mônica Albiero Costa, Adriana Elisa Inácio, Andréa Luisa Martins dos Santos e Marcos Rogério Martins Costa, pela disponibilidade e compartilhamento dos anseios da pós-graduação.

À amiga Márcia de Oliveira Lupia, pela amizade, projetos em conjunto, companhia em eventos científicos, muita conversa sobre nossas pesquisas durante o mestrado e pela tradução do resumo deste trabalho.

À colega Fabiane de Oliveira Alves, pelas valiosas dicas e incentivos dados durante todas as etapas do mestrado desde o processo seletivo.

Aos colegas do Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas e da Reitoria da Universidade Federal do ABC, pela compreensão e apoio durante minhas ausências.

À Universidade Federal do ABC, pelas licenças concedidas durante os momentos mais importantes desta pesquisa. Em especial, aos meus chefes Annibal Hetem Junior e Marcos Joel Rúbia.

Aos queridos amigos, que durante essa jornada não me abandonaram e trouxeram fôlego e motivação para que eu continuasse meu caminho: Pedro, Regina e Fabíola.

Aos meus vizinhos Girlene, Ailton e Érica, pelo apoio afetivo e pelas “marmitinhas”, preparadas com carinho, que proporcionaram um tempo maior de estudo depois do trabalho.

À Juliana Pimenta Attie, pela atenciosa e cuidadosa revisão ao longo deste trabalho.

Aos bibliotecários da Biblioteca Florestan Fernandes, sempre dispostos a esclarecer dúvidas sobre citações, referências e localização de obras.

À minha família: minha mãe, meu pai, minha irmã, meu irmão (*in memorian*) e minha sobrinha, pelo apoio e motivação durante minha trajetória na vida acadêmica.

A todos, muito obrigada por contribuírem de alguma forma para que esta pesquisa fosse concretizada.

Charlie

Charlie Hebdo c'est un coup de poing dans la gueule
Contre ceux qui nous empêchent de penser.
Contre ceux qui ont peur de l'imagination.
Contre ceux qui ne veulent pas qu'on s'amuse.
Charlie Hebdo c'est un journal en colère, c'est un journal qui rit.
C'est un journal qui cogne, c'est un journal qui rêve.
C'est un journal qui engueule, c'est un journal qui cogite.
Charlie Hebdo c'est un journal qui n'a rien à perdre car après la vie il n'y a plus rien.
Charlie Hebdo n'a pas besoin de Dieu, pas besoin de Wall Street,
pas besoin de posséder deux bagnoles et trois téléphones portables
pour être heureux.
Pour être heureux, Charlie Hebdo dessine, écrit, interviewe, réfléchit
et s'amuse de tout ce qui est risible sur terre, de tout ce qui est
grotesque dans la vie.
C'est-à-dire de presque tout.
Parce que la vie est si courte qu'il serait dommage de la passer à
pleuricher sur son sort au lieu d'en rire une bonne fois pour toute.
(CHARLIE, 2017)

RESUMO

SILVA, C. L. **A construção da voz satírica nas charges do *Charlie Hebdo***. 2017. 210 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Em determinado período de sua história, o *Charlie Hebdo* passou a abordar o tema do fundamentalismo islâmico em suas charges. A figura sagrada para os muçulmanos foi, então, representada satiricamente em diversas edições, até que em 7 de janeiro de 2015, após uma série de conflitos entre o jornal e os extremistas islâmicos, a sede do semanário francês foi alvo de um ataque terrorista, com doze vítimas fatais. É para esse contexto que nossa pesquisa direciona a sua atenção. Analisaremos um conjunto de oito charges publicadas pelo *Charlie Hebdo* no período de 8 de fevereiro de 2006 a 6 de janeiro de 2016. O propósito, ao examinar semioticamente esse *corpus*, é descrever os mecanismos de construção do sentido das charges para compreender de que maneira o chargista, como um *éthos* ou um modo polemizador de presença, exacerbou satiricamente a doutrina islâmica e a figura religiosa emblemática para provocar o riso e criticar o fundamentalismo. Em nossa pesquisa, a noção de gênero será incorporada com o apoio teórico de Bakhtin (2003; 2008; 2010; 2014; 2016), o que permitirá reconhecer as principais características da charge, conforme determinada temática, composição e estilo. Também a partir dos apontamentos bakhtinianos, definiremos mecanismos discursivos presentes nas charges: ironia, humor, sátira e polêmica. Dessa definição, surgirão os elementos que despontam as características do gênero e, conseqüentemente, o estilo *Charlie Hebdo* de satirizar. Com base nesse ponto, esperamos compreender o que teria força argumentativa para provocar a ira dos fundamentalistas. Em nosso estudo, buscaremos expor, sobretudo, os princípios relativos à semiótica greimasiana. Consideraremos, portanto, para nossa investigação as bases da semiótica narrativa e discursiva (GREIMAS; COURTÉS, 2016). Mas teremos o respaldo ainda da semiótica visual (FLOCH, 1985; 1986a; 1986b; 2013), com o intuito de entender como a forma do plano da expressão e do plano do conteúdo, conforme postulada por Hjelmslev (2003), vai ao encontro da substância da expressão e do conteúdo nesses textos verbo-visuais. Ao tomar corpo, nossa pesquisa encontrará apoio teórico e metodológico também na semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2011). Nesse ponto, mostraremos os segmentos das charges que fazem crescer a intensidade da voz satírica e o seu potencial para causar atritos com o sujeito fundamentalista. Os resultados demonstrarão que a voz satírica do *Charlie Hebdo* é construída essencialmente por meio da presença exacerbada do *outro*, cujos valores julgados negativos são intensamente expostos. O alvo da crítica, o fundamentalismo islâmico, é assim desmoralizado por suas próprias atitudes. Essa forma de fazer sátira remete ao modelo de construção do gênero “charge”; entretanto, o que parece diferenciar o conteúdo das charges analisadas é a instalação da relação dialógica (BAKHTIN, 2016) entre sujeitos extremamente antagônicos, com intensa probabilidade de conflito nos (des)encontros das enunciações interdiscursivas.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Charges. *Charlie Hebdo*. Sátira. Bakhtin.

ABSTRACT

SILVA, C. L. **The construction of the satirical voice in Charlie Hebdo's cartoons.** 2017. 210 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

At some point in its history, *Charlie Hebdo* began to address the theme of Islamic fundamentalism in its cartoons. Since then, the holy image for Muslims was satirically represented in several editions. It had happened up to January 7, 2015, when, after a series of misunderstandings between the newspaper and Islamic extremists, the headquarters of the French weekly newspaper was the target of a terrorist attack, having as consequence, twelve fatal victims. It is in this context that our research is directed. We will analyze a set of eight cartoons published by *Charlie Hebdo* in the period from February 8, 2006 to January 6, 2016. The purpose in examining semiotically this corpus, is to describe the mechanisms of construction of the meaning of the cartoons to understand how the cartoonist, as an *ethos* or a polemizing mode of presence, satirically exaggerated Islamic doctrine and the emblematic religious image to provoke laughter and criticize fundamentalism. In our research, the notion of genres will be incorporated with the theoretical support of Bakhtin (2003; 2008; 2010; 2014; 2016), which will allow us to recognize the main characteristics of the cartoon, according to a specific theme, composition and style. Also from the Bakhtinian notes, we will define discursive mechanisms present in the cartoons: irony, humor, satire and polemic. From this definition, the elements that emerge the characteristics of the genre and, consequently, the *Charlie Hebdo* style of satirizing will appear. Based on this, we aim to understand what could have an argumentative force to provoke the wrath of fundamentalists. In our study, we will try to expose, above all, the principles related to greimasian semiotics. We will therefore consider for our investigation the bases of narrative and discursive semiotics (GREIMAS and COURTÉS, 2016). But we will still have the support of visual semiotics (FLOCH 1985, 1986a, 1986b, 2013), in order to understand how the form of the plane of expression and the content plane, as postulated by Hjeltmlev (2003), meets the substance of expression and content in these verbal-visual texts. Whereas the development of these points brings consistence to our research, we will also find theoretical and methodological support in the tensive semiotics (ZILBERBERG, 2011). At this point, we will show the segments of the cartoons that increase the intensity of the satirical voice and its potential to cause friction with the fundamentalist subject. The results will demonstrate that Charlie Hebdo's satirical voice is essentially built through the exacerbated presence of the other, whose negatively judged values are intensely exposed. The target of criticism, Islamic fundamentalism, is thus demoralized by its own attitudes. This way of doing satire refers to the construction model of the genre "cartoon"; However, what seems to distinguish the content of the analyzed cartoons is the establishment of the dialogical relationship (BAKHTIN, 2016) between extremely antagonistic subjects, with an intense probability of conflict in the (dis) encounters of interdiscursive enunciation.

KEYWORDS: Semiotics. Cartoons. Charlie Hebdo. Satire. Bakhtin.

LISTA DE CHARGES

CHARGE 1 - (ANEXO A) - CHARLIE HEBDO, 08/02/2006, Nº 712. CAPA.....	175
CHARGE 2 - (ANEXO B) - <i>Charlie Hebdo</i> , 02/11/2011, nº 1011. Capa.....	176
CHARGE 3 - (ANEXO C) - <i>Charlie Hebdo</i> , 02/01/2013. Edição especial. Capa....	177
CHARGE 4 - (ANEXO D) - <i>Charlie Hebdo</i> , junho de 2013. Edição especial. Capa	178
CHARGE 5 - (ANEXO E) - <i>Charlie Hebdo</i> , 01/10/2014, nº 1163. Capa.....	179
CHARGE 6 - (ANEXO F) - <i>Charlie Hebdo</i> , 14/01/2015, nº 1178. Capa	180
CHARGE 7 - (ANEXO G) - <i>Charlie Hebdo</i> , 18/11/2015, nº 1217. Capa.....	181
CHARGE 8 - (ANEXO H) - <i>Charlie Hebdo</i> , 06/01/2016, nº 1224. Capa.....	182

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Percurso gerativo	48
FIGURA 2 – Quadrado semiótico	49
FIGURA 3 – Tipos de modalidades	51
FIGURA 4 – Sistema semissimbólico gestual de afirmação e negação	57
FIGURA 5 – Bifurcação da tensividade	59
FIGURA 6 – Representação gráfica das correlações conversa e inversa	60
FIGURA 7 – Quadrado semiótico sobre o conflito gerado entre o <i>Charlie Hebdo</i> e o fundamentalismo islâmico	92
FIGURA 8 – Quadrado semiótico do ritual de formação de opinião	93
FIGURA 9 – Organização esquemática das presenças do <i>outro</i>	104
FIGURA 10 – Quadrado semiótico da biografia de Maomé.	111
FIGURA 11 – Figuração corporal de Maomé.	116
FIGURA 12 – Modalidades veridictórias.	121
FIGURA 13 – Recorte do cabeçalho da charge 2.	130
FIGURA 14 – Relação semissimbólica das expressões que compõem o topo da charge 2	130
FIGURA 15 – Análise semissimbólica da charge 5.	134
FIGURA 16 – Semissimbolismo da charge 7.	142
FIGURA 17 – Percurso das práticas (sociais) francesas de lazer	142
FIGURA 18 – Quadrado semiótico sobre o fundamentalismo islâmico do ponto de vista de seus adeptos.	145
FIGURA 19 – Quadrado semiótico sobre o fundamentalismo islâmico do ponto de vista do <i>Charlie Hebdo</i>	145
FIGURA 20 – Quadrado semiótico do dever-fazer e poder-fazer	149
FIGURA 21 – Direção e partição do recrudescimento.	158
FIGURA 22 – Direções tensivas em descendência e ascendência	159
FIGURA 23 – Valência tensiva em correlação conversa: o caso <i>Charlie Hebdo</i>	161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. UMA HISTORIOGRAFIA DAS CHARGES.....	16
1.1 O <i>Charlie Hebdo</i>	17
1.2 O Islã	19
1.3 O fundamentalismo.....	21
1.4 O <i>corpus</i> de análise	24
1.5 O histórico que atravessa as charges	25
1.1.1 A noção de gênero em Bakhtin	37
1.1.2 Notícias sobre o gênero discursivo “charge”	40
2. A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO: ENTRE A NARRATIVIDADE, A DISCURSIVIDADE, A TENSIVIDADE E O PLANO DA EXPRESSÃO.	45
2.1 A semiótica greimasiana: o percurso gerativo do sentido.....	47
2.1.1 O quadrado semiótico	48
2.1.2 Narratividade	50
2.1.3 Discursividade	52
2.2 A semiótica visual: formas e substâncias da expressão e do conteúdo ..	54
2.3 A semiótica tensiva: estados de alma e de coisas	58
2.4 Uma teoria em construção: novos rumos	61
3. IRONIA, HUMOR, SÁTIRA E POLÊMICA NOS DOMÍNIOS DA CHARGE	65
3.1 Ironia	66
3.2 Humor	73
3.3 Sátira	76
3.4 Polêmica	80
4. O CORPO DISCURSIVO NAS CHARGES DO <i>CHARLIE HEBDO</i> : O ATOR DA ENUNCIÇÃO (O NARRADOR) E O ATOR DO ENUNCIADO (O PERSONAGEM- INTERLOCUTOR).....	90
4.1 Maomé no discurso do <i>Charlie Hebdo</i>	95
4.2 O fundamentalismo na visão do <i>Charlie Hebdo</i>	123
4.3 Tensões de uma voz satírica.....	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	162

REFERÊNCIAS.....167

ANEXOS175

INTRODUÇÃO

Em 7 de janeiro de 2015, a sede do jornal satírico francês *Charlie Hebdo* sofreu um atentado terrorista que vitimou fatalmente 12 pessoas. Entre os mortos estavam o diretor do jornal, Charb (Stéphane Charbonnier), e mais quatro chargistas: Cabu (Jean Cabut), Tignous (Bernard Verlhac), Wolinski (Georges Wolinski) e Honoré (Phillipe Honoré). Logo após o ataque, foram veiculadas pela mídia imagens de dois terroristas que diziam ter vingado o profeta Maomé (NOVO..., 2015¹). O motivo teria sido a publicação de imagens do líder muçulmano, consideradas sagradas para grande parte dos seguidores da religião.

O semanário sofria constantes ameaças dos radicais islâmicos. Mas a complexidade que envolve o atentado parece ir além das notícias que circularam na mídia. Assim, esta pesquisa nasce do interesse de investigar semioticamente o fato, o que equivale a analisar textos que discursivizam tal conflito. Na dimensão da semiótica francesa, poderemos talvez examinar o que teria contribuído para que dois sujeitos modalizados pelo *dever* vingar o profeta Maomé realizassem a *performance* de cometer esse ato terrorista. Para isso, escolhemos como *corpus* os textos supostamente desencadeadores da fúria dos fanáticos religiosos, as charges do jornal francês *Charlie Hebdo*, nas quais se propaga a visão satírica em relação ao Islã e ao fundamentalismo islâmico/religioso.

Nosso objetivo geral é, portanto, o de analisar, semioticamente, oito charges que têm como referência questões pautadas pela figura do ator religioso, sobretudo, de origem islâmica. Temos a hipótese de que as charges teriam força não somente para despertar a ira de sujeitos extremistas, mas também para causar atritos com a comunidade muçulmana, até mesmo com aqueles que não sejam orientados por ideias fundamentalistas. Nesse ponto, pensamos no impacto sobre os diferentes leitores que tenham acesso aos textos do *Charlie Hebdo*, seja o leitor francês, o muçulmano, o fundamentalista islâmico ou outros.

A partir da análise interna das charges, será possível ter uma visão mais aprofundada a respeito da crítica do jornal sobre o tema e, dessa forma, poderemos definir o que, discursivamente, faz elevar a voz satírica, tornando-a incompatível com o discurso fundamentalista. Paralelamente, cuidaremos de reconstruir o

¹ NOVO vídeo mostra terroristas trocando tiros com a polícia de Paris. **Veja**. 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/novo-video-mostra-terroristas-trocando-tiros-com-a-policia-em-paris/>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

histórico de conflitos entre o *Charlie Hebdo* e os fundamentalistas islâmicos. Esse procedimento se desenvolverá por meio da contextualização histórica recuperada por meio de informações da mídia. Mas interessa-nos, sobretudo, o contexto que emerge do próprio texto. O relato dos acontecimentos também será, pois, enriquecido pelos dados encontrados na análise imanente das charges.

Entre os objetivos específicos está descrever o gênero “charge”, não somente com o auxílio de definições já consagradas pelo uso geral do termo, mas a partir da análise de mecanismos discursivos identificados nesse tipo de texto. Para tanto, recorreremos a alguns conceitos postulados por Bakhtin, tais como os de gêneros do discurso, dialogismo, carnavalização e polêmica.

Na medida em que a análise das charges tomar corpo como gênero discursivo, será revelado juntamente com o sentido que emergirá de cada um dos textos examinados, enquanto se descrevem as estratégias da enunciação chargista. O modo recorrente de dizer do chargista. Assim os principais efeitos para produção desses enunciados serão identificados. Pretendemos ainda analisar como o corpo do sujeito fanático islâmico é figurativizado na visão do *Charlie Hebdo* e como Maomé, figura sagrada para os muçulmanos, é incorporada à concepção ideológica do jornal francês a ponto de gerar essa polêmica marcada por grande repercussão midiática.

A metodologia de pesquisa, que dará suporte ao estudo das charges, será a semiótica greimasiana, cujo modelo de análise da significação é de origem saussuriana e estruturalista. Partiremos dos conceitos postulados por Greimas, mas utilizaremos também autores como Jean-Marie Floch (semiótica visual), Claude Zilberberg (semiótica tensiva) e outros estudiosos da mesma linha teórica.

O conteúdo da pesquisa realizada está organizado em: Introdução, 4 capítulos e Considerações Finais. No capítulo 1, intitulado “*Uma historiografia das charges*”, apresentamos uma contextualização histórica que relata os principais acontecimentos desse episódio do terrorismo contemporâneo, procurando trazer à luz alguns pontos básicos em relação aos envolvidos: *Charlie Hebdo*, Islã e fundamentalismo islâmico. Iniciaremos também uma breve discussão sobre o gênero “charge”.

No capítulo 2, “*A construção do sentido: entre a narratividade, a discursividade, a tensividade e o plano da expressão*”, iremos nos dedicar a uma

apresentação geral da semiótica greimasiana e das demais vertentes da teoria que fundamentam este trabalho.

No capítulo 3, “*Ironia, humor, sátira e polêmica nos domínios da charge*”, descreveremos, por meio de postulados bakhtinianos, os conceitos de ironia, humor, sátira e polêmica, todos presentes no gênero “charge”. A partir dos dados levantados, apresentaremos como esses elementos se manifestam nas charges que compõem o nosso *corpus*.

No capítulo 4, denominado “*O corpo discursivo nas charges do Charlie Hebdo: o ator da enunciação (o narrador) e o ator do enunciado (o personagem-interlocutor)*”, procuraremos atingir nosso objetivo principal que é o de compreender como a voz satírica do *Charlie Hebdo* é construída. Para tanto, a semiótica greimasiana será colocada em prática, o que possibilitará que analisemos internamente o conjunto dos textos escolhidos. Por fim, teceremos as considerações finais para discutir os resultados da pesquisa.

1. UMA HISTORIOGRAFIA DAS CHARGES

A charge é um gênero textual que possibilita a comunicação entre o enunciador (chargista) e os seus enunciatários. A partir dela, os valores axiológicos do autor e de seus alvos discursivos emergem da enunciação em um contexto social de interação.

A análise que nos propusemos a realizar surge a partir de uma ameaça contemporânea: o fundamentalismo islâmico, cujo movimento é responsável por iniciar uma crise terrorista na França a partir da disforização das charges publicadas pelo *Charlie Hebdo*. Considerando-as, portanto, desencadeadoras desse confronto (de um lado o extremista islâmico, de outro, o *Charlie Hebdo*), parece necessário contextualizar o histórico relacionado à publicação desses textos que despertaram uma paixão colérica em sujeitos conjuntos com valores opostos ao do jornal.

Dessa forma, iniciaremos esta pesquisa com uma historiografia das charges a partir do *corpus* escolhido, na qual os principais acontecimentos serão relatados a partir das práticas sociais envolvidas. Nossa pesquisa fará, pois, uma breve referência ao percurso do jornal no contexto desse complexo terrorismo contemporâneo, para mostrar como essa direção de ataque aos extremistas se alinha ao período de publicação que se inicia com a reprodução das charges do jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* e vai até o número especial do *Charlie Hebdo* um ano após o atentado.

É importante para essa etapa uma breve discussão sobre os actantes envolvidos nessa trajetória. O termo actante, segundo Greimas e Courtés (2016), tem origem nas propostas do linguista francês Lucien Tesnière e é concebido como o “que realiza ou que sofre o ato independentemente de qualquer outra determinação” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 20). O actante é, dessa forma, um conceito determinante das funções sintáticas articuladas no enunciado elementar, como é o exemplo de sujeito, objeto e predicado. Mas do ponto de vista semiótico, essa representação actancial tem “[...] uma formulação mais abstrata da gramática dos casos: localizada em um nível mais profundo [...]” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 21).

Greimas e Courtés (2016) identificam no interior do discurso do enunciado dois tipos de actantes: os da comunicação (ou da enunciação) e os da narração (ou

do enunciado), os quais podem ser individuais, duais ou coletivos. Para esta pesquisa, teremos a preocupação de informar previamente o leitor sobre algumas características dos atores ainda não materializados semioticamente no discurso da charge, ou seja, os actantes da interação social mediada pelas charges, o *Charlie Hebdo*, Maomé (na figura do Islã) e o fundamentalismo islâmico.

Ainda com a finalidade de construir uma historiografia das charges, buscaremos neste capítulo definir o gênero “charge” a partir dos conceitos bakhtinianos, cujo exame permitirá explorar mais adiante alguns mecanismos discursivos específicos desse tipo de texto.

1.1 O *Charlie Hebdo*

O *Charlie Hebdo* se autodenomina em seu sítio eletrônico como “jornal satírico, laico, político e alegre” (CHARLIE, 2017). A publicação surgiu em 1970, após o envolvimento do semanário *Hara-Kiri* em uma polêmica com o governo francês. No dia 19 de novembro daquele ano, a edição de *Hara-Kiri Hebdo* trouxe em sua capa a seguinte manchete: “Baile trágico em Colombey: 1 morto” (HISTOIRE, 2017).

A capa fazia referência à morte do ex-presidente e general francês Charles de Gaulle, que morava em Colombey-les-Deux-Églises, na Normandia. Devido a essa capa, Raymond Marcellin, o então Ministro do Interior da França, proibiu a circulação do jornal sob a acusação de pornografia na edição anterior. Para contornar a censura do governo francês, os editores criaram, em 23 de novembro de 1970, o *Charlie Hebdo*, uma adaptação semanal da *bande dessinée* mensal criada no ano anterior em homenagem à revista cômica italiana *Linus* (HISTOIRE, 2017).

A história do *Charlie Hebdo*, todavia, não é somente de polêmicas. Dificuldades financeiras e de gestão fizeram com que o jornal passasse por diversas reestruturações e chegasse até mesmo a fechar em 1982, retomando suas atividades apenas em 1992, conforme consta em seu sítio (HISTOIRE, 2017).

Mesmo passando por longos períodos de escassez, o jornal foi “uma espécie de academia na qual se formou e cresceu o melhor do cartunismo francês” (NATALI, 2015). Daí surgiram nomes como Cabu, Wolinski, Gebé, Reiser, Cavanna e Siné.

Natali (2015), jornalista e colaborador da Folha de S. Paulo, define o *Charlie Hebdo* como:

[...] bem mais que um veículo de humor negro. Ele criou e ampliou na mídia francesa um espaço editorial que se definia como libertário, como uma casamata que protegia uma constelação muitíssimo diversificada dos pensamentos da esquerda não oficial.

Em 2015, o semanário chamou a atenção da mídia por ter sido alvo do terrorismo islâmico. Além de polêmicas relacionadas ao fundamentalismo islâmico, o jornal também ilustrava questões sobre o catolicismo conservador, o Partido Comunista, a hierarquia judaica e a extrema direita. Para o *Charlie Hebdo*, “[...] não prestava aquilo que era institucionalmente sério em termos de política ou de costumes” (NATALI, 2015).

Em reportagem do Diário do Centro do Mundo, *site* de notícias brasileiro, (A HISTÓRIA..., 2015²), afirma-se que é marca registrada do *Charlie Hebdo* a publicação de charges provocativas, como “policiais segurando cabeças decepadas de imigrantes até freiras se masturbando e papas usando preservativos”. Segundo a reportagem, o jornal pode ser comparado com outra publicação francesa, o *Le Canard Enchaîné*, seu rival mais popularmente conhecido. No entanto, enquanto este “aposta nos furos de reportagem e na revelação de segredos guardados a sete chaves”, o *Charlie Hebdo* “lança mão do escárnio e de um humor muitas vezes polêmico” (A HISTÓRIA..., 2015).

Esse estilo de publicação de sátiras escrachadas não é exclusivo do *Charlie Hebdo*. Na reportagem do Diário do Centro do Mundo (A HISTÓRIA..., 2015), Hugh Schofield, correspondente da BBC em Paris, explica que o jornal herdou a tradição da imprensa francesa que satirizava, por exemplo, personalidades como a rainha Maria Antonieta até mesmo no período anterior à Revolução Francesa. Não somente a monarca, mas toda a família real era alvo de sátiras que beiravam o obsceno. Naquela época, ilustrações “de supostas extravagâncias sexuais e atos de corrupção de integrantes da corte” eram publicadas.

Da Revolução Francesa também se herdou o anticlericalismo francês, em razão do histórico violento de guerras religiosas, que caracterizou uma “ojeriza ao fanatismo religioso” e a institucionalização de uma República “radicalmente laica” (ALENCASTRO, 2015). No Iluminismo, outro período da história francesa, “a

² A HISTÓRIA do corajoso Charlie Hebdo. **Diário do Centro do Mundo**. 2015. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-historia-do-corajoso-charlie-hebdo/>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

caricatura antiautoritária e antirreligiosa” que criticava os símbolos católicos era frequente. Juntamente com *Le Canard Enchaîné*, o *Charlie Hebdo* continua a irreverência herdada do movimento iluminista, de galhofar todas as religiões (ALENCASTRO, 2015). As raízes históricas e socioculturais do *Charlie Hebdo* confirmam sua autodenominação inicial “jornal satírico, laico, político e alegre” (CHARLIE, 2017). O semanário tem como valores ideológicos aqueles que são próprios à liberdade de expressão advinda de sua herança cultural, mas, na conjuntura da contemporaneidade, seus ideais se deparam com as manipulações de intimidação empregadas pelos fundamentalistas, impedindo o jornal de realizar a *performance* desejada com devida competência.

O *Charlie Hebdo* apresenta um discurso ideológico que sanciona negativamente, entre outros assuntos, o fundamentalismo religioso. Suas charges manipulam o leitor para que este reflita sobre assuntos pautados em sua linha editorial. Para tanto, o jornal aborda em sua narrativa figuras que remetem ao ator religioso, Maomé, e a outras que retratam aspectos da religião muçulmana, exacerbando-as de forma irônica e humorada. Os traços hiperbólicos vindos do fazer do enunciador, figurativizam o profeta islâmico com nariz desproporcional à média e olhos esbugalhados. Em termos bakhtinianos, temos a hipótese de que, dialogicamente, firma-se uma relação polêmica, o que leva a tensões impactantes com o sujeito fundamentalista. Nosso trabalho analítico será sempre o de examinar o sentido que emerge da imanência do discurso. Desse modo, buscaremos observar se os efeitos satíricos são autossuficientes para a caracterização da figura religiosa, ou se são parte do estilo decorrente do jornal e comum ao gênero “charge”.

1.2 O Islã

Nos últimos tempos, a comunidade islâmica tem sido alvo de preconceitos devido à ascensão de ataques terroristas reivindicados por grupos extremistas em nome de Deus. Mas há diferenças entre o Islã e o fundamentalismo islâmico.

O Islã ou Islão são termos sinônimos de uma única doutrina religiosa. Farah (2001, p. 11) explica que eles são originados da palavra árabe *Islam* e significam “submissão [a Deus]”. Da raiz dessa palavra, *slm*, surgiu outro termo: *muslim* (muçulmano), que é “aquele que se submete a Deus”.

O Islã é uma religião monoteísta, tendo como crença a existência de um único Deus, assim como o cristianismo e o judaísmo. A doutrina islâmica, no entanto, tem como fundamento os “atos, ditos e ensinamentos” de Maomé, mensageiro de Deus, e o livro sagrado do Alcorão ou Corão (FARAH, 2001, p. 11).

Da mesma forma que o cristianismo e o judaísmo, o Islã tem como preceito uma conduta e uma postura religiosas diante da sociedade. Segundo Demant (2011, p 27-28, *itálico do autor*), existem cinco pilares que definem os deveres do seguidor dessa religião: 1) o “*Shahada* ou testemunho” – afirmação da crença; 2) o “*Salat*” – dedicação diária de cinco rezas, sendo que na sexta-feira o muçulmano deve se dirigir a uma mesquita; 3) o “*Zakat* ou esmola” – o muçulmano deve contribuir com uma parcela de sua renda para o bem-estar coletivo; 4) o “*Ramadan* (ramadã)” – mês destinado à “purificação e ascese para Deus”; nesse período, os fiéis devem jejuar, “desde o nascer até o pôr do sol, de relações sexuais, comida e bebida, inclusive água”; 5) o “*Hajj*” – pelo menos uma vez na vida, se houver saúde e condições financeiras, o muçulmano deve fazer uma peregrinação à Meca, cidade sagrada para a religião muçulmana.

Além desses pilares fundamentais, Arantes (2005, p. 31) menciona as seis principais crenças do Islã: 1) “a crença em um único Deus”; 2) “a crença nos anjos”; 3) “a crença nos livros sagrados”; 4) “a crença nos profetas”; 5) “a crença no Juízo Final”; e 6) “a crença na predestinação”.

Semelhante a outras religiões monoteístas, o Islã tem como princípio a crença em Deus e em práticas (sociais) moralizantes, advindas da fé. A doutrina baseada no Alcorão é, contudo, às vezes, mal interpretada por seguidores de outras crenças e por isso tem sido relacionada à violência.

De acordo com Demant (2011, p. 340), o Islã não tem menos ou mais predisposição à violência ou ao fanatismo se comparado às outras religiões. A religião islâmica, segundo o autor, tem sido associada erroneamente à violência. O estudo menciona ainda a existência de versículos do Alcorão que pregam exatamente o contrário: o “amor ao próximo”, a “tolerância” e a “santidade da vida humana”, ou seja, preceitos incompatíveis com a brutalidade.

Fica para o semiótico a tarefa de descrever mecanismos de construção do sentido do texto que trazem alguma alusão ao Islã, embora na direção da crítica aos fundamentalistas e terroristas. Esclareceremos a seguir o que se entende por fundamentalismo, para quem sabe, iluminar nossa análise.

1.3 O fundamentalismo

Embora a palavra fundamentalismo seja comumente utilizada, Demant (2011, p. 194) alerta para o fato de que “o termo ‘fundamentalismo muçulmano’ é um neologismo impróprio”. O estudioso explica que, tal como é conhecido, o fundamentalismo surgiu a partir de um movimento religioso do “protestantismo norte-americano”, tendo sido relacionado, posteriormente, a “movimentos vagamente paralelos” de outras religiões.

Demant (2011, p. 194) apresenta alternativas utilizadas para designar esse movimento. Ele menciona que na França é usada a palavra “integrista”³, mas esse termo também não seria correto, pois “apenas copia um fenômeno paralelo no catolicismo”. Para o autor (2011, p. 194), expressões como “islã político” e “revivalismo islâmico” são consideradas aceitáveis. Alguns autores se referem ao fundamentalismo como “islã radical” ou “radicalismo islâmico”, e ainda na literatura árabe são empregadas as palavras “*islamiyya*” (islamismo) e “*al-usuliyya al-islamiyya*” (equivalente a fundamentalismo muçulmano).

Em outro quadro do pensamento semiótico distinto daquele do especialista em questões do Oriente Médio, optamos por adotar apenas um dos termos mais consagrados e difundidos no meio jornalístico ocidental, que é o “fundamentalismo islâmico”. Demant (2011) utiliza os termos “fundamentalismo muçulmano” e “islamismo”; porém, optamos por não utilizar este último por considerar que ele pode ser confundido com a designação da própria religião. Para a semiótica, o fundamentalismo muçulmano é a linha temática na qual se apoiam as figuras, que são verbais e visuais. Embora, a partir da observação feita das práticas sociais, cientes de que ser um sujeito fundamentalista não pressupõe a agressividade praticada por grupos terroristas, a expressão “fundamentalismo” islâmico ou muçulmano será utilizada neste trabalho para ancorar as figuras dos atores fanáticos e radicais que encontram na doutrina religiosa motivos para justificar seus atos de violência. Alternadamente, o termo “extremismo islâmico” também será utilizado nesta pesquisa.

³ O termo aparece em uma das charges de nossa análise na forma adjetiva: “integristas”.

Feitos os esclarecimentos sobre o fundamentalismo, prosseguiremos com a tentativa de aprofundamento das questões que envolvem o movimento e a sua definição. Iniciaremos com a definição proposta pelo dicionário.

De acordo com o léxico, o fundamentalismo, de modo geral, define-se como: “observância rigorosa à ortodoxia de doutrinas religiosas antigas, esp. do islamismo”. (FERREIRA, 2004). Ainda segundo o verbete do dicionário, o fundamentalismo islâmico é definido como a crença:

[...] em que a revivescência do mundo islâmico virá apenas através da volta aos costumes tradicionais e à prática religiosa do antigo Islã, esp. a volta a uma sociedade nos moldes da comunidade do séc. VII, estabelecida por Maomé em Medina, governada pela *Sharia* (q.v.) e com o suporte, se necessário, do *jihad* (q.v.), e, sobretudo dando ênfase à interpretação literal do Alcorão para a conservação da identidade cultural e como reação à ocidentalização do povo islâmico (FERREIRA, 2004).

Essa elucidação do dicionário aponta para um direcionamento sobre o que, como simulacro, representa o fundamentalismo, mas ainda deixa dúvidas sobre a origem desse movimento e sua associação ao extremismo, responsável por diversos atentados terroristas.

Demant (2011, p. 201) também apresenta uma definição próxima à do dicionário consultado. Para o autor, o fundamentalismo muçulmano é aquilo que é entendido como uma:

[...] ideologia política antimoderna, antissecularista e antiocidental, cujo projeto é converter o indivíduo para que se torne um muçulmano religioso observante, é transformar a sociedade formalmente muçulmana em uma comunidade religiosa voltada ao serviço a Deus e a estabelecer o reino de Deus em toda a Terra.

Para a semiótica, o fundamentalismo islâmico interessa como base de percursos temáticos, que envolvem os temas reunidos nas charges do *Charlie Hebdo*.

Embora o fundamentalismo muçulmano tenha chamado a atenção de maneira mais enfática após o atentado de 11 de setembro, a ideologia relativa à interpretação que se faz desse movimento religioso tem se desenvolvido desde meados do século XX. Demant (2011) afirma que esse fenômeno surgiu como uma “reação à modernização globalizante” e é distribuído em três ondas com a

participação tanto de sunitas quanto de xiitas, duas diferentes correntes do islamismo (p. 201). Segundo o autor (2011, p. 201), antes de entrar em cena a primeira onda, a ideologia surge nos anos 50 e 60 em escritos paquistaneses, egípcios (sunitas) e iranianos (xiita). Após esses registros, a sua difusão no meio internacional ocorreu nas décadas de 70 e 80, quando a primeira onda passou por um “período de maturação”. Em seguida, nos anos 80, a segunda onda, com a “Revolução Iraniana, o assassinato de Sadat no Egito e o Hezbollah no Líbano”, alcança uma maior importância. Já no fim do século XX, a terceira onda abrange um caráter de internacionalização que atinge novos territórios, com guerras, alterações políticas, surgimento de grupos fundamentalistas e a expansão do terrorismo. No entendimento de Demant (2011), existe a possibilidade de haver uma continuidade desse movimento nos próximos anos, ou até mesmo, nas próximas décadas.

É notável o fato de como práticas (sociais) terroristas, como o fundamentalismo, se tornam cada vez mais violentas e se expandem por territórios anteriormente livres desses movimentos. Nos últimos anos, entretanto, o terrorismo esteve mais presente na Europa. Nos Estados Unidos, o discurso antiterrorismo dos governantes tem sido cada vez mais agressivo para tentar conter o avanço de grupos extremistas e a difusão ideológica que acompanha o discurso do fanático islâmico.

Embora não seja o cerne deste trabalho, devemos destacar que nesse processo de radicalização do Islã a crescente islamofobia instalada no território francês colabora para esse cenário de conflito social contemporâneo.

O fundamentalismo islâmico tornou-se um problema globalizado que desperta o interesse da sociedade em compreender as causas desse movimento. Leone (2014) afirma que para determinar as características do fundamentalismo religioso não basta a definição dos dicionários e das enciclopédias, sendo:

[...] necessário igualmente se interrogar sobre uma questão mais espinhosa: os sintomas do fundamentalismo, seus signos, sua maneira de se relacionar no mundo, se eles se manifestam mesmo nos domínios, nos círculos, nas instituições que nós acreditaríamos completamente ao abrigo desse fenômeno? (LEONE, 2014, p. 8)

Em nosso trabalho, não nos restringiremos a essas notas relativas a um contexto concebido como externo ao texto. Temos como um de nossos objetivos analisar os mecanismos de construção dos sentidos a partir dos quais, no interior

das charges do *Charlie Hebdo*, é construído o corpo do fanático islâmico ao modo de uma avaliação pejorativa maximizada. Com base nos textos examinados num contexto pensado e produzido como um referente interno, será possível depreender, a partir de uma análise semiótica, a visão do jornal em relação ao fundamentalismo religioso e islâmico. Greimas e Courtés (2016, p. 413) assim definem o referente, que reúne essas notas de estudos pautadas pelas questões discursivas: “os objetos do mundo ‘real’, que as palavras das línguas naturais designam.”

1.4 O *corpus* de análise

O *corpus* de análise é composto por um conjunto de 8 charges publicadas pelo *Charlie Hebdo* no intervalo de 8 de fevereiro de 2006 a 6 de janeiro de 2016. Os textos selecionados têm como tema as vicissitudes de um tempo e de um espaço afetados pelo fundamentalismo islâmico. Esse período de publicação foi escolhido porque a primeira charge tem como referência o início do conflito entre o *Charlie Hebdo* e os extremistas. Em 8 de fevereiro de 2006, o jornal francês, em protesto, reproduziu charges de Maomé que haviam sido publicadas pelo jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* e já na época tinham causado muita revolta por parte da comunidade muçulmana, mais especificamente pelos fundamentalistas islâmicos. Além de divulgar essas charges, o *Charlie Hebdo* estampou na capa dessa edição uma imagem satirizando o ocorrido.

Ademais, se a primeira charge do *corpus* marca o início de uma “batalha” ética, de um lado, e armada, do outro, entre sujeitos axiológicos distintos, o último texto a ser analisado, que relembra um ano do atentado à sede do jornal, pode auxiliar na investigação sobre o fato de o *Charlie Hebdo* ter se mantido em conjunção com os mesmos valores de outrora a respeito do fundamentalismo.

Diferentemente da primeira charge, temos a hipótese, devido à ausência de Maomé e de símbolos explícitos do Islã na figurativização do fundamentalismo, de que há uma eventual diferença no modo de discursivizar o mesmo tema.

Todas as charges a serem analisadas foram publicadas nas capas do jornal ou em edições especiais, seis delas têm como principal ator o profeta muçulmano Maomé; nesse escopo, cinco dessas charges foram publicadas antes do atentado e uma logo em seguida. Não examinaremos todas as charges do *Charlie Hebdo* sobre o fundamentalismo publicadas no período destacado, por acreditarmos que as

escolhidas possibilitam a reconstrução do momento histórico no qual foram gerados os atritos de maior importância entre o jornal e os fanáticos religiosos, e que tiveram como resultado a morte de 12 pessoas.

Com relação ao tema das vicissitudes de uma contemporaneidade afetada pelo fundamentalismo islâmico, foram selecionadas duas charges consideradas pela direção do *Charlie Hebdo*, como aparentemente isentas dos valores ideológicos do jornal. Elas se baseavam em dados biográficos do profeta do Islã, conforme relato a ser apresentado mais adiante no histórico que atravessa a publicação das charges. A incorporação desses dois textos em nosso *corpus* foi feita para que possamos analisar a possibilidade de uma enunciação construir o simulacro de ser “isenta” (por parte do jornal). Ou simulacro de impacto, tendo em vista o fato de o agravante da crise terrorista estar relacionado à reprodução de imagens de Maomé, algo considerado um tabu para a religião islâmica.

1.5 O histórico que atravessa as charges

Voltemos às práticas sociais. À tragédia ocorrida na redação do *Charlie Hebdo* em janeiro de 2015, antecede uma série de conflitos que anunciavam um possível ato terrorista contra o jornal. Houve uma longa temporada de provocações entre o semanário e os fundamentalistas islâmicos, até que as ameaças dos jihadistas⁴ se concretizassem pelo atentado em Paris. No entanto, o início dessa história não se dá exatamente na França, onde o jornal é publicado. Em 2005, o jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* publicou uma série de caricaturas de Maomé em sua primeira página, entre as quais aparece uma em que o profeta contém uma bomba em seu turbante. Essa imagem foi a mais criticada e causou maior tensão com a comunidade muçulmana. Assim se apresenta a progressão dos fatos históricos que atravessam as charges.

A publicação dessas charges teve diversos desdobramentos diplomáticos entre os países muçulmanos e a Dinamarca, com a crise se agravando nos meses subsequentes à publicação do jornal dinamarquês. Protestos de muçulmanos se intensificaram pelo mundo, principalmente, no Oriente Médio. Por outro lado, a

⁴ A palavra *jihad*, em árabe, significa “esforço”, “luta”. Embora, originalmente, não fosse associada com a violência, passou a ter uma conotação de luta armada e violenta com a expansão de grupos terroristas. Ao utilizarmos esse termo e seus variantes, estamos nos referindo a essa última acepção.

imprensa de 50 países republicou as polêmicas caricaturas em solidariedade ao jornal *Jyllands-Posten* (DIÁRIO..., 2011⁵).

O *Charlie Hebdo* foi um dos jornais a republicar as caricaturas, indo além, ao apresentar na mesma edição, de fevereiro de 2006, uma charge de Maomé, de autoria de Cabu [Jean Cabut], na qual se narrava: “*Mahomet débordé par les intégristes*” [“Maomé farto dos integristas”]. O profeta muçulmano, visivelmente irritado diz: “*C’est dur d’être aimé par des cons...*” [“É duro ser amado por idiotas...”] (Charge 1, Anexo A, p. 175).

Charge 1

Fonte: *Charlie Hebdo*, 08/02/2006, nº 712. Capa

Essa é uma crítica do jornal aos atos violentos praticados pelos seguidores da religião muçulmana devido à publicação das charges pelo jornal dinamarquês. Assim se robustece a polêmica interdiscursiva sobre a possibilidade ou não de representar Maomé.

Ainda com o histórico que atravessa as charges, vemos que além de ameaças, essa publicação gerou processos judiciais contra o *Charlie Hebdo*; todavia, como relata o próprio diretor da revista na época, a justiça francesa

⁵ DIÁRIO da Dinamarca foi primeiro a publicar caricaturas. **O Estado de São Paulo**. 2011. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,diario-da-dinamarca-foi-primeiro-a-publicar-caricaturas-imp-,793932>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

favoreceu o jornal em relação aos pedidos impetrados por muçulmanos que se sentiram ofendidos com a publicação (CHARBONNIER, 2015).

Mesmo com a forte violência, constantes ameaças e a repercussão na mídia e comunidade muçulmana, o semanário prosseguiu com a publicação de charges sobre os acontecimentos relacionados ao fundamentalismo. Nelas, Maomé aparece como ator do enunciado satirizado. O *Charlie Hebdo*, desde a publicação da charge de Cabu (Charge 1, Anexo A, p. 175), em 08 de fevereiro de 2006, publicou diversas outras charges de Maomé, inclusive retratou o profeta nu para criticar a violência gerada devido à publicação de um curta na internet a respeito dos muçulmanos e intitulado “*Innocence of Muslims*” [“Inocência dos Muçulmanos”], de 2012. Contudo, embora haja várias charges relacionadas à polêmica entre o *Charlie Hebdo* e a comunidade muçulmana, não será possível analisar todas elas. Entretanto, a partir da noção de totalidade, que sustenta a unidade do estilo, não precisamos da totalidade numérica (todas as charges) para depreender o modo *Charlie Hebdo* de habitar o mundo (DISCINI, 2015a).

Ainda com as práticas sociais: em 2011, uma nova polêmica foi estabelecida entre os muçulmanos e os chargistas. O *Charlie Hebdo* publicou uma charge em que Maomé aparecia como o Redator-Chefe da publicação e condenava a *charia* ⁶de forma satírica (Charge 2, Anexo B, p. 176).

⁶ A charia é um conjunto de leis que tem como princípios o Alcorão e a religião islâmica.

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*, 02/11/2011, nº 1011. Capa.

A capa produzida pelo chargista Luz [Rénald Luzier] tinha como direção criticar a instalação da charia, lei de princípios religiosos, em países como a Tunísia e a Líbia. O jornal anunciou antecipadamente a publicação dessa edição especial, como anuncia o trecho abaixo:

A fim de festejar dignamente a vitória do partido islâmico Ennahda na Tunísia e a promessa do presidente do CNT que a charia seria a principal origem de legislação da Líbia, Charlie Hebdo propôs a Maomé de ser o redator-chefe excepcionalmente em seu próximo número (MAHOMET..., 2011⁷, tradução nossa⁸).

O jornal ironiza o universo fundamentalista na edição que seria ainda publicada e emite a seguinte nota: “O profeta do Islã não orou para aceitar e nós o agradecemos” (MAHOMET..., 2011). Esse episódio criou tensão antes mesmo de a publicação ser distribuída nas bancas. Além da capa, a edição de número 1011 divulgou em seu conteúdo um “editorial de Maomé” sob o título “*L’apéro Hala!*”, cuja

⁷ MAHOMET rédacteur en chef du prochain Charlie Hebdo. RTL. Paris, 2011. Disponível em: <<http://www.rtl.fr/actu/mahomet-redacteur-en-chef-du-prochain-numero-de-charlie-hebdo-7731126587>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

⁸ Traduzido livremente do francês: “Afin de fêter dignement la victoire du parti islamiste Ennahda en Tunisie et la promesse du président du CNT que la charia serait la principale source de législation de la Libye, Charlie Hebdo a proposé à Mahomet d’être le rédacteur en chef exceptionnel de son prochain numéro”.

tradução literal seria: “um aperitivo permitido”. Esse editorial contém algumas charges em que se criticam a “leveza da charia” (*Charia Molle*) e o papel da mulher na charia (*Charia Madame*). Na última página, Maomé aparece com um nariz de palhaço e diz: “Sim, o Islã é compatível com o humor” (CHARLIE, 2011⁹, tradução nossa¹⁰).

A publicação da imagem de Maomé aparentemente bem-humorado, dizendo “*100 coups de fouet si vous n’est pas mort de rire!*” [“100 chibatadas se você não morrer de rir”], provocou a fúria dos muçulmanos. Na madrugada do dia 02 de novembro de 2011, data de publicação da edição, a redação do jornal sofreu um incêndio criminoso, provocado por um coquetel molotov que destruiu cerca de 70% de suas instalações. Além disso, o sítio eletrônico do *Charlie Hebdo* foi invadido por *hackers* que publicaram uma foto de Meca e deixaram mensagens do Alcorão (REDAÇÃO..., 2011¹¹). Uma semana após o atentado, o jornal satírico francês publicou uma edição em que o *Charlie Hebdo*, figurativizado por um homem, beija a boca de um muçulmano e diz: “*L’amour est plus fort que la haine*” [“O amor é mais forte que o ódio”] (Edição nº 1012, de 09/11/2011).

Nem a série de ameaças, nem mesmo o atentado incendiário, fizeram com que os chargistas recuassem. O *Charlie Hebdo* deu continuidade à publicação de charges de Maomé. Seu diretor na época, Charb [Stéphane Charbonnier], publicou em 02 de janeiro de 2013, juntamente com Zineb [Zineb El Rhazoui], socióloga franco-marroquina das religiões, uma edição especial (Charge 3, Anexo C, p. 177), com a primeira parte da biografia de Maomé em forma de história em quadrinhos, em que diz: “*La vie de Mahomet*”: “*1^{ère} partie*”: “*Les débuts d’un prophète*” [“A vida de Maomé”: “Primeira parte”: “Os primórdios de um profeta”].

⁹ CHARLIE Hebdo se rebaptise “Charia Hebdo”. **Le Figaro**. Paris, 2011. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/medias/2011/11/01/04002-20111101ARTFIG00298--charlie-hebdo-se-rebaptise-charia-hebdo.php>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

¹⁰ Traduzido livremente do francês: “Oui, l’islam est compatible avec l’humour”.

¹¹ REDAÇÃO do jornal satírico francês é incendiada. **RFI**. Paris, 2011. Disponível em: <<http://br.rfi.fr/franca/20111102-redacao-de-jornal-satirico-frances-e-incendiada>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

Charge 3

Fonte: *Charlie Hebdo*, 02/01/2013. Edição Especial. Capa.

Segundo o editor do *Charlie Hebdo*, a publicação seria “Totalmente Halal”, ou seja, totalmente permitida, segundo os preceitos muçulmanos. No entanto, o assessor político do premiê turco, Ibrahim Kalin, considerou a publicação “Uma provocação” e aconselhou os muçulmanos a ignorá-la. (VIDA..., 2013¹²).

Embora a coautora Zineb tenha declarado ser “um livro muito sério” sobre a vida de Maomé, a partir de fontes islâmicas, e que Charb não considerava a publicação ofensiva, Kalin declarou: “Transformar a vida do profeta do Islã em personagem de HQ, em si, é errado” (VIDA..., 2013). Semioticamente, temos a constituição do corpo enunciatário-leitor, movido pelos “valores de absoluto” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001).

Na primeira parte da biografia (Charge 3, Anexo C, p. 177), a história é relatada a partir do nascimento de Maomé e vai até o momento da revelação. Na segunda parte (Charge 4, Anexo D, p. 178), publicada em junho de 2013, Charb e Zineb contam os grandes acontecimentos e outros menos gloriosos que marcaram a vida do profeta, tais como sua viagem de Meca à Jerusalém e os momentos de

¹² VIDA de Maomé em quadrinhos provoca polêmica. **DW BRASIL**. 2013. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/vida-de-maom%C3%A9-em-quadrinhos-provoca-pol%C3%AAmica/a-16492820>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

guerra (CHARLIE..., 2013¹³). O narrador diz o seguinte: “*La vie de Mahomet*”: “*2ème partie*”: “*Le prophète de L’Islam*” [“A vida de Maomé”: “Segunda parte”: “O profeta do Islã”].

Charge 4

Fonte: *Charlie Hebdo*, junho de 2013. Edição Especial. Capa.

Dando continuidade à linha editorial que inclui o combate ao extremismo religioso através de charges do profeta Maomé, o *Charlie Hebdo* publicou uma edição em 1º de outubro de 2014 para criticar a violência praticada pelo grupo terrorista do Estado Islâmico. Nessa charge, de autoria de Charb [Stéphane Charbonnier] (Charge 5, Anexo E, p. 179), Maomé encontra-se ajoelhado e um terrorista segura a sua cabeça com uma mão e com a outra o ameaça com uma faca em seu pescoço. A imagem sugere que, se Maomé retornasse, seria também perseguido pelos extremistas e considerado infiel. O narrador anuncia: “*Si Mahomet revenait...*” [“Se Maomé retornasse...”]. Maomé, figurativizado como refém, diz: “*Je suis le prophète, abruti!*” [Eu sou o profeta, estúpido!], e o jihadista responde: “*Ta gueule, infidèle!*” [Cala boca, infiel!].

¹³ CHARLIE Hebdo publie le second tome de “*La vie de Mahomet*”. **20 minutes**. 2013. Disponível em: <<http://www.20minutes.fr/medias/1179361-20130624-20130624-charlie-hebdo-publie-second-tome-la-vie-mahomet>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*, 01/10/2014, nº 1163. Capa.

A capa critica, por meio da figurativização, que é ancorada sincreticamente no plano da expressão, a execução de “infiéis”, amplamente divulgada pelos grupos terroristas. Do mesmo modo como as anteriores, essa publicação foi alvo de discussão. Charlie..., 2014¹⁴, uma matéria sobre a charge do jornal *The Cairo Post online*, da mídia egípcia, lembrou que, para alguns sunitas islâmicos, a representação de Maomé em filmes e imagens é proibida. Para políticos entrevistados, a publicação beneficia o Estado Islâmico (EI) e outros grupos terroristas semelhantes. Esses dados que não apenas contornam a charge, mas constituem seu referente interno de mundo.

Para Charb, também entrevistado pelo *The Cairo Post* (CHARLIE..., 2014, tradução nossa¹⁵), “o EI falhou ao entender conceitos do Islã a ponto de considerarem o profeta muçulmano infiel.” O chargista ainda comentou sobre a crise do Estado Islâmico, dizendo que esse Estado pode ser visto sob duas perspectivas: “A primeira é que o EI é a ‘traição do Islã’, e a segunda é que as primeiras vítimas desses terroristas são os próprios muçulmanos.” Charb completa afirmando:

¹⁴ CHARLIE Hebdo chief: caricature of Prophet Mahomet against IS, not Islam. *The Cairo Post*. Cairo, 2014. Disponível em: <<http://thecairopost.youm7.com/news/126513/news/charlie-hebdo-chief-caricature-of-prophet-mohammed-is-against-is-not-islam>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

¹⁵ Traduzido livremente do inglês: “IS has failed to understand the concepts of Islam to a point where they could consider the Muslim prophet an infidel”; “The first one is IS’s “betrayal of Islam,” and the second one is that the first victims of those terrorists are Muslims themselves.”; “Terrorists betray the message of the prophet”.

“Terroristas traem a mensagem do profeta”. As práticas sociais interagem com a imanência do discurso.

O conflito entre extremistas e chargistas chega a seu ápice. Após publicar as charges apresentadas e outras polêmicas, a sede do *Charlie Hebdo* foi atacada por dois jihadistas. No dia 7 de janeiro de 2015, na manhã de uma quinta-feira, dois homens encapuzados foram responsáveis pelo “bárbaro ataque” ao jornal parisiense que deixou 12 vítimas. Entre os mortos, estavam jornalistas, cartunistas e policiais (7...2015¹⁶).

O ataque chamou a atenção para a edição posterior, logo após o atentado. Havia uma expectativa por parte da imprensa francesa e internacional em relação à próxima capa do jornal. Então, no dia 14 de janeiro de 2015, a edição do *Charlie Hebdo* chegou às bancas. A “edição dos sobreviventes”, como ficou conhecida, estampou na capa mais uma vez a figura de Maomé, desenhada pelo chargista Luz [Rénald Luzier] (Charge 6, anexo F, p. 180). Abaixo do nome do jornal, a seguinte indicação: “*Journal irresponsable*” [“Jornal irresponsável”]. No alto do enunciado, a voz do narrador: “*Tout est pardonné*” [“Tudo está perdoado”]. Maomé segura um cartaz, no qual diz: “*Je suis Charlie*” [“Eu sou Charlie”].

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*, 14/01/2015, nº 1178. Capa.

A capa em homenagem aos mortos no ataque faz uma alusão intertextual com a charge que causara o atentado incendiário (Charge 2, Anexo B, p. 176).

¹⁶ 7 de janeiro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 08 de jan. de 2015. Opinião, p. A2.

Assim se explica a alusão intertextual: é a imitação eventual de um texto fonte. Nela, os traços caricaturados de Maomé, outrora figurativizados com muito humor, agora têm as marcas de muita tristeza e dor. Tais marcas assim se identificam: o olhar fixo, porém, perdido, desorientado de Maomé; os lábios caídos e a solitária lágrima que escorre de seu olho esquerdo.

O chargista responsável pela capa da edição dos sobreviventes deixa, em maio de 2015, a redação do *Charlie Hebdo*. Em entrevista, ele explicou os motivos de sua decisão (CARTUNISTA..., 2015¹⁷):

Chegou o momento em que era simplesmente demais para aguentar. Não havia quase ninguém para desenhar as charges. Acabei fazendo três ou quatro capas. Cada tiragem foi uma tortura porque os outros não estão mais lá”, disse Luz, que vive sob proteção policial. Ele citou a pressão do trabalho e o escrutínio da mídia como os principais motivos para deixar o semanário.

O *Charlie Hebdo* prosseguiu sua pauta antiterrorismo. Em novembro de 2015, a França sofreu um novo atentado, de proporções ainda maiores do que aquele na sede do jornal. Identificado como o maior atentado terrorista do Ocidente, após 11 de setembro, dezenas de pessoas foram mortas em diversos ataques simultâneos na região de Paris (CAMUS, 2015). O jornalista relata que, além dos 153 mortos, houve dezenas de feridos durante os ataques ocorridos em pontos diferentes da cidade, onde houve tiroteios e explosões. O local com o maior número de vítimas foi a casa de *shows* Bataclan, onde estava sendo realizada uma apresentação da banda americana *Eagles of Death Metal*. No dia seguinte ao atentado, o Estado Islâmico assumiu a autoria e publicou um comunicado informando que os alvos foram escolhidos antecipadamente, ficando a casa de *shows Bataclan* na mira dos terroristas porque “centenas de idólatras se reuniam em uma festa de perversidade” (PARIS..., 2015¹⁸).

É a partir desse novo atentado que o *Charlie Hebdo* publica, no dia 18 de novembro de 2015, a charge com o seu ponto de vista sobre os acontecimentos do dia 13 de novembro daquele ano (Charge 7, Anexo G, p. 181).

¹⁷ CARTUNISTA do Charlie Hebdo anuncia que deixará publicação. **G1**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/05/caricaturista-da-charlie-hebdo-anuncia-que-deixara-publicacao.html>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

¹⁸ PARIS: Estado Islâmico divulga comunicado após atentados que mataram 127. **Pragmatismo político**. 2015. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/11/paris-estado-islamico-divulga-comunicado-apos-atentados-que-mataram-127.html>>. Acesso em 28 abr. 2017.

Charge 7

Fonte: *Charlie Hebdo*, 18/11/2015, nº 1217. Capa.

Nela, a cartunista Corinne Rey, mais conhecida como Coco, desenhou uma das vítimas perfurada por balas, de onde escorre o champanhe que ela bebe. No alto da capa aparece a seguinte frase: “*Ils ont les armes*” [“Eles têm as armas”] e logo abaixo: “*On les emmerde, on a le champagne!*” [“Que eles se danem, nós temos o champanhe!”].

Ao completar um ano do atentado de janeiro de 2015, o *Charlie Hebdo* publicou uma charge para relembrar o episódio. A capa de 6 de janeiro de 2016 (Charge 8, Anexo H, p. 182) é ocupada por uma figura divina, identificada pelo símbolo do olho da providência, mas também assassina, por portar uma arma e ter manchas de sangue em suas vestes e mãos. Nela, o atual diretor do jornal, Riss [Laurent Sourrisseau] critica o fato de os assassinos¹⁹ continuarem soltos: “*1 an après*”: “*L’assassin court toujours*” [“1 ano depois”: “O assassino continua solto”].

¹⁹ A palavra “assassinos” não se refere literalmente aos algozes do *Charlie Hebdo*, os irmãos Kouachí, mas ela indica que a religião de forma geral, representada nas figuras divinas, é responsável indiretamente pelas mortes praticadas pelo terrorismo, que busca nessa doutrina a justificativa para cometerem atos criminosos.

Charge 8

Fonte: *Charlie Hebdo*, 06/01/2016, nº 1224. Capa.

A islamofobia também foi tema do jornal, que polemizou sobre a situação dos refugiados sírios que atravessaram em massa o mar mediterrâneo em busca de refúgio na Europa. A morte do menino Aylan – símbolo dessa crise migratória –, afogado em uma praia turca, foi destaque de capa em uma de suas edições, tendo repercussão negativa por boa parte da imprensa e da sociedade. A representação do atentado em Bruxelas, em março de 2016, também não foi bem aceita, conforme divulgado na mídia nacional e internacional.

Essas charges não serão analisadas neste trabalho, mas ajudam a traçar e melhor compreender o desenrolar desse contexto histórico-midiático dos acontecimentos que atravessam as charges publicadas pelo *Charlie Hebdo*. Embora, o semanário francês tenha outras edições sobre o tema terrorismo de origem fundamentalista islâmica, como o que ocorreu em Nice no dia 14 de julho de 2016, analisaremos, conforme especificado anteriormente, apenas as 8 charges enumeradas nesse histórico, por entendermos ser o suficiente para reconstruir semioticamente a narrativa dos conflitos entre esses sujeitos ambíguos.

É a partir desse histórico, no qual se opõe a liberdade de expressão do *Charlie Hebdo* e a opressão dos extremistas, gerando também diversos questionamentos sobre a preservação e o respeito à fé muçulmana, que pretendemos analisar as charges contextualizadas. Mas a charge é um gênero discursivo – já que ninguém fala, a não ser por meio de gêneros.

1.1.1 A noção de gênero em BAKHTIN

O uso da linguagem está presente nos “diversos campos da atividade humana”, conforme Bakhtin (2003, p. 261) nos ensina. Assim como a atividade humana se apresenta de maneira ampla, em diversos campos, a linguagem será produzida também na mesma escala. Dessa forma, Bakhtin (2003, p. 262, *itálico do autor*) aponta que “cada campo de utilização da língua” é capaz de produzir “*tipos relativamente estáveis* de enunciados”, que foram denominados pelo autor de “gêneros do discurso”.

A riqueza e a diversidade dos gêneros dos discursos são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Se somos capazes de produzir gêneros do discurso com certa estabilidade e ao mesmo tempo sem limitações, somos também capazes de identificá-los e de categorizá-los dentro da infinidade dos tipos existentes. Com isso, cartas, romances, novelas, receitas, jogos, ou placas de trânsito são gêneros que possuem características peculiares e que são reconhecidos por nós, seus emissores e receptores.

Dentro desse conjunto de gêneros, encontramos também a charge, objeto de nosso estudo. Pretendemos, pois, aprofundar o conhecimento sobre as características comuns desse gênero, base da comunicação entre o *Charlie Hebdo* e seus interlocutores. Sabendo ser possível distinguir esse gênero entre os demais, é nosso objetivo estudá-lo a partir de noções de origem bakhtiniana, como as de dialogismo, intertextualidade e carnavalização. Dedicaremos maior atenção a esses conceitos, para mais adiante obtermos como resultado a definição de charge.

Começaremos por introduzir a concepção de dialogismo proposta por Bakhtin (1995). Para o autor, o dialogismo é uma relação produzida por meio da interação verbal que ocorre ao se levar em consideração as relações sociais estabelecidas nas línguas entre sujeitos. Um indivíduo somente produz um enunciado quando tem a possibilidade de interagir com outro, sem a necessidade de que o último esteja

presente concretamente na comunicação. Para compreender melhor tal ideia, vejamos a definição bakhtiniana de enunciação, como atividade dialógica:

[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra* dirige-se a um *interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (BAKHTIN, 1995, p. 112, *italico do autor*).

Toda interação verbal, numa enunciação, é dialógica e pode ocorrer com maior ou menor intensidade, de acordo com a relação social que é mantida entre os indivíduos ou grupos sociais. O indivíduo por si só não é capaz de produzir a linguagem. Segundo Bakhtin (1995, p. 112), não “pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado”, uma vez que para nos expressarmos é necessária a conexão com o meio social.

Na maior parte dos casos, é preciso supor além disso um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito (BAKHTIN, 1995, p. 112).

O dialogismo ocorre de modo constitutivo na linguagem. Quando há uma interação verbal entre o enunciador e o enunciatário do gênero do discurso, a qual se dá pelo meio social, realiza-se o dialogismo constitutivo da linguagem. No entanto, como aponta Barros (2003, p. 4), há ainda outro dialogismo considerado por Bakhtin, quando há o “diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto”. Esse tipo de dialogismo é chamado de intertextualidade. Segundo Fiorin (2006b), a intertextualidade é um dialogismo mostrado, enquanto a interdiscursividade é todo tipo de dialogismo ocorrido entre enunciados.

De acordo com Fiorin (2006b), o termo intertextualidade ganha notoriedade graças à semioticista Júlia Kristeva. O autor explica que ela analisou obras de Bakhtin, como *Problemas da poética de Dostoiévski* e *François Rabelais*, e recuperou desses estudos a noção de intertextualidade. Comprova-se que Bakhtin

foi o primeiro a considerar a intertextualidade como “procedimento real de constituição do texto”. (FIORIN, 2006b, p. 163). Na concepção do autor, a intertextualidade de origem bakhtiniana é:

Qualquer referência ao Outro, tomado como posição discursiva: paródias, alusões, estilizações, citações, ressonâncias, repetições, reproduções de modelos, de situações narrativas, de personagens, variantes linguísticas, lugares comuns etc (FIORIN, 2006b, p. 165).

Greimas e Courtés (2016) também mencionam Bakhtin como o precursor do conceito de intertextualidade. Na definição dos autores, a intertextualidade:

“[...] implica, com efeito, a existência de semióticas (ou de ‘discursos’) autônomas no interior das quais se sucedem processos de construção, de reprodução ou de transformação de modelos, mais ou menos implícitos” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 272).

Foi a partir da análise da obra de François Rabelais que Bakhtin introduziu outro termo para o estudo da linguagem, a carnavalização. Para o autor russo, “o romance de Rabelais deve ser a chave dos esplêndidos santuários da obra cômica popular” (BAKHTIN, 2008, p. 03). Bakhtin estuda a cultura popular da Idade Média e do Renascimento a partir da obra do escritor francês, examinando, nesse contexto, a cultura carnavalesca. O carnaval, segundo Bakhtin (2008, p. 07, *itálico do autor*), é a “segunda via do povo, baseada no princípio do riso. É a sua *vida festiva*. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de ritos e espetáculos cômicos da Idade Média”.

Ao analisar o comportamento das pessoas durante esse momento festivo, o carnaval, Bakhtin (2008, p. 09) identificou na obra de Rabelais numerosas amostras de uma linguagem típica do carnaval, “capaz de expressar as formas e símbolos do carnaval e de transmitir a percepção carnavalesca do mundo peculiar, porém complexa, do povo”. O termo criado por Bakhtin possibilita identificar como as relações humanas dentro do universo carnavalesco podem explicar a linguagem que tem como origem o riso e comportamentos grotescos que buscam a conjunção com a liberdade de ideias e a disjunção com os princípios religiosos e morais muito presentes no período examinado pelo autor russo.

Os conceitos bakhtinianos brevemente definidos neste trabalho contribuirão para que o gênero “charge”, objeto de nosso estudo, seja definido entre os demais

gêneros do discurso. Nossa hipótese é de que há um resíduo de carnavalização nas charges, sendo possível amparar a emergência do “estilo do gênero” (DISCINI, 2012).

1.1.2 Notícias sobre o gênero discursivo “charge”

A charge é um gênero discursivo veiculado, principalmente, pela imprensa, tendo por objetivo apresentar um fato ou acontecimento de interesse público sob o viés cômico e satírico. A palavra “charge” tem origem no verbo francês *charger* que tem como significado carregar, exagerar. A charge “exagera o caráter de alguém ou de algo para torná-lo ridículo, representação exagerada e burlesca, caricatura” (HOUAISS, 2009).

O gênero “charge”, geralmente, é composto de segmento verbal e de segmento visual em sincretismo, com o primeiro, às vezes, ausente. As charges do meio impresso também se destacam em outras mídias e podem ter sons e movimentos. No entanto, são elementos básicos na composição das charges o humor e a crítica.

Encontramos esse gênero em jornais impressos e *online* e em outras mídias, tais como *Instagram*, *Twitter*, *blogs*, entre outros. No caso das publicações nos jornais impressos na versão *online*, as charges são publicadas “diariamente na página destinada ao editorial do veículo”, segundo Parnaíba e Gobbi (2014). As autoras ainda afirmam:

Esta localização privilegiada destaca a charge dos demais formatos de humor gráfico presentes no jornal, fazendo-a mais ‘séria’ no contexto jornalístico do que os outros formatos. Estar na página do editorial significa fazer parte da ala deliberadamente opinativa da publicação.

A charge jornalística, como aponta Rabaça (2014, p. 43), é “interpretativa e crítica” e assim “pode ter, às vezes o peso de um *editorial*”. A charge é sempre utilizada para essa finalidade, ela, então, se torna “intérprete direta do pensamento do veículo que a publica”. Entretanto, do lugar da semiótica, não podemos falar em “interpretação direta”. Tudo é semioticamente simulacro. Naquela mesma linha de pensamento, Kurtz (2009, p. 66) diz que o fato de a charge ter uma tendência a

desvirtuar o “potencial reflexivo e progressista da chamada opinião ilustrada” permite postular o conceito de “charge ideológica”, que busca:

[...] destruir simbolicamente a imagem de seus opositores, sempre a serviço da opinião do veículo, de sua linha editorial e ideológica, ainda que busque uma relação de empatia e cumplicidade com seu público alvo, no âmbito da cultura local onde se insere (KURTZ, 2009, p. 66).

Do lado da semiótica, todo discurso é ideológico. Não apenas a charge. Toda charge tem, pois, um componente ideológico. A charge se define como um gênero do discurso com características específicas que a distinguem dos demais.

Devido a Bakhtin (1995), sabemos que todo texto é produzido a partir de uma relação dialógica, em que há uma interação verbal entre um enunciador e um enunciatário. Portanto, a charge, como gênero do discurso já pressupõe essa relação no meio social em que é elaborada.

A charge produzida pelo *Charlie Hebdo* tem como enunciadores os chargistas, responsáveis pela propagação dos valores ideológicos do jornal, e que se dirigem aos leitores (enunciatários), não somente aos assíduos, mas também aos eventuais, que o jornal alcança, tendo em vista a fácil e rápida circulação de informação na era do mundo globalizado e altamente informatizado.

A interação verbal prevista por Bakhtin (1995) para explicar a relação gerada na formação de textos atinge proporções anteriormente inalcançadas com a era da informática. As charges do *Charlie Hebdo*, longe de serem meros produtos do meio social no qual os chargistas estão inseridos, reconstroem em seu interior esse mundo. Graças à internet e à globalização, os chargistas têm a oportunidade de aproximar os valores axiológicos do Ocidente e do Oriente em um único espaço, o da enunciação conflituosa. Esses dois espaços com culturas tão distintas e que pareciam tão distantes na contemporaneidade entram em uma relação dialógica mais intensa e polêmica para se transformarem em discursos satíricos nas mãos dos chargistas.

Para construir as charges, o chargista utiliza como recurso a interdiscursividade; seja a interdiscursividade com o mundo que parece externo, os eventos que se sucedem na realidade do meio social, ou ainda a que o próprio jornal ou mídia disponibiliza através de seus editoriais e conteúdo informacional. Não há dicotomia entre exterior e o interior para a semiótica, para a qual “mundo natural” é

“o parecer segundo o qual o universo se apresenta ao homem como um conjunto de qualidades sensíveis, dotado de certa organização que faz com que o designemos por vezes como ‘mundo do senso comum’” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 324). A propriedade discursiva de reconstruir mundos está presente não somente nesse gênero, mas em outros, pautados pelas relações dialógicas.

As relações dialógicas, conforme concepção bakhtiniana, são o produto da interação verbal entre dois sujeitos (o *eu* e o *tu*). Isso faz pressupor, em todos os discursos, a presença não somente de seu enunciador, mas também de um direcionamento para a palavra do *outro*, uma vez que a linguagem é construída socialmente. Conforme explica Fiorin (2006b, p. 181), há “uma distinção entre as relações dialógicas” e os termos “interdiscursividade” e “intertextualidade” presentes nessas relações são diferentes. Este último apenas se materializa quando assume a forma de textos imitados, o que não ocorre com a interdiscursividade.

As diferenças entre interdiscursividade e intertextualidade estão na forma como o *outro* é incorporado no discurso. Enquanto naquela o *outro* está presente pelo fato de que todo discurso é construído com base em uma relação dialógica, a intertextualidade, embora também seja uma forma de interdiscursividade, difere-se desta, pois o *outro* não é somente citado, mas se faz presente materialmente no texto.

Nas charges, a interdiscursividade está sempre presente, mas a intertextualidade é eventual. Em nosso *corpus*, temos como exemplo de intertextualidade a charge 5 (Anexo E, p. 179) e a charge 6 (Anexo F, p. 180).

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*,
01/10/2014, nº 1163. Capa.

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*,
14/01/2015, nº 1178. Capa.

Na primeira, há uma intertextualidade com os vídeos de execução de reféns do Estado Islâmico, divulgados pelo grupo terrorista na internet para disseminar sua ideologia, conforme uma das diversas reportagens publicadas pela mídia sobre o assunto (SAIBA..., 2014²⁰). Na segunda, podemos identificar a intertextualidade com o movimento denominado “*Je suis Charlie*” [“Eu sou Charlie”] que se tornou um símbolo da liberdade de expressão e de solidariedade às vítimas do ataque terrorista de 7 de janeiro de 2015, representado no cartaz que Maomé segura.

Outro conceito bakhtiniano próximo da noção de gênero é a carnavalização, um movimento que nega a seriedade e a formalidade dos costumes impostos pela igreja e pelas regras sociais vigentes na Idade Média e no Renascimento, como explica Bakhtin (2008, p. 3-4):

O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro da sua diversidade, essas formas e manifestações – as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e multiforme, etc. – possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura

²⁰ SAIBA mais sobre David Haines, refém britânico morto por islamitas na Síria. G1. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/09/saiba-mais-sobre-david-haines-refem-britanico-morto-por-islamitas-na-siria.html>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca, una e indivisível.

Consideramos que a charge traz um leve resíduo do conceito de carnavalização, pois nega também a seriedade e as formalidades que geralmente encontramos nos jornais em outros gêneros como reportagem e manchete. A charge é um gênero discursivo, dentre os gêneros jornalísticos, em que a sátira é empregada para informar. Dizemos resíduo, pois não é a carnavalização pujante de um Rabelais.

As formas utilizadas são levemente próximas às que encontramos na carnavalização demonstrada por Bakhtin (2008). Na referência a bufões, tolos, gigantes, anões, monstros e palhaços que Bakhtin faz, é possível encontrarmos algumas semelhanças com as charges. Os atores presentes nos enunciados das charges assumem um viés desses personagens carnavalescos. Os atores do enunciado são representados por formas exageradas, seus defeitos físicos são destacados, transformando-se em anões, gigantes ou monstros, seus caracteres também são exaltados e, por vezes, são transformados pelos chargistas em tolos, na direcionalidade de criticar uma determinada personalidade ou de criticar uma atitude ou algum tipo de ideologia.

Exploraremos as charges de nosso *corpus*, no capítulo 3, para identificar como as noções bakhtinianas referidas podem ser relacionadas com o gênero. A construção da ironia, do humor, da sátira e da polêmica conduzirá essa investigação.

2. A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO: ENTRE A NARRATIVIDADE, A DISCURSIVIDADE, A TENSIVIDADE E O PLANO DA EXPRESSÃO.

A semiótica dita greimasiana é também conhecida como semiótica francesa ou ainda como semiótica discursiva. Ela recebeu o nome de Greimas porque ele, juntamente com o grupo de estudiosos da *École de Paris*, desenvolveu a teoria na década de 60, a partir das proposições de Ferdinand de Saussure em *Curso de Linguística Geral* (2012) sobre a significação; da concepção de Louis Hjelmslev em *Prolêgomenos a uma teoria geral* (2003) sobre o plano da expressão (PE) e o plano do conteúdo (PC); e também do modelo proposto por Vladimir Propp em seu livro *Morfologia do Conto Maravilhoso* (1984).

A contribuição proppiana para a semiótica greimasiana se deve ao estudo que o autor russo elaborou ao comparar o enredo de diversos contos de magia. O objetivo de Propp nessa análise era o de isolar “as partes constituintes dos contos de magia”, comparando-os “segundo suas próprias partes constituintes”, o que o levou a obter uma morfologia, com “uma descrição do conto maravilhoso segundo as partes que o constituem, e as relações destas partes entre si e com o conjunto” (PROPP, 1984, p. 25).

Propp criou, portanto, um mecanismo de identificação dos personagens e suas funções nas narrativas analisadas. Com o método criado pelo estudioso russo, foi possível identificar um padrão característico do sistema narrativo de todos os contos maravilhosos. Em consequência, a partir das observações proppianas, foi possível a Greimas criar uma teoria capaz de identificar as funções não somente dos contos maravilhosos, mas de todos os textos, conforme explica o autor:

[...] procuramos explorar a primeira definição de Propp, perguntando-nos em que medida ela podia ajudar na compreensão e justificação de um modelo atuacional mais geral, utilizável num maior número de descrições de micro-universos míticos (GREIMAS, 1973, p. 251-252).

Em seus estudos, Propp (1984) identifica trinta e uma funções na composição da narrativa dos contos maravilhosos; porém, Greimas (1973) se dedica a reduzir o número das funções propostas pelo autor russo por considerá-las demasiadamente numerosas. No modelo de análise semiótico é desenvolvido um esquema narrativo em que sujeitos relacionam-se entre si por meio de conjunções e disjunções e

objetos. O objeto, por sua vez, é associado a um valor (GREIMAS; COURTÉS, 2016). Esse ponto será esclarecido melhor no item “Narratividade”.

Para a criação da teoria semiótica, Greimas contou com os estudos de Saussure, o que explica a perspectiva estruturalista assumida por ele, uma vez que herdou do linguista genebrino o conceito de signo linguístico, de estrutura e de forma. Para Saussure (2012, p. 106), “a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos”. A unidade linguística foi denominada por Saussure de signo linguístico, que “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”.

Conceito e imagem acústica são dois termos indissociáveis, um precisa do outro. Para excluir ambiguidades sobre os termos, Saussure propôs a substituição desses termos por significado e significante, respectivamente (SAUSSURE, 2012).

Com seu estudo sobre o signo, Saussure (2012, p. 167) conclui que “na língua só existem diferenças”. Esse é um dos principais pontos da contribuição saussuriana para a semiótica desenvolvida por Greimas e concebida com base no princípio de que o sentido se constrói nas diferenças criadas pelas oposições semânticas, como bem demonstrado no nível fundamental do percurso gerativo do sentido.

A partir da obra de Saussure, Hjelmslev (2003) também contribuiu para a concretização da semiótica greimasiana. Seguindo o mesmo princípio do linguista genebrino para determinar o signo, o estudioso dinamarquês conceitua a função semiótica em duas grandezas: a expressão e o conteúdo (HJELMSLEV, 2003, p. 54):

A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque o conteúdo é uma expressão.

Hjelmslev (2003) explora os conceitos de Saussure (2012) e explica que toda expressão e todo conteúdo tem cada qual uma forma e uma substância. Conclui, portanto, que a “distinção entre a expressão e o conteúdo, e sua interação na função semiótica, são fundamentais na estrutura da linguagem” (HJELMSLEV, 2003, p. 62-63). Esses termos solidários entre si serão denominados pelo autor como plano da expressão e plano do conteúdo.

Os conceitos de plano da expressão e plano do conteúdo contribuíram para que a semiótica greimasiana pudesse distinguir os componentes do texto e fosse capaz de reconstituir o significado do todo a partir das partes.

É com base nos estudos desses e de outros autores que a semiótica francesa toma impulso na *École de Paris* e segue seu caminho científico na busca de novas formas de aperfeiçoamento para a análise do sentido. Surgem, desde então, estudos sobre a significação do visual e sobre a tensividade dos textos, mas despontam também outras vertentes da semiótica que contribuem para o avanço dessa teoria.

Pretende-se, neste capítulo, apresentar brevemente esses percursos da semiótica, a fim de situar o leitor sobre as escolhas feitas para a análise das charges, desenvolvida, em especial, no capítulo 4.

2.1 A semiótica greimasiana: o percurso gerativo do sentido

A semiótica criada por Greimas e seus colaboradores foi iniciada com uma metodologia de análise do texto que privilegiou a princípio o estudo do plano de conteúdo dos enunciados. Ao modelo concebido foi dado o nome de percurso gerativo do sentido, no qual “os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros de acordo com um ‘percurso’ que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 232).

O percurso gerativo do sentido é composto por três patamares: o fundamental, o narrativo e o discursivo; cada um deles possui um componente semântico e outro sintático, conforme o quadro a seguir:

Figura 1 – Percurso Gerativo

PERCURSO GERATIVO			
	componente sintático		componente semântico
Estruturas semionarrativas	nível profundo	SINTAXE FUNDAMENTAL	SEMÂNTICA FUNDAMENTAL
	nível de superfície	SINTAXE NARRATIVA DE SUPERFÍCIE	SEMÂNTICA NARRATIVA
Estruturas discursivas	SINTAXE DISCURSIVA Discursivização actorialização temporalização espacialização		SEMÂNTICA DISCURSIVA Tematização Figurativização

Fonte: Greimas e Courtés (2016, p. 235)

No nível fundamental, devem ser observadas as oposições semânticas do texto, tais como vida vs. morte, alteridade vs. identidade e natureza vs. cultura. Além de examinar essas oposições, é nesse nível que é possível determinar se elas adquirem um valor positivo, chamado de euforia, ou um valor negativo, chamado de disforia. Os valores são caracterizados como positivos ou negativos de acordo com o conteúdo do texto e não conforme a nossa própria concepção de valores.

Os demais níveis, narrativo e discursivo, serão apresentados mais adiante em seções dedicadas a eles.

2.1.1 O quadrado semiótico

É na semântica do nível fundamental que a semiótica greimasiana cria um mecanismo no qual se articulam as oposições semânticas de todo o discurso. A

essa esquematização é dada o nome de quadrado semiótico, que é “a representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 400).

O quadrado semiótico tem como princípio uma estrutura binária, entendida como “uma relação entre dois termos” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 50). A formulação binária utilizada para compor a articulação semiótica destacada tem sua origem em postulados de Jakobson, que identifica dois tipos de oposição binária, interpretados por Greimas e Courtés (2016, p. 51) como “contradição e contrariedade”.

Ainda de acordo com os autores, a binaridade ocorre apenas quando existe uma “relação constitutiva de contradição”, como é o exemplo de “asserção/negação; conjunção/disjunção” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 51). Nessa configuração binária, Greimas (1975, p. 127) explica a existência de uma oposição entre dois semas contrários S_1 e S_2 , que, conseqüentemente, “indicam a existência de termos contraditórios”. A interdependência entre os termos contrários e contraditórios marca uma interligação que ocorre na “dupla relação de disjunção e de conjunção”, representada conforme a formulação do quadrado semiótico a seguir:

Figura 2 – Quadrado Semiótico

Fonte: Greimas e Courtés (2016, p. 401)

As relações esquematizadas no quadrado semiótico podem ser traduzidas, de acordo com Greimas e Courtés (2016, p. 402), da seguinte forma:

$\leftrightarrow$: relação de contradição

$\langle \cdots \rangle$: relação de contrariedade

$\rightarrow$: relação de complementaridade

$S_1 - S_2$: eixo dos contrários

$\overline{S_1} - \overline{S_1}$: eixo dos subcontrários

$S_1 - \overline{S_1}$: esquema positivo

$S_2 - \overline{S_2}$: esquema negativo

$S_2 - \overline{S_2}$: dêixis positiva

$S_1 - \overline{S_1}$: dêixis negativa

Esse modelo de quadrado é componente fundamental na semiótica greimasiana e é utilizado para a representação da articulação lógica de diversos termos categoriais, como o quadrado veridictório (GREIMAS; COURTÉS, 2016), ou ainda modelos que indicam a presença do *outro* no discurso (LANDOWSKI, 2002) e a figuração corporal (FONTANILLE, 2008a), explorados no capítulo 4 deste trabalho.

2.1.2 Narratividade

Por narratividade, entende-se o nível das estruturas semionarrativas, a partir do qual se torna possível identificar o(s) programa(s) narrativo(s) (PNs), imanentes ao texto. Nesses PNs, sujeitos estabelecem relações com objetos e se transformam como distintas posições actanciais. Nesse patamar, identificamos as narrativas subjacentes ao texto que se organizam em um “esquema narrativo canônico” composto de quatro fases: a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção (GREIMAS; COURTÉS, 2016).

A manipulação é a ação de um sujeito sobre o *outro* por meio de estratégias, que, no discurso são consideradas persuasivas. Os tipos de manipulação são: a intimidação, a sedução, a provocação ou a tentação. A competência, segunda fase do percurso gerativo do sentido, é a capacidade desse sujeito para realizar o que lhe foi solicitado. A *performance* é o cumprimento de sua missão, segundo o que foi determinado na fase da manipulação. A sanção é a recompensa ou a punição por aquilo que foi ou não realizado (GREIMAS; COURTÉS, 2016).

Ainda no nível narrativo, verificam-se as modalidades do enunciado. Greimas e Courtés (2016, p. 314) entendem a modalidade “como ‘o que modifica o predicado’ de um enunciado, pode-se conceber a modalidade como a produção de um enunciado dito modal que sobredetermina um enunciado descritivo”.

As modalidades são agrupadas em duas categorias: as exotáticas e as endotáticas. Estas, por sua vez, se subdividem em modalidades virtualizantes, atualizantes e realizantes, como se pode ver na figura a seguir:

Figura 3 – Tipos de Modalidades

Modalidades	virtualizantes	atualizantes	realizantes
exotáticas	Dever	poder	fazer
endotáticas	Querer	saber	ser

Fonte: Greimas e Courtés (2016, p. 315, negrito do autor).

Também nesse nível é possível examinar o Programa Narrativo (PN), “um sintagma elementar da sintaxe narrativa de superfície, constituído de um enunciador de fazer que rege um enunciado de estado.” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 388). Os autores apresentam duas formas de organização do PN:

$$PN = F [S_1 \rightarrow (S_2 \cap O_v)]$$

$$PN = F[S_1 \rightarrow (S_2 \cup O_v)]$$

Os símbolos que compõem a formulação do PN são concebidos, segundo Greimas e Courtés (2016, p. 399), da seguinte maneira:

F = função

S₁ = sujeito de fazer

S₂ = sujeito de estado

O = objeto (suscetível de receber um investimento semântico sob a forma de v: valor)

[] = enunciado de fazer

() = enunciado de estado

→ = função fazer (resultante da conversão da transformação)

∩ ∪ = junção (conjunção ou disjunção) que indica o estado final, a consequência do fazer.

Observação: Para maior clareza, a função “fazer” é representada pleonasticamente pelos dois símbolos: F e →.

Dessa forma, a teoria oferece um modelo reduzido de funções (comparado ao sistema proppiano) para analisar a narratividade de todos os textos em que haja uma relação de junção entre sujeito(s) e objeto(s) de valor.

2.1.3 Discursividade

O nível discursivo do percurso gerativo do sentido é o patamar no qual são analisadas a tematização e a figurativização dos discursos, bem como a actorialização, a temporalização e a espacialização que dão sustento e coerência ao enunciado.

A tematização e a figurativização fazem parte da semântica discursiva. A primeira é responsável por disseminar os valores instalados na semântica fundamental e atualizados na semântica narrativa pelos mecanismos de junção com os sujeitos, “[...] de maneira mais ou menos difusa ou concentrada, sob a forma de temas, pelos programas e percursos narrativos, abrindo assim caminho à sua eventual figurativização”, conforme explicam Greimas e Courtés (2016, p. 496).

Barros (2001) assinala que a tematização faz a transição da semântica narrativa para a discursiva ao formular abstratamente os valores e difundi-los em percursos. Segundo Greimas e Courtés (2016, p. 497), a tematização pode concentrar-se nos sujeitos, nos objetos ou nas funções, ou ainda “repartir-se igualmente pelos diferentes elementos da estrutura narrativa em questão.” A figurativização, por sua vez, “constitui um novo investimento semântico, pela instalação de figuras do conteúdo que se acrescentam, ‘recobrando-o’ ao nível abstrato dos temas” (BARROS, 2001, p. 116).

A actorialização, a temporalização e a espacialização são mecanismos instaurados pela enunciação e componentes da sintaxe discursiva, ou seja, a discursivização. De acordo com Benveniste (1989, p. 82), a enunciação é um fenômeno que coloca “em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, sendo três as categorias que compõem esse funcionamento: a actancial, a espacial e a temporal. Nessas categorias, ou se estabelece a instância do eu-aqui-agora, ou a do ele-lá-então.

A actorialização “visa instituir os atores do discurso pela reunião dos diferentes elementos dos componentes semântico e sintático” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 22). A temporalização “consiste, como seu nome indica, em produzir o efeito de sentido ‘temporalidade’ e em transformar, assim, uma organização narrativa em ‘história’” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 497). A espacialização é responsável pela “organização espacial mais ou menos autônoma,

que serve de quadro para a inscrição dos programas narrativos e de seus encadeamentos” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 176-177).

Na discursivização ocorrem operações de debreagem e embreagem em cada uma das categorias da enunciação: actorialização, temporalização e espacialização (GREIMAS; COURTÉS, 2016). A debreagem é vista como uma:

[...] operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados à sua estrutura de base, para assim constituir os elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso. (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 111)

Há duas possibilidades de manifestação da debreagem: a enunciativa ou a enunciva. A primeira está relacionada aos actantes, espaço e tempo da enunciação (eu, aqui, agora), ao passo que a segunda instaura as categorias da enunciativa de pessoa, de tempo e de espaço (ele, alhures, então) no enunciado. A debreagem enunciativa instaura no enunciado as pessoas “eu” e “tu”, ou seja, o enunciador e o enunciatário, o espaço do “aqui” e o tempo do “agora”. Em oposição a essa debreagem, a enunciva instaura no discurso o “ele” (pessoa), o “alhures” (espaço) e o “então” (tempo) (GREIMAS; COURTÉS, 2016).

A embreagem, diferentemente da debreagem, “é a expulsão, da instância de enunciação, de termos categóricos que servem de suporte ao enunciado” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 159). Mas, da mesma forma que a debreagem, a embreagem também está relacionada às categorias actancial, espacial e temporal, sendo, contudo, precedida por uma debreagem (FIORIN, 2016).

De acordo com Fiorin (2016), a embreagem actancial, por exemplo, ocorre quando alguém fala de si próprio em terceira pessoa. Há tanto uma debreagem enunciva, a instalação de um *e/e*, quanto a presença de uma debreagem enunciativa, a instalação de um *eu*, o que faz com que ocorra uma neutralização dessas categorias actanciais *eu/e/e*. O autor esclarece o seguinte:

Negar o enunciado estabelecido é voltar à instância que o precede e é pressuposta por ele. Por conseguinte, obtém-se na embreagem um efeito de identificação entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, tempo do enunciado e tempo da enunciação, espaço do enunciado da enunciação. (FIORIN, 2016, p. 42)

Fiorin (2016, p. 45) afirma que os “mecanismos de debreagem e de embreagem não pertencem a esta ou aquela língua, a esta ou aquela linguagem (a verbal, por exemplo), mas à linguagem pura e simplesmente.” Em outras palavras, esses mecanismos são universais porque todas as línguas possuem cada uma dessas categorias da enunciação e o sistema que elas representam (pessoa, tempo e espaço). As diferenças encontradas nas línguas, segundo Fiorin (2016, p. 47), “são as maneiras de expressar” aquilo que é universal na enunciação. O autor ainda esclarece que os mecanismos de debreagem e embreagem instituídos pela instância da enunciação “produzem efeitos de sentido no discurso”.

2.2 A semiótica visual: formas e substâncias da expressão e do conteúdo

O *corpus* de nossa pesquisa é composto em sua totalidade por textos sincréticos, ou seja, constituídos por mais de uma linguagem da manifestação, no caso da charge, uma verbal e outra visual. Partiremos desse princípio para desenvolver noções relativas à semiótica visual ou também conhecida como semiótica plástica, termo utilizado pelo precursor dessa vertente da teoria, Floch (1985).²¹

O sincretismo, por sua vez, é um conceito proposto inicialmente por Hjelmslev, e é a partir das conclusões do autor dinamarquês, mas também da teoria concebida por Greimas, que Floch (1986a) explora a problemática das semióticas sincréticas. A partir desses pensamentos, ele afirma que as semióticas sincréticas “caracterizam-se pelo uso de diversas linguagens de manifestação” (p. 217, tradução nossa²²). O autor exemplifica alguns tipos dessas manifestações semióticas: anúncios publicitários, histórias em quadrinhos, telejornal, manifestação cultural ou política. Assim, podemos incluir, dentre os exemplos citados por Floch, também a charge.

As semióticas sincréticas, acrescenta Floch (1986a), têm seu plano de expressão, especialmente sua substância, constituído por elementos de diferentes

²¹ Embora Floch seja o fundador da semiótica visual na vertente francesa dos estudos do sentido, é a partir dos desdobramentos da teoria liderada por Greimas que o autor francês desenvolve métodos de análise direcionados aos estudos dos textos sincréticos.

²² Traduzido livremente do francês: “[...] se caractérisent par la mise en oeuvre de plusieurs langages de manifestation.”

semióticas heterogêneas, o que não implica, entretanto, a ausência de uniformidade de sentido do texto.

Fiorin (2009) explica que as semióticas sincréticas, tal qual Floch idealizou com base nos conceitos postulados por Hjelmslev, “constituem um todo de significação e, portanto, há um único conteúdo manifestado por diferentes substâncias da expressão” (p. 35). Dessa forma, o autor, a partir do que foi concebido por Hjelmslev, assinala que:

Em dadas condições, a cada conteúdo corresponde uma expressão. Em outras condições, há uma superposição de conteúdos. Cada conteúdo é um funtivo e o sincretismo é a superposição de todos os funtivos (FIORIN, 2009, p. 35).

Embora Floch (1986a) dê certa relevância para o plano da expressão nas semióticas sincréticas, ele reconhece a importância do plano do conteúdo para a definição do conjunto da significação:

Afirmamos ainda a necessidade – e a possibilidade – de abordar os objetos como totalidade de significação e proceder, em um primeiro momento, à análise do seu plano do conteúdo. O reconhecimento das grandes disjunções categoriais permitirá obter uma primeira segmentação do texto em sequências discursivas (descrições, diálogos, histórias) ou em sequências denominadas tematicamente (luta, caminhada) que permitirão na sequência a atualização das estruturas narrativas subjacentes. (FLOCH, 1986a, p. 218, tradução nossa²³)

Podemos observar, portanto, que, para a análise das semióticas sincréticas, é importante a distinção entre expressão e conteúdo, mas também é relevante distinguir forma de substância. Em um texto, o plano da expressão pode ser considerado, o que Saussure (2012) chamou de significante, enquanto o plano do conteúdo seria o que ele nomeou significado. Para entendermos de modo prático como forma e substância se relacionam em um texto sincrético, usaremos o exemplo dado por Fiorin a respeito de um gênero composto pelas linguagens verbal oral e visual:

²³ Traduzido livremente do francês: “On affirme ainsi la necessite – et la possibilité – d’aborder ces objets comme des touts de signification et de proceder, dans um premier temps, à l’analyse de leur plan du contenu. La reconnaissance de grandes disjonctions catégorielles permettra d’obtenir une première segmentation dutexte em séquences discursives (descriptions, dialogues, récits) ou em séquences dénommées thématiquement (combat, promenade) qui permettront par la suite la mise à jour des structures narratives sous-jacentes.”

Imaginemos uma semiótica sincrética cuja substância do plano da expressão seja constituída do que chamamos uma linguagem verbal oral e uma visual. É teoricamente impossível pensar que essas duas substâncias manifestam uma mesma forma, se pensarmos que a forma do plano de expressão de cada uma dessas semióticas é que é levada em conta na semiótica sincrética: no caso da semiótica verbal, a forma é dada pelo sistema de traços fônicos e pelas suas regras combinatórias; no caso da semiótica visual, a forma é um sistema de traços eidéticos, topológicos e cromáticos. A substância gerada pela forma da semiótica verbal são sons e a organizada pela semiótica visual são imagens. (FIORIN, 2009, p. 36-37)

O exemplo discutido por Fiorin é próximo do *corpus* selecionado para esta pesquisa. A charge, nosso objeto de análise, é um tipo de texto sincrético em que a substância do plano da expressão é composta por uma linguagem verbal impressa e outra visual, sendo a forma de cada uma delas constituída, respectivamente, por fonemas (traços e regras combinatórias) e, no segmento visual, a forma é constituída de traços eidéticos (forma), topológicos (espacialidade) e cromáticos (cores).

O plano do conteúdo, por sua vez, é igualmente composto por uma única forma e por uma substância. A forma do plano de conteúdo da figurativização de um terrorista, no exemplo retirado das charges estudadas, tanto no segmento visual quanto no verbal será dada por um conjunto de elementos semânticos. O terrorista é caracterizado por figuras visuais, que privilegiam no cromático, as roupas pretas. Lado a lado com as figuras visuais, como o capuz, a faca ou as armas (objetos relacionados à violência), há figuras verbais como palavras ou expressões remetendo ao sujeito extremista: “*Ta gueule, infidèle!*” [“Cala boca, infiel”]. Já a substância do plano do conteúdo é o conceito a ser extraído dessa forma. Ao visualizar a imagem de um homem com um turbante, associada às figuras verbais relativas ao profeta Maomé, é possível identificar o conceito que é veiculado do líder dos muçulmanos. Isso acontece por meio da análise da figurativização, da tematização e de outras estruturas discursivas.

Floch (1986a) acrescenta que, em um enunciado sincrético, há uma única enunciação e não enunciações visuais, verbais ou gestuais. Assim, embora, o texto sincrético possa ser composto de sons, imagens e gestos, todos esses elementos serão responsáveis pela significação em sua totalidade enunciada, conduzida por uma “enunciação sincrética” (DISCINI, 2009).

Após essa introdução sobre as semióticas sincréticas, prosseguiremos com o estudo que Floch (1986b) desenvolveu para criar um modelo de análise do texto sincrético: a semiótica plástica. O autor, ao afirmar que seu pensamento analítico foi herdado dos estudos feitos por Saussure, Hjelmslev e Greimas, diz que o seu objetivo é o de analisar todo tipo de linguagem na relação estabelecida entre o plano da expressão e o do conteúdo.

A relação semiótica entre plano de expressão e plano do conteúdo no discurso, tal qual concebeu o semioticista, dá origem a um sistema semissimbólico. Floch (2013), em *Sémiotique, marketing et communication: sous les signes, les stratégies* [“Semiótica, marketing e comunicação: sob os signos, as estratégias”], oferece-nos o exemplo de um sistema semissimbólico simples na categoria gestual. Os movimentos da cabeça na direção horizontal ou vertical, por exemplo, indicam uma afirmação ou uma negação, podendo ser representados da seguinte maneira:

Figura 4 – Sistema semissimbólico gestual de afirmação e negação

Expressão	verticalidade	vs.	Horizontalidade
<u>Conteúdo</u>	<u>afirmação (“sim”)</u>	vs.	<u>negação (“não”)</u>

Fonte: Floch (2013, p. 86, tradução nossa²⁴).

Nos sistemas mais complexos, Floch (2013) explica que ocorre um sincretismo em que há a mistura de diferentes segmentos textuais, como por exemplo, a junção do verbal e do não-verbal. Para esses sistemas, o autor fornece um exemplo no qual a relação entre expressão e conteúdo se dá pela oposição da descontinuidade e da continuidade (expressão) e da identidade e da alteridade (conteúdo). Agora temos a homologação entre as categorias (do PE e do PC).

A correlação entre expressão e conteúdo, denominada, segundo Floch (2013), sistema semissimbólico, é originada de conceitos outrora postulados por Hjelmslev: sistemas simbólicos e semióticos. Os sistemas simbólicos, por sua vez, são estáveis, cristalizados em determinadas culturas. A cor negra, por exemplo, é

²⁴ Traduzido livremente do francês:

Expression	verticalité	vs.	Horizontalité
<u>Contenu</u>	<u>affirmation (<<oui>>)</u>	vs.	<u>négation (<<non>>)</u>

símbolo de luto para determinadas culturas. O sistema semissimbólico se institui quando os planos da expressão e do conteúdo apresentam homologações categoriais entre PE e PC, criando novas e imprevistas significações. Cada uma das categorias do plano da expressão, homologadas àquelas do plano do conteúdo, cria o semissimbolismo.

É no plano da expressão visual que surgem categorias distintas (as cromáticas, as eidéticas e as topológicas), conforme demonstra Floch (1985) em algumas análises feitas em sua obra *“Petites mythologies de l’oeil et de l’esprit: pour une sémiotique plastique”* [Pequenas mitologias do olho e do espírito: por uma semiótica plástica]. Pietroforte (2013, p. 39) explica que essas categorias são responsáveis por manifestações diversas. As cromáticas se manifestam “por meio da cor”; as eidéticas, “por meio da forma”; e as topológicas, pela “distribuição [no espaço] dos elementos figurativizados”.

Dessas categorias podem surgir, por exemplo, certas oposições no plano da expressão: entre claro e escuro (cromáticas); entre reto e curvo (eidéticas); e entre central e periférico (topológica), as quais se homologarão com outras oposições do plano do conteúdo.

2.3 A semiótica tensiva: estados de alma e de coisas

Assim como a semiótica desenvolvida por Greimas, a semiótica tensiva também tem sua origem nas bases estruturalistas e em conceitos postulados por Saussure e Hjelmslev; mas é a partir de leituras de Cassirer, Merleau-Ponty e Valéry que Zilberberg concebe essa vertente da teoria (ZILBERBERG, 2006). Beividas (2015, p. 85) explica que o autor dá continuidade aos estudos de Greimas, mas pelo viés da “[...] fenomenologia do sensível, do afeto”, levando em conta a “tradição imanente” do conhecimento produzido anteriormente sobre a semiótica.

Em *Síntese da gramática tensiva* (2006), Zilberberg nos explica o ponto fundamental dessa vertente da semiótica: a tensividade. Esta, segundo o autor, “é o lugar imaginário em que a intensidade – ou seja, os estados de alma, o sensível – e a extensidade – isto é, os estados de coisas, o inteligível – unem-se uma a outra [...]” (p. 169).

Segundo o semioticista citado “[...] toda grandeza discursiva se vê qualificada em termos de intensidade e extensidade” (ZILBERBERG, 2006. p. 169). E ao retomar

o pensamento de Hjelmslev, ele salienta a constatação de uma “[...] autoridade do sensível sobre o inteligível” (p. 169), ou seja, os estados de coisas (extensidade) são dependentes dos estados de alma (intensidade).

Essa concepção, segundo o próprio Zilberberg, é confirmada por Cassirer, de cuja obra o semioticista herdou o termo “valências”, para determinar cada uma das grandezas denominadas intensiva e extensiva. O autor francês classifica os valores como dependentes da valência intensiva e da valência extensiva. O quadro a seguir ilustra a relação entre intensidade e extensidade, o que dá origem à tensividade:

Figura 5 – Bifurcação da tensividade

Fonte: Zilberberg (2011, p. 66).

As valências são dimensões responsáveis por unir as subdimensões intensidade e extensidade, enquanto a primeira une o andamento e a tonicidade, a segunda encarrega-se de unir a temporalidade e a espacialidade (ZILBERBERG, 2006). Assim como a intensidade (afetividade) rege a extensidade, as subdimensões do andamento e da tonicidade regem seus correspondentes: temporalidade e espacialidade (ZILBERBERG, 2006).

Dessa estrutura semiótica surgem dois tipos de correlações: as *conversas* e as *inversas* (ZILBERBERG, 2011), que se constituem da seguinte maneira:

- (i) as subdimensões pertencem à mesma dimensão. Nesse caso, o andamento e a tonicidade intensificam-se mutuamente e o efeito de sentido é o do *transporte*, na acepção que lhe conferia a língua clássica. A temporalidade e a espacialidade comportam-se da mesma maneira, e o efeito esperado é a generalização;
- (ii) as subdimensões pertencem a dimensões distintas. A projeção da tonicidade sobre a temporalidade alonga a duração e produz o memorável, esse “futuro do passado”. A tonicidade estira a

espacialidade: quanto mais forte for a tonicidade, mais vasto é seu campo de desdobramento. A projeção da tonicidade sobre a espacialidade dá forma, nos termos de G. Deleuze, à profundidade (ZILBERBERG, 2011, p. 70, *itálico do autor*).

Na correlação conversiva, tem-se como resultado uma gramática tensiva de “quanto mais... mais...”. Ao contrário desta, a correlação inversa opera em uma estrutura classificada como “quanto mais... menos...” ou “quanto menos... mais...” (ZILBERBERG, 2006, p. 170). O autor demonstra de forma gráfica esses dois tipos de correlações:

Figura 6 – Representação gráfica das correlações conversiva e inversa.

Fonte: Zilberberg (2006, p. 172)

Nessa representação gráfica, o eixo vertical refere-se à intensidade, ou seja, ao sensível, já o eixo horizontal remete à extensidade, o inteligível. Quanto mais se percorre a dimensão da intensidade, maior a possibilidade de se deparar com os valores de absoluto, provenientes da triagem, sendo que na dimensão da extensidade se vai ao encontro dos valores do universo, resultantes da mistura. Todo discurso trabalha com um desses tipos de operação: de triagem ou de mistura (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001).

Esses valores semióticos assumem papéis diferentes no discurso. No caso das charges do *Charlie Hebdo*, temática e figurativamente cravados na crítica sarcástica ao extremismo islâmico, a triagem terá a função de “afiar” o sarcasmo. Como esclarece Zilberberg (2011, p. 91, *itálico do autor*):

- (i) na perspectiva dos valores de universo, sensíveis às valências extensivas, os valores de absoluto são, certamente, intensos, *mas*

apresentam o grave defeito de serem concentrados. Os valores de universo, por sua vez, são tênues, *mas* têm a vantagem, a seus olhos mais significativa, de serem difusos;

(ii) na perspectiva dos valores de absoluto, sensíveis principalmente às valências intensivas, os valores de universo são difusos, *mas* tênues; os valores de absoluto por seu turno, são por certo concentrados, *mas* seu impacto compensa amplamente esse defeito.

É a partir desses princípios básicos apresentados que a semiótica tensiva, elaborada por Zilberberg, desdobra-se em um modelo de análise do sentido, o qual se dedica a sistematizar o modo como as tensões se posicionam no discurso.

A semiótica tensiva nos dá o subsídio necessário para definirmos o que pode colaborar em uma relação polêmica entre um enunciador (o chargista) e enunciatário peculiar, como ocorre entre o chargista e o fundamentalista – leitor, previsto no interior da própria charge. Mas não somente isso, a semiótica tensiva é capaz ainda de medir em graus tensivos toda espécie de relação dialógica, seja para determinar os graus de ironia, humor e sátira, conforme procuramos demonstrar mais adiante, ou para especificar graus de afetividade do discurso.

2.4 Uma teoria em construção: novos rumos

Em paralelo à semiótica francesa, outras duas importantes correntes teóricas se desenvolveram: a semiótica anglo-saxônica, elaborada por Charles Sanders Peirce, com um modelo de análise de textos baseado em uma teoria dos signos, e a semiótica da cultura, proposta pela Escola de Tartu, de Moscou, com a colaboração de diversos estudiosos, tais como Ivan Bystrina, Harry Pross, Yuri Lotman, entre outros, e que tem como princípio o estudo de aspectos antropológicos, sociológicos e históricos de uma determinada cultura na construção da significação.

Da mesma forma que as demais, a semiótica francesa é uma proposta metodológica em constante construção, mas esta se propõe a desvelar o sentido a partir da correlação de determinada unidade com outras numa mesma estrutura.

Devido à complexidade e particularidade dos diversos gêneros textuais existentes, é necessário expandir os estudos semióticos interessados em compreender a construção da significação, atentando às especificidades de cada gênero. Embora a semiótica formulada por Greimas e seus colaboradores possua um modelo de análise que permite reconstruir o sentido de todos os textos. Certamente, há muito que fazer a

respeito dos textos sincréticos; uma ópera tem múltiplos aspectos a serem analisados, específico da diversidade de linguagens de manifestação que ela convoca. É semelhante ao que acontece em relação a uma entrevista de rádio. Tais singularidades devem ser levadas em conta para uma análise semiótica mais completa.

Além das vertentes da semiótica para as quais demos maior ênfase, a teoria greimasiana e seu percurso gerativo do sentido e a proposta tensiva, existem ainda estudos sobre outras possibilidades de análise, mas que mantêm, de todo modo, o princípio estruturalista. Embora seja uma teoria relativamente nova²⁵, há uma preocupação e um interesse dos semioticistas em desenvolver e aprimorar o modelo inicialmente proposto pelo Grupo de estudos da *École de Paris*, respeitando o diálogo não somente com as proposições de autores como Saussure, Hjelmslev e Greimas, mas também com outros, enquanto se convocam campos de estudo afins, que, por tratarem de questões da linguagem, permitem uma interlocução. As metodologias de estudo são, portanto, desenvolvidas na expectativa de que seja contemplada plenamente a significação, tal como processada junto a todas as questões discursivas dos mais variados textos.

De toda maneira, ainda sob a coordenação de Greimas, a semiótica integrou à teoria do sentido o conceito de enunciação postulado por Benveniste. O semioticista lituano encontrou, nos estudos do linguista francês (de fundamento também estruturalista), a possibilidade de expandir o modelo teórico de produção do sentido para fortalecer a análise da estrutura discursiva do texto. Essa foi uma incorporação fundamental para a semiótica.

Foi também Greimas, em parceria com Fontanille, que permitiu à semiótica das paixões ganhar espaço nos estudos desenvolvidos pela teoria, antes, exclusivamente focada na semiótica da ação, construída a partir de “formas narrativas”. Ao considerarem a possibilidade de existência, para o estudo das paixões, lacunas no modelo hierárquico de análise do sentido, Greimas e Fontanille procuraram dar prosseguimento à semiótica das paixões (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 9).

Para diferenciar a passagem do interesse semiótico da ação à paixão, encontramos apoio teórico em Fontanille (2008b, p. 204). Para o autor, enquanto a paixão, veiculada ao regime discursivo, “sintetiza, organiza e solidariza as tensões de presença”, a ação “sintetizaria os programas de junção”.

²⁵ O Grupo de estudos da *École de Paris*, liderado por Greimas, inicia sua pesquisa na década de 60, mas ganha força apenas na década de 70.

Barros (1989/1990, p. 60) explica que a semiótica das paixões é o resultado de uma abordagem da modalização do ser, “entendidas [...] como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito.” Ainda com Barros (1989/1990), no estudo intitulado “Paixões e apaixonados”, podemos identificar nas charges em pauta a insatisfação do enunciador chargista em relação ao sujeito representante do fundamentalismo islâmico.

Com Greimas (2014), observamos esta sequência passional: o chargista esperou encontrar no sujeito de fé muçulmana um princípio de humanidade; este sujeito (que podemos enumerar como 2) não correspondeu às expectativas do chargista frustrado, que se torna encolerizado. Tomado pela cólera, vinga-se, e a *performance* da vingança está em fazer a sátira a Maomé e aos fundamentalistas.

Da prioridade dada ao estudo da ação para o das paixões, a semiótica sofreu mudanças significativas. O momento atual da teoria evolui e toma novos rumos. De acordo com Fontanille (2008b, p. 22), a semiótica que teve início nos anos 60:

[...] constitui-se como um ramo das ciências das linguagens na confluência da linguística, da antropologia e da lógica formal. Como todas as outras ciências da linguagem, a semiótica atravessou o período dito “estrutural”, do qual ela saiu dotada de uma teoria forte, de um método coerente... e de alguns problemas não resolvidos. O período estruturalista ficou para trás, o que não significa, entretanto, que as noções de “estrutura” e de “sistema” não tenham mais pertinência.

Na célebre frase de Greimas: “Fora do texto, não há salvação”, a semiótica assume seu caráter estruturalista e imanente, ou seja, toda a significação do texto é obtida a partir de suas estruturas internas, não sendo possível buscar fora desse espaço o seu sentido. Mas esse paradigma não é completamente defendido entre os semioticistas. Os estudos recentes procuram o significado do texto em especial no encontro do sujeito enunciatador com o mundo. A sociossemiótica o comprova. Landowski (2014, p. 10), por exemplo, estudioso dedicado a essa vertente da teoria, afirma que: “Fora do texto, a semiótica continua!”.

Para Greimas (2016, p. 480-481, *itálico do autor*), a sociossemiótica é uma aproximação da sociologia com a linguística e as investigações que unem essas duas disciplinas têm dois aspectos principais: “a) as pesquisas que dizem respeito às covariâncias das estruturas linguísticas e das estruturas sociais, e b) aquelas que concernem à contextura social da comunicação linguística.”

Não restam dúvidas de que a semiótica não é uma teoria completamente imanente, como fora defendido inicialmente por Greimas. É preciso certamente dar enfoque para as estruturas internas do texto, mas outros aspectos devem ser considerados para que se obtenha a totalidade da significação.

Diante da possibilidade de diálogo com outras teorias de vizinhança epistemológica, não descartaremos em nossa análise autores que possam contribuir para o fortalecimento da análise semiótica. Nesta pesquisa, trazemos para a discussão os estudos do Círculo de Bakhtin, bem como estudos feitos pelo próprio autor russo, em autoria “solo”. Conforme observou Baquião (2010, p. 2): “Tanto o Círculo de Bakhtin quanto a Semiótica greimasiana desenvolveram estudos profundos calcados na fenomenologia, que é uma corrente filosófica cujas reflexões se concentram na percepção, no modo como a atividade sensório-motora define a existência humana.”

O que as difere é o fato de que o Círculo de Bakhtin se dedicou ao estudo do “aspecto social e histórico da linguagem”, ao passo que a semiótica foi elaborada “a partir de estudos sobre a imanência das estruturas linguísticas” (BAQUIÃO, 2010, p. 2).

A semiótica de hoje “descobre novos campos de investigação e desloca progressivamente seus centros de interesse” (FONTANILLE, 2008b, p. 22). Nesta pesquisa, temos como ponto de partida a proposta inicial de Greimas, com seu percurso gerativo do sentido, mas também procuramos o significado das charges a partir de autores que desenvolveram seus estudos nas fronteiras com a concepção greimasiana. Se a semiótica é uma teoria em construção, é verdade que ela consolidou como modelo de análise do sentido, que prima pelo rigor metodológico.

Interessa para o desenvolvimento da análise do *corpus* a semiótica da ação, mas também a semiótica das paixões e as proposições da semiótica visual, tensiva e da sociossemiótica, sem nos distanciarmos da metodologia postulada por Greimas. O objetivo principal é o de extrair o máximo das possibilidades de sentido das charges para que possamos construir uma visão crítica sobre o ocorrido entre o *Charlie Hebdo* e o fundamentalismo islâmico. Para isso, não deixaremos de buscar na semiótica de base greimasiana recursos que promovam a construção do significado na mídia francesa, no gênero “charge”.

3. IRONIA, HUMOR, SÁTIRA E POLÊMICA NOS DOMÍNIOS DA CHARGE

Consideramos dedicar um capítulo específico para a melhor compreensão dos significados de ironia, humor, sátira e polêmica e suas implicações no discurso, por entendermos que esses conceitos são mecanismos discursivos recorrentemente presentes no gênero “charge”.

As charges analisadas neste trabalho apresentam um conjunto de discursos irônicos repletos de humor, mas que, por terem como alvo discursivo o fundamentalismo religioso e outros temas considerados tabus ou de grande comoção para determinados segmentos da sociedade, encontram-se com a questão da polêmica. É, desse modo, uma ironia que se transformou em sátira, tendo como fundo o gesto de polemizar.

A partir do estudo realizado sobre a ironia, o humor, a sátira e a polêmica, é possível afirmar que esses conceitos têm uma conexão entre si. Um complementa o outro e todos favorecem a composição da totalidade do gênero “charge”. Parece que esses mecanismos discursivos juntos em uma mesma situação de enunciação (cada charge examinada) constroem um enunciado com a força de causar atritos entre o enunciador e o alvo de sua crítica e são capazes de despertar ainda mais a paixão da fúria de seus oponentes discursivos. São sujeitos antagônicos o chargista e o leitor fundamentalista islâmico. Um é o antissujeito do outro. Em Greimas e Courtés (2016), o verbete “antissujeito” não está incluído, mas os autores sugerem que esse actante é o mesmo que oponente, este, por sua vez é aquele que “entrava a realização do programa narrativo em questão” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 351). O antissujeito se opõe ao sujeito em um programa narrativo no sentido de impedir que este realize sua busca por determinado objeto. Desse modo, as charges em questão problematizam a relação do texto (do enunciado) com as práticas sociais ligadas ao fundamentalismo, e isso ocorre por meio de estratégias discursivas presentes em cada exemplar desse texto verbo-visual.

Para entendermos melhor como a ironia, o humor, a sátira e a polêmica são desenvolvidos no gênero “charge”, tomaremos como ponto de partida uma perspectiva bakhtiniana, tendo em vista que o autor é uma referência nos estudos dos gêneros discursivos e no processo de interação verbal, estratégias que pretendemos enfatizar em nossa pesquisa.

Vale destacar que não esgotaremos os estudos sobre esses mecanismos discursivos que nos propusemos analisar; apenas pontuaremos, a partir da teoria bakhtiniana, algumas possibilidades de direcionamentos para o aprofundamento metodológico relativo à ironia, ao humor, à sátira e à polêmica dentro dos conceitos postulados pelo autor russo.

3.1 Ironia

Começamos por incorporar estudos relativos à retórica das figuras. A ironia é uma figura de linguagem que ocorre quando “um significado tem o seu valor invertido, abarcando assim o *sentido x e seu oposto*.” (FIORIN, 2014, p.69, *itálico nosso*). A ironia é, portanto, dizer algo quando na verdade se quer dizer o contrário do que foi dito. Fiorin (2014, p. 70) acrescenta que esse recurso:

[...] apresenta uma atitude do enunciador, pois é utilizada para criar sentidos que vão do gracejo até o sarcasmo, passando pelo escárnio, pela zombaria, pelo desprezo, etc. Na verdade, são duas vozes em conflito, uma expressando o inverso do que disse a outra; uma voz invalida o que a outra profere. Assim a ironia é um tropo em que se estabelece uma compatibilidade predicativa por inversão, alargando a extensão sêmica dos pontos de vista coexistentes e aumentando sua intensidade.

Considerando que, nessa figura retórica, há vozes em conflito, poderíamos emparelhá-la ao conceito de polifonia apresentado por Bakhtin (2010). Porém, a polifonia, tal qual diagnosticada nos textos de Dostoiévski, dilui os contornos dos corpos; não é o caso das charges. Nelas, a intencionalidade satírica mantém precisamente delineados os limites dos corpos dos atores. Na ironia, há no mínimo duas vozes interdependentes que se encontram no discurso, mas uma delas sobressai em relação à outra.

É a partir de um contexto dialógico exacerbado que a ironia é produzida. Esse mecanismo estabelecerá a direcionalidade do corpo discursivo do ator da enunciação (DISCINI, 2015a). Da produção da ironia dependerá a relação de crítica que será construída no enunciado entre o enunciador e o discurso do *outro*.

De acordo com Bakhtin (2016, p. 48-49), a “*entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado*” e “*fora do enunciado ela não existe*”. Sendo assim, é possível fazer uma comparação dessa afirmação com o sentido da ironia, posto que

esta somente pode ser construída a partir de um contexto recuperado no interior de um enunciado. Quando o enunciador diz “Tudo está perdoado”, exemplo da charge 6 (Anexo F, p. 180), fica implícito que ele está ironizando o fato de a religião ser indiretamente responsável pelos ataques terroristas.

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*, 14/01/2015, nº 1178. Capa.

Toda a situação de produção do discurso nos leva a essa dedução juntamente com as marcas de discursivização verbo-visuais manifestadas. Os irmãos Kouachi, responsáveis pelo ataque terrorista e que, implicitamente, são recuperados no enunciado da charge 6, têm o fanatismo da fé como explicação de seus atos, os quais são questionados e ironizados pelo jornal. Os assassinos constituem o ator de que se fala “ele”, o fundamentalista, instituído no interior da charge.

O atentado terrorista ocorrido em janeiro de 2015 é de origem religiosa, assim como o ato de perdoar, presente em diversas crenças, conflui com o gesto de religiosidade. No entanto, o enunciador não se apresenta conforme o simulacro daquele que tende a proclamar o perdão ao seu adversário. Pelo contrário, o *Charlie Hebdo* utiliza esse discurso para criticar a “falsa” pregação moralista doutrinária conforme a crítica do jornal. Esclarecemos que há dois níveis de enunciação: aquele do autor da charge e aquele do interlocutor-personagem instituído: Maomé.

O enunciador (chargista) questiona: “Ora, se o religioso é capaz de tudo perdoar, por que se vingou? Por que cometeu um ato criminoso em nome de Deus?”

Não seria o caso de perdoar os chargistas por uma suposta ofensa?” Dessa forma, ao contrário do que é dito, o enunciador-jornal condena o discurso do perdão por considerá-lo *falso*: não parece nem é, conforme a verificação (GREIMAS; COURTÈS, 2016). O que há nesse discurso é uma multiplicação de vozes: a voz do *Charlie Hebdo* e a voz religiosa na polêmica acentuada.

É perceptível, nesse extrato verbal da charge, que o enunciador quis desqualificar aquele que se diz religioso. As vozes que aí se instalam intensificam o conflito: é a voz do *outro* e a voz do enunciador, em relação polêmica (BAKHTIN, 2010).

Em textos sincréticos, como a charge, ambos os segmentos (verbal e visual) colaboram para a construção da ironia no caso da charge 6, o visual auxilia a enfatizar a figura retórica. A frase “Tudo está perdoado” tem seu destaque no enunciado pela marcação da caixa-alta, pela hiperbolização dos caracteres e pelo destaque em negrito. A imagem de Maomé também contribui para que a ironia seja ressaltada. Os olhos arregalados do profeta, bem como os lábios extremamente caídos demonstram uma entonação de reprovação ao discurso religioso reivindicado pelos extremistas. Todavia, Maomé, numa visão fundamentalista, assumiria uma posição oposta ao sujeito instalado na charge. Aqui, do mesmo modo que nos demais casos em que o profeta parece ser contra os fundamentalistas, identificamos uma ironia. Exemplificam tal constatação as charges 1, 2, 5 e 6 (reproduzidas a seguir), nas quais é salientado o posicionamento contrário de Maomé às ações fundamentalistas e/ou terroristas.

Charge 1

Fonte: *Charlie Hebdo*,
08/02/2006, nº 712. Capa.

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*,
02/11/2011, nº 1011. Capa.

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*,
01/10/2014, nº 1163. Capa.

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*,
14/01/2015, nº 1178. Capa.

Notamos igualmente uma combinação de ironia entre o segmento verbal e o segmento visual na charge 2 (Anexo B, p. 176). Nela, entrelaçam-se as vozes daqueles que são favoráveis a punições severas, caso da charia, com as vozes dos que zombam dela: “100 coups de fouet, si vous n’êtes pas morts de rire!” [“100 chibatadas se você não morrer de rir!”]. Essa ironia produz um efeito de humor, pois provoca um contrassenso.

No segmento visual da charge 2, essas mesmas vozes se cruzam: Maomé tem um ar de deboche e ri. Por ser um riso “escancarado”, deparamo-nos, na percepção, com uma espacialidade em recrudescimento, conforme propõe Zilberberg (2011, p. 86), ou seja, essa gargalhada, visualmente hiberbolizada, cria efeitos de um ápice tensivo de riso e ironia.

Ao mesmo tempo em que ri, o profeta aponta o dedo indicador, ação compatível com a ameaça inicial, “*100 coups de fouet*” [“100 chibatadas”]. Em ambos os segmentos (verbal e visual) aqui mencionados, a voz irônica predominante é aquela que ridiculariza a charia como forma de castigo. Essas vozes, as quais expressam a crítica do chargista, sobrepõem-se ao discurso.

Comprova-se que a ironia não é uma figura retórica exclusiva da linguagem verbal: ela também é encontrada em textos visuais, como afirma Fiorin (2014), e, no caso de nossas charges, em texto verbo-visual.

A charge 5, corrobora esses mecanismos. Reproduzida a seguir, nessa charge o narrador verbalmente anuncia: “*Si Mahomet revenait...*” [“Se Maomé retornasse...”].

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*, 01/10/2014, nº 1163. Capa.

Nessa frase, ocorre uma interrupção do pensamento do narrador marcada pelas reticências. Para Fiorin (2014), o uso das reticências permite que o silêncio fale, aquilo que não é dito é responsável pelo sentido. Diferentemente do que acontece em textos exclusivamente verbais, nos quais esse tipo de pontuação

aparece geralmente no final da frase, deixando a conclusão por parte do enunciatário, na charge em discussão, o segmento visual complementa a ironia iniciada no segmento verbal. É criada uma situação discursiva que depende de ambos os segmentos para que o *outro* (o ator fundamentalista) seja ridicularizado. Entretanto, o segmento visual traz o desfecho irônico e, portanto, acarreta uma entonação intensificadamente irônica para o enunciado.

Sobre a entonação, Bakhtin (2016, p. 59-60, *itálico do autor*) constata:

A entonação que isola o discurso do outro (marcado por aspas no discurso escrito) é um fenômeno de tipo especial: é uma espécie de *alternância dos sujeitos do discurso* transferida para o interior do enunciado. Os *limites* criados por essa alternância são aí enfraquecidos e específicos: a expressão do falante penetra através desses limites e se dissemina no discurso do outro, que podemos transmitir em tons irônicos, indignados, simpáticos, reverentes [...].

Depreendemos dessa afirmação de Bakhtin que a possibilidade de marcar o discurso do *outro* por meio de balões e cartaz, no caso da charge para indicar o efeito de realidade do discurso de Maomé, pode ser “contaminada” pela opinião do jornal, logo, tanto a voz do fundamentalista, quanto a voz do chargista se entrecruzam polemicamente e definem o tom do discurso.

Ainda a respeito da edição (Charge 2, Anexo B, p. 176) em que Maomé seria o redator chefe (conforme indicação verbal junto à imagem facial de Maomé no lado superior direito da expressão “*Charia Hebdo*”), identificamos que a ironia está por toda parte do enunciado.

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*, 02/11/2011, nº 1011. Capa.

Sendo a ironia um recurso que permite um embate entre vozes opostas, temos, nessa charge, constantemente uma luta entre os valores axiológicos do fundamentalismo islâmico e do jornal. Tal situação é possível, pois a charge 2 exacerba o dialogismo de um discurso em que essas vozes estão presentes no enunciado por meio de recursos verbais e também visuais. A presença de Maomé, como ator do enunciado que discursa através de um balão, e os símbolos que remetem ao fundamentalismo, como é o caso da charia e das chibatadas, misturam-se ao humor que dá o tom da crítica aguda do jornal, uma disforização da charia como forma de punição. É uma relação polêmica dialógica, que tem como objetivo desmontar o discurso do *outro*.

Temos no interior da charge um ensaio parodístico. A paródia tem obrigatoriamente em sua composição a essência dos gêneros carnavalizados. (BAKHTIN, 2010). Nela, a linguagem do *outro* é inserida na fala do autor, mas de forma que, semanticamente, ela se oponha à voz do *outro*, impossibilitando a fusão dessas vozes (a do autor e a do *outro*), conforme explica Bakhtin, 2010. Ao tratar desse discurso, Bakhtin (2010, p. 222-223) afirma que “é análogo o emprego irônico e todo emprego ambíguo do discurso do outro [...]”. O autor ainda explica:

No discurso prático da vida é extremamente difundido esse emprego do discurso do outro, sobretudo no diálogo, em que um interlocutor muito amiúde repete literalmente a afirmação de outro interlocutor, revestindo-a de novo acento e acentuando-a a seu modo com expressões de dúvida, indignação, ironia, zombaria, deboche, etc...

Retomando do conceito de ironia, acrescenta-se o esclarecimento de Fiorin (2015, p. 221) de que essa figura retórica é utilizada para “desestabilizar o adversário” e provocar “o riso do auditório a favor do orador”.

Sendo assim, embora o enunciador dê o tom irônico, é a partir da fala e das atitudes daquele a quem se deseja destruir que o “ele” (o interlocutor, ator do enunciado) constrói o seu discurso: “As palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais” (BAKHTIN, 2010, p. 223).

Em especial, encontramos, nas charges do *Charlie Hebdo*, essa bivocalidade tratada por Bakhtin (2010) nos seguintes casos: 1) o terrorista que ameaça Maomé com um facão (Charge 5, Anexo E, p. 179); 2) a vítima perfurada de balas pelos terroristas está, surpreendentemente, feliz (Charge 7, Anexo G, p. 181); 3) A religião é vista como responsável indiretamente pelo terrorismo (Charge 8, Anexo H, p. 182); 4) a charia, lei elaborada a partir de princípios religiosos como forma de punição, é revestida de humor e toma outro significado distinto daquele oferecido pelas práticas sociais fundamentalistas (Charge 2, Anexo B, p. 176); 5) o discurso de que “tudo está perdoado” é desmontado pelos chargistas e torna-se *falso* (Charge 6, Anexo F, p. 180), conforme a categoria da veridicção (GREIMAS; COURTÉS, 2016); 6) Maomé é contra as atitudes fundamentalistas (Charges 1, Anexo A, p. 175; 2, Anexo B, p. 176; 5, Anexo E, p. 179; e 6, Anexo F, p. 180) etc.

Portanto, a ironia, conforme vimos, é item recorrente na construção do gênero “charge”, cuja essência é a crítica ao discurso do *outro*. Essa figura retórica é empregada para reiterar, a partir das próprias práticas sociais fundamentalistas, o posicionamento do *Charlie Hebdo* a respeito do extremismo.

3.2 Humor

Sob a perspectiva bakhtiniana, entendemos não ser possível falar de humor sem darmos atenção especial ao riso. Bakhtin (2008; 2010) aborda o riso a partir do fenômeno de carnavalização identificado na Idade Média e no Renascimento.

Na literatura carnavalizada dos séculos XVIII e XIX o riso, regra geral, é consideravelmente abafado, chegando à ironia, ao humor e a outras formas de riso reduzido (BAKHTIN, 2010, p. 190).

Observamos, a partir dessa afirmação sobre o riso, que Bakhtin (2008; 2010) considera o humor uma forma reduzida daquele. Dessa forma, trataremos de desenvolver a definição de riso a fim de melhor compreender o significado de humor.

Bakhtin (2008) estrutura sua teoria sobre o riso com base na cultura popular do carnaval e a partir do que é observado na obra de Rabelais. Por meio da literatura cômica do autor francês, o estudioso russo faz uma profunda pesquisa sobre o riso carnavalesco, definido como um “riso *festivo*” (BAKHTIN, 2008, p. 10, *itálico do autor*):

O riso carnavalesco é em primeiro lugar patrimônio do *povo* (esse caráter popular, como dissemos, é inerente à própria natureza do carnaval); *todos* riem, o riso é “geral”; em segundo lugar, é universal, atinge a todas as coisas e pessoas (inclusive as que participam no carnaval), o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é *ambivalente*: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente.

Contudo, o riso nem sempre teve o mesmo significado durante a evolução do homem, conforme o autor russo. No Renascimento, Bakhtin (2008, p. 57) identifica que o “riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem [...]”. Para Bakhtin (2008, p. 57), apenas a partir do riso é possível “ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo”, da mesma forma ou até mesmo em intensidade maior que o sério.

No século XVII, a visão sobre o riso já possuía outra dimensão, conforme Bakhtin (2008, p. 57-58) observou:

[...] o riso não pode ser uma forma universal de concepção do mundo; ele pode referir-se apenas a certos fenômenos *parciais* e parcialmente típicos da vida social, a fenômenos de caráter negativo; o que é essencial e importante não pode ser cômico; a história e os homens que a encarnam (reis, chefes de exército, heróis) não podem ser cômicos; o domínio do cômico é restrito e específico (vícios dos indivíduos e da sociedade); não se pode exprimir na linguagem do

riso a verdade primordial sobre o mundo e o homem, apenas o tom sério é adequado [...]

Depreendemos do pensamento bakhtiniano que a forma de aceitar o riso é modificada através dos tempos. Portanto, o riso da Idade Média e o do Renascimento possuem características muito próprias a cada uma dessas épocas. Contudo, embora sua forma atual já não seja a mesma que observada na obra de Rabelais, consideramos que há resquícios do riso carnavalesco no gênero “charge”.

Ao referir-se ao carnaval, espetáculo popular que dá origem ao termo carnavalização conforme propõe Bakhtin (2008), Fiorin (2006a, p. 94) considera esse fenômeno como:

[...] constitutivamente dialógico, pois mostra duas vidas separadas temporalmente: uma é a oficial, monoliticamente séria e triste, submetida a uma ordem hierarquicamente rígida, penetrada de dogmatismo, temor, veneração e piedade; outra, a da praça pública, livre, repleta de riso ambivalente, de sacrilégios, de profanações, de aviltamentos, de inconveniências, de contatos familiares com tudo e com todos.

Fiorin (2006a, p. 94) traz como exemplo dessas duas vidas a obra de Gregório Matos, já que nela há a presença da “poesia religiosa, perpassada de piedade, veneração e temor”, mas há também “a poesia satírica, que dessacraliza os poderosos, relativiza as normas sociais.” De maneira semelhante, encontramos essa ambiguidade nas charges do *Charlie Hebdo* que compõem o nosso *corpus*, nas quais os símbolos religiosos são banalizados e retirados de seu ambiente sagrado para entrarem em um universo de profanação. Todavia, nesse caso, estamos diante da sátira, e esta é que produz efeitos de humor.

A ambivalência do riso somente é possível quando se consegue ultrapassar as barreiras impostas, culturalmente, de algo tido, inicialmente, como sério ou, inimaginavelmente, em conjunto com situações cômicas, como é o caso da morte, do terrorismo, do genocídio etc.

É por isso que o riso da festa popular engloba um elemento de vitória não somente sobre o terror que inspiram os horrores do além, as coisas sagradas e a morte, mas também sobre o temor inspirado por todas as formas de poder, pelos soberanos terrestres, a aristocracia social terrestre, tudo o que oprime e limita. (BAKHTIN, 2008, 79-80)

Nas charges examinadas, notamos que é a partir da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário que o humor surge. Apenas o enunciatário que consegue minimamente compartilhar a mesma ideologia do *Charlie Hebdo*, a mesma emoção captada pelo enunciador no momento de produção textual, é capaz de gerar o riso reduzido. É no momento da enunciação que as sátiras, as ironias e as polêmicas podem despertar esse estado de riso satírico que perpassa as fronteiras dos mais diversos acontecimentos da vida, sejam eles de origem negativa ou positiva.

3.3 Sátira

No Dicionário de termos literários, Moisés (2004) assim define a sátira: “modalidade literária ou tom narrativo, consiste na crítica das instituições ou pessoas, na censura dos males da sociedade ou dos indivíduos”. O autor identifica proximidade do gênero “sátira” com a comédia, o humor, o burlesco, a paródia, ironia e cognatos (MOISÉS, 2004).

Diante da possibilidade que o autor oferece de ampliar a semelhança da sátira com outros gêneros, temos a hipótese de que a charge é um tipo de texto que a comporta naturalmente em seu conteúdo. No entanto, não basta haver crítica para ser considerada uma sátira, é necessário ser também picante e maledicente (HOUAISS, 2009).

A partir dos estudos bakhtinianos sobre a obra rabelaisiana, tentaremos dar uma definição para a sátira. Perceberíamos nesse gênero uma tênue marca do riso da cultura popular apontado por Bakhtin (2008) e também do grotesco que o acompanha; se o humor é uma forma reduzida do riso, a sátira seria uma sombra desse riso, mas não é o que acontece. O riso da cultura popular é anárquico. As charges têm um objetivo certo.

No riso da cultura popular, que tem como exemplo máximo a obra de Rabelais, o estudo do grotesco é condição fundamental para entendermos as estratégias significativas que compõem esse tipo de modalidade do discurso. Bakhtin (2008) investiga o grotesco da cultura popular a partir da literatura cômica rabelaisiana. Diante disso, poderíamos formular a hipótese de que a sátira seria composta, em parte, por elementos desse gênero. Mas, Bakhtin não ampara essa hipótese.

Segundo Bakhtin (2008, p. 265, *itálico do autor*): “O exagero, o hiperbolismo, a profusão, o excesso são, segundo opinião geral, os sinais característicos mais marcantes do *estilo grotesco*”.

A partir da concepção do alemão Schneegans de que a essência do grotesco é o exagero do negativo, considerada errônea por Bakhtin (2008, p. 268), o autor russo explica que, embora o exagero, uma espécie de hiperbolização, seja “efetivamente um dos sinais característicos do grotesco (sobretudo no sistema rabelaisiano das imagens) [...]”, ele não é o mais significativo. Bakhtin (2008, p. 268-269) entende que considerar o exagero de um fato negativo como algo “puramente satírico” seria valorizar apenas o seu aspecto quantitativo e, por consequência, seria “qualitativamente muito pobre, reduzido, privado de cores e completamente triste [...]”.

Conforme Bakhtin (2008, p. 268), a interpretação de Schneegans sobre a imagem grotesca, “compreendida como puramente satírica, ou seja, denegridora, é muito difundida”. No entanto, para o estudioso russo, Schneegans, ao analisar a obra de Rabelais, trata-a como se fosse uma “sátira reduzida”, como se ela não fosse “mais do que a negação de certos fenômenos particulares, e não de toda a estrutura da vida [...]”.

No grotesco, na perspectiva bakhtiniana, o corpo tem fundamental importância para a definição desse gênero. O autor identifica, na obra de Rabelais, alusões ao baixo e ao alto corporal. É a partir do corpo que é feita a conexão com as coisas do mundo. Assim, “[...] a imagem grotesca ignora a superfície do corpo e ocupa-se apenas das saídas, excrescências, rebentos e orifícios, isto é, unicamente daquilo que faz atravessar os limites do corpo e introduz *ao fundo* desse corpo” (BAKHTIN, 2008, p. 277, *itálico do autor*).

Nessa distribuição do corpo entre saídas e partes que o atravessam, para Bakhtin (2008, p. 277, *itálico do autor*), o “*ventre e o falo*” são as partes que mais interessam ao grotesco, na ordem de relevância, seguem a “*boca*”, pois “devora o mundo” e posteriormente o “*traseiro*”. O nariz também se enquadra na imagem do grotesco quando é uma substituição do falo (BAKHTIN, 2008).

As imagens grotescas estão presentes nas charges, mas como tênue sombra, apenas, pois se perdem o relativismo e os movimentos do próprio grotesco. Perdem-se esses elementos devido à direção certa da crítica e da derrisão. Nas figuras a seguir, o baixo corporal se juntaria ao alto corporal; o nariz desproporcional de

Maomé se assemelharia ao órgão genital masculino, enquanto que o turbante que envolve sua cabeça faria lembrar as nádegas. Bakhtin (2008, p. 309) diz que “o fenômeno primeiro do cômico popular – é um movimento de roda, isto é, uma permutação permanente do alto e do baixo do corpo e vice-versa (ou seu equivalente, a permutação da terra e do céu)”. Entretanto, a direcionalidade para o alvo a ser destruído pelo riso, faz minimizar qualquer elemento grotesco.

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*,
02/11/2011, nº 1011. Capa.

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*,
14/01/2015, nº 1178. Capa.

Em análise da obra de Rabelais, Bakhtin (2008, p. 309-310, *italico do autor*) observa alguns movimentos do palhaço Arlequim: “o *traseiro insiste obstinadamente em ocupar o lugar da cabeça, e a cabeça, o do traseiro*”.

Outro exemplo da minimização da presença do grotesco na relação entre o alto e o baixo é a charge 7 (Anexo G, p. 181): “*Ils ont les armes On les emmerde, On a le champagne!*” [“Eles têm as armas Que eles se danem, nós temos o champagne!”]. O alto, representado pela boca, por onde entra o champagne, faz referência à liberdade, já o baixo, a partir do estômago, parte por onde é eliminada a bebida alcóolica, indica uma excrescência. Além disso, o segmento verbal faz referência ao baixo corporal quando utiliza o verbo *emmerder* (em alusão ao excremento humano): “*On les emmerde*”.

Charge 7

Fonte: *Charlie Hebdo*, 18 de novembro de 2015, nº 1217. Capa.

Vimos que há a minimização recursiva do grotesco nas charges e que, desse modo, como uma quase-presença ele aparece na construção da sátira. Mas, assim como o grotesco observado por Bakhtin (2008), entendemos que a sátira não trata apenas de formar uma imagem denegridora de algo ou de alguém. Há o riso. Com o efeito de humor, tudo fica relativizado.

Em agosto de 2016, a Itália sofreu terremoto em que houve muitas vítimas fatais. Após o ocorrido, o *Charlie Hebdo* publicou uma charge que irritou os italianos (ANEXO I, p. 183). Diante da repercussão que essa publicação causou, o jornal publicou em seu *site* um texto do italiano Francesco Mazza sobre a sátira:

A sátira [...] é uma coisa inerentemente repugnante. Ela deve, de sua própria natureza, provocar uma reação forte e instintiva. Ela deve chocar e enojar. [...] Ela coloca em cena imagens e símbolos que, para a sociedade, naquele momento da história são considerados sagrados [...] Se é a imagem do profeta que é sagrada, ela utilizará esse tema religioso. [...] Se representamos Maomé sobre uma nuvem olhando a Terra e dizendo “Então, chega! Nós acabamos com as virgens!”, o objeto da sátira não é certamente nem Maomé nem mesmo o Islã, mas sim os camicases e sua ideologia absurda (MAZZA, 2016, tradução nossa).²⁶

²⁶ Traduzido livremente do francês: “La satire [...] est une chose inhéremment repugnante. Elle doit, de sa propre nature, susciter une réaction forte et instinctive. Elle doit choquer et écœurer. [...] Elle met en scène des images et des symboles qui pour telle société, à tel moment de son histoire, sont considérés sacrés [...]. Si c’est l’image du profète qui est sacrée, elle utilisera ce thème religieux. [...] Si on représente Mahomet sur un nuage regardant vers le terre et disant “Alors donc, ça suffit! Nous

A nosso ver, a sátira presente nas charges tem, como é pressuposto, um grau elevado de crítica – é uma voz hiperbolicamente crítica. Para isso, destaca algo a fim de realçar um problema em constante relação do corpo com o mundo. Se a função do gênero “charge” é ridicularizar aquele que é considerado negativamente sob a sua axiologia, então a sátira, que compõe esse tipo de texto, também terá essa finalidade. Todavia, ela não apenas exagera o que seriam os atributos negativos; ela produz efeitos de reflexão em seus destinatários, levados a rir.

A sátira tem a característica de acentuar a situação polemizadora e, ao evidenciar a má-conduta do *outro*, traz o riso à tona. Sendo a charge um gênero essencialmente crítico, certamente o componente satírico cuidará de ressaltar, nesse tipo de texto, o que entende por anti-ético. O sujeito (chargista) e seu antagonista (o fundamentalista) se digladiam no interior de cada charge e na totalidade dela.

3.4 Polêmica

Segundo Lopes (2006, p. 166), a polêmica é designada como a “forma de debate ou disputa em que oponentes defendem seus pontos de vista sobre uma questão recorrendo aos mais variados procedimentos retóricos.” O autor explica que a polêmica surge quando há pontos de vista distintos sobre um determinado assunto, e, portanto, é concebível haver em toda argumentação “um certo grau de polêmica”.

Para desenvolver teoricamente a questão da polêmica em nossa pesquisa, partimos, como já foi dito, do pressuposto de Bakhtin (2016) de que todo enunciado é envolvido numa relação dialógica. Para o estudioso russo:

O enunciado está voltado não só para o seu objeto mas também para os discursos do outro sobre ele. No entanto, até a mais leve alusão ao enunciado do outro imprime no discurso uma reviravolta dialógica, que nenhum tema centrado meramente no objeto pode imprimir. A relação com a palavra do outro difere essencialmente da relação com o objeto, mas ela sempre acompanha esse objeto. Reiteremos: o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o

en avons finis avec les vierges!”, l’objet de la satire n’est certainement pas ni Mahomet lui-même, ni même l’islam, mais bien les kamikazes et leur idéologie absurde.” (MAZZA, 2016)

determinam tanto fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. (BAKHTIN, 2016, p. 61-62).

Consoante o pensamento bakhtiniano, um enunciado sempre gerará uma reação em seus destinatários e também naqueles que são incluídos em seu discurso, ou seja, o *outro*. Para Bakhtin (2016), há sempre, por parte do enunciador, uma expectativa por uma resposta ao seu enunciado. Sendo assim, quando o chargista produz uma charge, ele espera uma interação com os seus enunciatários, que pode ser acolhedora ou não. O enunciado pode causar indignação, satisfação, empatia, tristeza e até mesmo revolta nos interlocutores.

Em todo enunciado, temos a presença de um autor e de um destinatário, que podem ter diferentes perfis, conforme afirma o estudioso russo. Além disso, Bakhtin (2016, p.63) defende que as diversas “modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere”.

Como já observado em nossa definição de charge, esse tipo de gênero tem como alvo a crítica a certas figuras, especialmente os políticos e personalidades públicas. Mas as charges também retratam problemas contemporâneos de nossa sociedade, como é o caso do terrorismo, encontrado em alguns dos textos de nossa pesquisa. Assim, o enunciado é capaz de gerar, nessa interação com seus interlocutores ou destinatários, um julgamento que leva a uma intensificação da polêmica em torno do assunto tratado. Essa polêmica intensificada traz consigo o potencial de desencadear uma ação responsiva que pode ser inesperada.

A partir do estudo das relações dialógicas e da análise do romance de Dostoiévski, em sua obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2010, p. 213) identifica três tipos de discurso: o primeiro tipo é aquele que “nomeia, comunica, enuncia, representa -, que visa à interpretação referencial e direta do objeto [...]”. O segundo tipo é “o discurso representado ou objetificado [...]”.

Esses dois primeiros tipos são categorizados por Bakhtin (2010, p. 216) como objetificados. O discurso objetificado é monovocal, “soa como se fosse um discurso direto de uma só voz.” Fiorin (2006a, p. 33) explica que nesse caso o discurso do *outro* é “abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante.”

O terceiro tipo de discurso pertence à categoria dos discursos bivocais. Ao contrário dos monovocais, ele se orienta pela presença de duas vozes: “As palavras

do outro, introduzidas na nossa fala são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais” (BAKHTIN, 2010, p 223).

De maneira semelhante, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (2014), também aborda os tipos de discurso, mas os classifica em “discurso direto”, “discurso indireto” e “discurso indireto livre”, todos responsáveis por esquematizar sintaticamente a forma que o discurso de outrem é transmitido. A respeito do discurso indireto livre, o autor afirma: “é desprovido de marcas sintáticas claras”, no entanto, os outros dois esquemas podem ser confundidos, visto que “as marcas do discurso indireto são fracas” (BAKHTIN, 2014, p. 162). Diante dessas considerações, temos os discursos indireto e direto como referentes dos discursos monovocais, enquanto o indireto livre é análogo aos bivocais.

Fiorin (2006a, p. 33) esclarece que o discurso bivocal é aquele “em que não há separação muito nítida do enunciado citante e do citado”, é “internamente dialogizado”.

Há diversos discursos bivocais mencionados por Bakhtin em sua obra, inclusive a ironia, já tratada no início deste capítulo. No entanto, daremos atenção especial para a bivocalidade a que se refere a questão da polêmica, em seu significado geral.

Bakhtin (2010, p. 223-224) cita, como discurso bivocal, dois tipos de polêmica: a velada e a aberta. Na primeira:

[...] a palavra do outro permanece fora dos limites do discurso do autor, mas esse discurso leva em conta e a ela se refere. Aqui, a palavra do outro não se reproduz sem nova interpretação, mas age, influi e de um modo ou de outro determina a palavra do autor, permanecendo ela mesma fora desta. [...]

Veloso (2011, p. 46, *itálico da autora*) explica que, nesse tipo de polêmica, “o discurso do outro *não* se apresentará explicitamente no discurso do autor, porém, o influenciará ativamente, apesar de se encontrar fora do escopo”.

Quanto à polêmica aberta, esta é “simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto” (BAKHTIN, 2010, p. 224). Ela difere da polêmica velada, pois esta “está orientada para um objeto habitual, nomeando-o, representando-o, enunciando-o, e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como que no próprio objeto” (BAKHTIN, 2010, p. 224).

Além dessas classificações de tipos de polêmica, a partir da relação dialógica do enunciado, principalmente no que se refere à participação do *outro* no discurso, Bakhtin (2010) também define três graus de bivocalidade: 1) discurso bivocal de orientação única; 2) discurso bivocal de orientação vária; 3) tipo ativo (discurso refletido do *outro*).

Conforme o esclarecimento de Veloso (2011, p. 47), no primeiro grau de bivocalidade, “o discurso do outro é reelaborado, sem que haja embate discursivo”; no segundo, “há uma contraposição entre a voz do autor e a voz parodiada, sendo que a primeira prevalecerá”; e no último, a fala do autor será influenciada pela do *outro*.

Um exemplo de polêmica aberta em nosso *corpus* é a charge 7 (Anexo G, p. 181), reproduzida a seguir.

Charge 7

Fonte: *Charlie Hebdo*, 18 de novembro de 2015, nº 1217. Capa.

Nela, identificamos explicitamente a voz do *outro* (voz que indica a presença do *outro*) através da frase “*Ils ont les armes*” [“Eles têm as armas”] e também nos buracos à bala no corpo do cidadão, o que nos leva a confirmar esse sujeito extremista como alguém violento. Por outro lado, a voz do enunciador se faz presente nas frases: “*On les emmerde*” [“Que eles se danem”] e “*On a le champagne*” [“Nós temos o champanhe!”] e ainda pela atitude do homem francês que, na estereotipia da representação simbólica, alegremente bebe champanhe e

parece não se importar com a manipulação empregada pelo terrorista no discurso implícito. A voz do antagonista fica entre o velado e o desvelado.

Outros elementos que ajudam a identificar cada uma das vozes são os pronomes pessoais: “eles” e “nós”, o que delimita os espaços de cada valor axiológico e demonstra que há sujeitos em lados opostos.

Outro exemplo de polêmica aberta, em que a bivocalidade de cada uma das vozes em oposição se distinguem é a charge 5 (Anexo E, p. 179).

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*, 01/10/2014, nº 1163. Capa.

Nessa charge, há dois atores do enunciado: Maomé e o terrorista; é sugerido, pois, que seus objetivos são antagônicos. O primeiro, ajoelhado, é ameaçado com uma faca na garganta pelo segundo. Tanto o profeta quanto o jihadista têm em suas falas em discurso direto (marcadas pelos balões). Observamos ainda que o diálogo entre os personagens (o profeta e o agressor) gera um desentendimento entre eles, no qual se comprovam diferentes valores ideológicos.

A charge 1 (Anexo A, p. 175) também é voltada para a polêmica aberta. Nela, a aversão de Maomé em relação aos integristas (fundamentalistas) está explícita. O profeta até mesmo insulta seus opositores, atitude que acentua a incompatibilidade de opinião, e, desse modo, revela os papéis temáticos de cada uma das vozes desse discurso. O narrador pronuncia: “*Mahomet débordé par les intégristes*” [“Maomé farto dos integristas”], e o profeta diz: “*C’est dur d’être aimé par des cons...*” [É duro ser amado por idiotas...].

Charge 1

Fonte: *Charlie Hebdo*, 08/02/2006, nº 712. Capa.

Ao contrário das charges 1 (Anexo A, p. 175), 2 (Anexo B, p. 176), 5 (Anexo E, p. 179) e 6 (Anexo F, p. 180), nas quais Maomé supostamente é favorável à opinião do jornal, nas charges 3 (Anexo C, p. 177) e 4 (Anexo D, p. 178), reproduzidas a seguir, o profeta aparenta assumir seu próprio papel de líder e precursor da religião muçulmana.

Charge 3

Fonte: *Charlie Hebdo*, 02/01/2013. Edição Especial. Capa.

Charge 4

Fonte: *Charlie Hebdo*, junho de 2013. Edição Especial. Capa.

Nelas, é apresentada a biografia do profeta, e, portanto, a participação da voz do *outro* é ressaltada na enunciação. Em contrapartida, a voz do enunciador está implícita; ela é percebida a partir da construção do *outro* (Maomé), recuperada nas próprias ações dele e também com o auxílio de recursos visuais, como a substituição do plano de fundo azul pelo plano de fundo vermelho, a qual leva o enunciatário a identificar uma disforização em relação à transformação de Maomé, sua investidura na religião muçulmana. Com base em detalhes da biografia do ator do enunciado, o enunciador assume sua posição contrária às crenças que pautaram a vida do profeta, como o casamento com Aicha – a criança que o acompanha na charge 4 (Anexo D, p. 178), o que indica uma desaprovação do jornal quanto ao matrimônio com uma menina de apenas nove anos – e ainda o fato de ele portar um facão em suas mãos, o que sugere um comportamento violento. Esse exemplo é um caso de polêmica velada:

[...] o discurso do autor está orientado para o seu objeto, como qualquer outro discurso; neste caso, porém, qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela possa atacar polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto. (BAKHTIN, 2010, p. 224)

Na charge 6 (Anexo F, p. 180, reproduzida em seguida), embora Maomé pareça um ator do enunciado moldado com os valores ideológicos do *Charlie Hebdo*, uma vez que segura até mesmo um cartaz em que afirma “*Je suis Charlie*” [“Eu sou Charlie”], ele demonstra a presença de uma polêmica velada, pois o *outro*, a quem se dirige a crítica do jornal, está implicitamente presente na enunciação.

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*, 14/01/2015, nº 1178. Capa.

Não há palavras direcionadas diretamente ao sujeito fundamentalista, mas, a partir de alusões intertextuais, como o cartaz que simboliza o atentado terrorista, identificamos a rejeição por aquele que é capaz de cometer um crime em nome da fé, visto que acredita que será perdoado se seus atos forem para vingar o profeta: “*Tout est pardonné*” [“Tudo está perdoado”].

A polêmica aberta, por sua vez, é o que orienta o discurso bivocal da charge 8 (Anexo H, p. 182, reproduzida a seguir).

Charge 8

Fonte: *Charlie Hebdo*, 06/01/2016, nº 1224. Capa.

O narrador afirma: “1 an après”: “*L’assassin court toujours*” [“1 ano depois”: “O assassino continua à solta”]. O jornal apresenta a figura de Deus, como um sujeito violento, o que é comprovado pela arma que carrega e o sangue que mancha suas mãos e roupas. Esse *outro* é denominado explicitamente como “assassino”, palavra destacada no segmento verbal. Sua oposição é abertamente declarada àqueles, ou seja, os extremistas, que se apoiam no discurso religioso para justificar seus atos criminosos.

Notamos que todas as charges carregam em si a polêmica. Se todos os discursos analisados são polêmicos, resta investigar por que a charge do *Charlie Hebdo* se configura como mais intensamente polêmica: quais são seus mecanismos discursivos que, com respaldo na tensividade (ZILBERBERG, 2011), tornam-na de maior impacto sensível, o que teria um potencial para viabilizar as práticas sociais assassinas de sujeitos adoecidos pelo fundamentalismo islâmico.

Veloso (2011, p. 46-47) nos dá uma pista de qual polêmica teria mais impacto. Para a autora, a polêmica aberta, é aquela “[...] cujos contornos linguísticos do discurso refutado emergem de modo evidente na fala do autor, por meio, por exemplo, do discurso citado indireto, nomeação, uso de advérbios de negação, conjunções adversativas [...]”

Com essa afirmação, a autora conclui que, “por se tratar de uma tomada explícita da palavra do outro como objeto, essa bivocalidade pode movimentar uma tonalidade diferente da velada.” (VELOSO, 2011, p. 47). Em relação à polêmica aberta, a estudiosa ainda declara:

[...] acreditamos que a PA (polêmica aberta) não deve ser compreendida como característica da variedade ativa, uma vez que o locutor, ao inserir a fala do outro como base de contestação em sua própria fala, visa sobrepujar seu posicionamento axiológico em relação ao discurso refutado. Ou seja, compreendemos a PA como um discurso de *orientação vária*, uma vez que o fenômeno se delinea segundo a intencionalidade do locutor movida pelo ensejo de exercer sua influência sobre a fala do outro e não ao contrário (VELOSO, 2011, p. 47, grifo da autora).

Em nossa análise, identificamos uma tendência de utilização de polêmica aberta na enunciação do *Charlie Hebdo*. Os chargistas referem-se ao *outro*, às vezes, de modo explícito e direto, e assumem expressamente seu posicionamento quanto aos fundamentalistas religiosos. Há uma nomeação desses opositores que

não apenas os identificam no discurso, mas fazem ascender a polêmica. O *outro* é “assassino”, “estúpido”, “idiota”... Além dos insultos, o enunciador molda Maomé, de acordo com a sua axiologia. O profeta é seu aliado (adjuvante) e não dos terroristas.

A partir dos conceitos de bivocalidade (BAKHTIN, 2010) e de tensividade (ZILBERBERG, 2011), concluimos que quanto mais o discurso é envolto em uma polêmica aberta, na qual a presença do *outro* toma formas e significados diferentes dos seus valores axiológicos para se aproximar da posição ideológica do jornal, mais intensa será a polêmica. Por conseguinte, se for ao contrário, como é o caso de uma polêmica velada, o enunciado terá um impacto de menor intensidade.

4. O CORPO DISCURSIVO NAS CHARGES DO *CHARLIE HEBDO*: O ATOR DA ENUNCIÇÃO (O NARRADOR) E O ATOR DO ENUNCIADO (O PERSONAGEM-INTERLOCUTOR)

Começemos por discorrer sobre a historicidade dos fatos, ainda não pensada semioticamente. Para isso faremos observações mais da ordem da sociologia e da antropologia, considerando o que aponta Barros (1994, p.82). Segundo a autora, o nível das estruturas discursivas é a parte mais reveladora de informações sobre a enunciação. Junto aos procedimentos de argumentação e escolha de temas e figuras, aparecem as formações ideológicas que envelopam o texto. Por isso, conforme assinala a semioticista, não basta analisar internamente o texto “para determinar os valores que o discurso veicula”; ela enfatiza: “é preciso inserir o texto no contexto de uma ou mais formações ideológicas que lhe atribuem, no fim das contas, o sentido.” (BARROS, 1994, p. 83). Para posicionar o leitor sobre o contexto das charges de nosso *corpus* e os valores próprios aos principais envolvidos, a saber: o *Charlie Hebdo* e os fundamentalistas islâmicos, discorreremos sobre as oposições que delimitam seus objetivos.

Em entrevista concedida ao *Le Monde* (CHARLIE...,2012²⁷), Charb, ex-diretor do *Charlie Hebdo*, declarou rejeitar a tradição para a qual a imagem de Maomé não deve ser reproduzida. Em sua concepção, isso é apenas um costume; a imagem do profeta pode ser retratada da mesma forma como a de Jesus nas aulas de catecismo.

O conflito entre os valores fundamentalistas islâmicos e a ideologia empregada pelos chargistas do *Charlie Hebdo* têm origens distintas: os primeiros são motivados pelos valores orientais, e a segunda é movida pelos valores ocidentais. Essa oposição é o que promove o desentendimento entre as ideias propagadas por ambas as partes. De um lado, estão aqueles que prometem lealdade aos princípios religiosos; de outro, aqueles que não abrem mão da liberdade de expressão irrestrita, um direito supostamente adquirido pelo povo francês.

²⁷ CHARLIE Hebdo publie une BD sur la vie de Mahomet. Produção: Céline Jankowiak, Nassima Ouail, Farid Addala. Paris: **Le monde**, 2012. (1 min), color. Disponível em:< http://www.lemonde.fr/actualite-medias/video/2015/01/07/il-y-a-deux-ans-charlie-hebdo-publiait-la-vie-de-mahomet_4550953_3236.html#SLjkqRLOU8eTRA0H.99> Acesso em 14 ago. 2016.

A luta de Maomé para a construção e a manutenção de uma religião monoteísta, com a crença em um único Deus, Alá²⁸, passou de geração para geração e atravessou os séculos, tornando o islamismo uma das religiões com o maior número de fiéis espalhados pelo mundo todo. Entretanto, a lealdade de alguns seguidores tem preocupado muito a sociedade contemporânea.

Conforme explicam Fontanille e Zilberberg (2001, p. 57), existem os valores de absoluto – triagem – e os valores de universo – mistura. De acordo com os estudos tensivos da semiótica, estamos diante da triagem exacerbada de valores, na qual se exclui o diferente: isso nos princípios fundamentalistas. Em contrapartida, nas charges, a triagem evolui para a mistura. Elas oferecem indicações de mistura e de um funcionamento hiperbólico dos valores de universo, segundo a proposta dos semioticistas citados.

Os jihadistas têm a missão de manter os fiéis no caminho da religião e da fé, além de lutarem para que as pessoas não entrem em conjunção com uma vida fora dos ensinamentos deixados pelo profeta Maomé – conforme a notícia histórica que tivemos deles. Porém, ao fazer interpretações particulares, praticam atos terroristas e os justificam com base na própria religião – de acordo com apreensões feitas na mídia contemporânea.

No âmbito do discurso, considerando as práticas sociais, o conflito entre indivíduos de formações ideológicas e culturais tão distintas (o discurso fundamentalista e o discurso das charges) podem ser representados da seguinte forma:

²⁸ A palavra Alá ou Allah é utilizada para designar Deus em árabe e é utilizada também por falantes de árabe de outras religiões.

Figura 7 – Quadrado semiótico sobre o conflito gerado entre o *Charlie Hebdo* e o fundamentalismo islâmico.

Fonte: Elaboração nossa.

No quadrado semiótico proposto, incluímos o *Charlie Hebdo* como membro de uma comunidade com formação ideológica e cultural baseada em princípios relativistas, enquanto o fundamentalismo islâmico tem seus princípios ideológicos numa triagem exacerbada, como comprovam os atos terroristas praticados.

Segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 53), os valores de universo:

[...] supõem a predominância da valência da abertura sobre a do fechamento e predominância da valência da mistura sobre a da triagem; em relação à primeira, a abertura vale como livre e o fechamento como restrito, ou até apertado; em relação à segunda, o misturado é avaliado como completo e harmonioso e o puro é depreciado como incompleto ou menos imperfeito ou desfalcado [...] (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 53)

Ao comparar o discurso das charges com as práticas sociais terroristas, vemos que as primeiras estão fundadas nos valores de universo devido à relatividade do efeito de humor, enquanto as segundas pertencem aos valores de absoluto, uma vez que o fundamentalismo islâmico busca lutar contra a propagação das ideias e costumes do Ocidente, por considerá-los em disjunção com os valores muçulmanos. Por sua vez, o *Charlie Hebdo*, certo de suas posições ideológicas, procura combater os princípios que os fundamentalistas islâmicos tentam impor ao Ocidente, mantendo-se em conjunção com os seus valores, por exemplo, a liberdade de expressão, tão cara ao país de origem das charges.

Charb, ao afirmar na entrevista ao *Le Monde* (CHARLIE..., 2012) que a proibição da reprodução da imagem de Maomé seria “apenas uma tradição”, nega, portanto, aquilo que para o *outro* (o fundamentalista) tem importância crucial.

Nessa mesma direção, Leone (2015) traçou uma análise sobre os movimentos surgidos logo após os acontecimentos ocorridos na região parisiense entre 7 e 9 de janeiro de 2015. O estudioso elaborou o quadrado semiótico a seguir para explicar o posicionamento das pessoas em relação aos acontecimentos de acordo com suas formações ideológicas.

Figura 8 – Quadrado semiótico do ritual de formação de opinião.

Fonte: Leone (2015, p. 29), tradução nossa³⁰, negrito do autor, acrescido de indicações nossas.

Como o semiotista italiano, estamos no domínio das práticas sociais, logo, não nos restringimos à análise das charges elencadas. Discini (2017)³¹ explica que, ao falarmos em práticas, pensamos em discursos ainda não encapsulados em texto (informação verbal). Leone (2015, p. 07) observa que, num primeiro momento, após o ataque em janeiro de 2015, surgiram demonstrações, por parte da população, de empatia em relação aos charginistas mortos no atentado. Diversos cartazes com a frase “*Je suis Charlie*” [“Eu sou Charlie”] rapidamente tomaram as ruas em apoio às

²⁹ Termo acrescido em nossa pesquisa, conforme sugestão de Lopes na banca de defesa deste trabalho. A palavra se aproxima mais semanticamente da proposta de Leone (2015) referente ao termo complexo comparado ao termo neutro, identificado como indiferença. Há um engajamento social de movimentos distintos em posicionar a favor ou contra o *Charlie Hebdo*,

³⁰ Traduzido livremente do inglês (reprodução apenas dos termos na sequência em que aparecem no texto): Complex Term: Sarcasm; I am Charlie; I am X; Identification/Empathy; Cleavage/Relativizing, Comparison; I am not X; I am not Charlie; Neutral term: Indifference.

³¹ Informação fornecida por Discini em notas de orientação a este trabalho.

vítimas. Junto com esse movimento, várias charges foram publicadas em apoio ao *Charlie Hebdo* e se somaram ao movimento do “*Je suis Charlie*”.

Segundo Leone (2015, p. 08), houve ainda uma clivagem. Surgiu um movimento de negação, em que as pessoas se posicionaram contrárias ao *Charlie Hebdo* por ter desrespeitado a fé de outrem. Mesmo não apoiando o ato terrorista, não concordaram com a posição do periódico ao publicar as charges utilizando a figura do profeta Maomé. Para essas pessoas, a liberdade de expressão deveria ter limites. Manifesta-se, então, o movimento “*Je ne suis pas Charlie*” [“Eu não sou Charlie”].

Por sua vez, o terceiro movimento exposto por Leone (2015, p. 10) traz à tona o termo “comparação relativizadora”: quando alguém “expressa empatia” por alguma coisa constrói, a partir de sua identidade, uma relativização por comparação. Enquanto alguns apoiavam o jornal com seus cartazes “*Je suis Charlie*” [“Eu sou Charlie”], outros prestavam seu apoio aos terroristas: “*Je suis Kouachi*” [“Eu sou Kouachi”] (irmãos que cometeram o atentado), ou ainda a outras causas que poderiam ter ou não ligação com o contexto, como é o caso do exemplo dado pelo autor: “*Je suis taxi legale*” [“Eu sou um táxi legal”], cartaz fixado num táxi em Turim, Itália, em protesto ao aplicativo *Uber*.

Leone (2015, p. 31) explica ainda que há um quarto movimento. O lado oposto do “*Je ne suis pas Charlie*” é preenchido por aqueles que são indiferentes ao movimento “Eu sou X”. Para essas pessoas, não há envolvimento emocional com os acontecimentos.

Desde Greimas e Courtés (2016), a união entre os termos positivos leva ao termo complexo. Assim, com Leone (2015, p. 32), o sarcasmo define os valores de quem opta por um ou por outro posicionamento, ou seja, seu engajamento diante da polêmica instalada. Já a união entre os termos negativos leva ao termo neutro, pois eles apontam para uma indiferença de quem se coloca diante dos fatos observados.

Dentre esses movimentos, aqueles definidos como termos complexos são bastante significativos para a nossa análise, por explicarem, pelo menos em parte, os conflitos relacionados ao *Charlie Hebdo*. De um lado, estão os sujeitos que, ao apoiar o jornal, defendem também a liberdade de expressão; do outro, os que defendem a atitude dos irmãos Kouachí, de Amedy Coulibaly e de tantos outros terroristas, e, portanto, acreditam que atos terroristas podem ser cometidos se

houver desrespeito ao profeta Maomé. Nesse caso, esses sujeitos atuam sobre o *outro* por opressão.

Na introdução deste capítulo, procuramos analisar brevemente, por meio das práticas sociais, o conflito gerado entre o *Charlie Hebdo* e os fundamentalistas islâmicos. Com o intuito de aprofundar um pouco o assunto, discutiremos, a seguir, como o ator da enunciação (narrador) e o ator do enunciado (interlocutor), a partir da imanência das charges produzidas, dão forma ao corpo discursivo.

4.1 Maomé no discurso do *Charlie Hebdo*

Como já discutido anteriormente, o ponto de maior divergência entre o *Charlie Hebdo* e os fundamentalistas islâmicos é a publicação de charges que abordam a figura do profeta Maomé. Procuraremos, semioticamente, contemplar como o sujeito actante e o modo como os atores do enunciado e os da enunciação – sendo o último o criador das charges – são expostos no discurso. Todavia, é necessário pensar nas práticas sociais como hábitos sociais perpetuados discursivamente. Cabe ressaltar o tabu envolvendo a publicação de imagens do profeta Maomé. Em reportagem à BBC, McManus (2015) diz que, para a maioria dos muçulmanos, representar graficamente Maomé não seria permitido de forma alguma a fim de evitar adorações de ídolos. No entanto, segundo o autor, o assunto é controverso, pois há no alcorão uma passagem relacionada à adoração de imagens, sem referência explícita à proibição. Na referida reportagem, McManus (2015) entrevistou a professora Mona Siddiqui, da Universidade de Edimburgo, na Grã-Bretanha, que afirma existirem imagens de Maomé feitas por artistas muçulmanos na “época dos impérios Mongol e Otomano”. Essas representações não serviam para idolatria, mas por “amor e veneração” ao profeta.

A reportagem de McManus (2015) revela ainda que imagens do profeta começaram a desaparecer em um certo momento e “uma nova retórica contra representações gráficas” surgiu. Há que se considerar também, como aponta a pesquisadora Mona Siddiqui, as diferenças entre algumas correntes do Islã, as quais podem se pautar em visões levemente distintas.

O ex-chefe do Instituto do Pensamento Islâmico, Dr. Azzam Tamimi, na entrevista da BBC, declara não haver menção à proibição de imagens no alcorão:

“O Corão em si não diz nada” [...]. “Mas é aceito por todas as autoridades islâmicas que o profeta Maomé e os demais profetas não podem ser desenhados e não podem ser produzidos em fotos, porque são, segundo a fé islâmica, indivíduos infalíveis, modelos de comportamento, e portanto não podem ser representados em nenhuma maneira que seja desrespeitosa.” (TAMIMI apud MCMANUS, 2015).

De qualquer forma, enquanto para os muçulmanos a representação de Maomé tende a firmar-se como um tabu, para os chargistas – conforme indicações das próprias charges – não há motivo para não representá-lo. Nesse choque entre pontos de vista (ideologias) distintos, os chargistas tiveram suas vidas interrompidas por uma ação terrorista praticada por fundamentalistas islâmicos movidos pelo sentimento de *dever* vingar o profeta Maomé, representado textualmente em edições do *Charlie Hebdo*.

No meio dessa controvérsia entre visões distintas e opostas de mundo, podemos afirmar que o conflito se institui na construção da identidade do *outro*, a partir da identidade de cada um, de seus valores e suas crenças. Trata-se de um caso de desencontro de simulacros – entendido o simulacro como a imagem (representação) construída na intersubjetividade, na qual dois sujeitos (S_1 e S_2) com objetivos incomuns buscam um equilíbrio passional em uma relação social (GREIMAS, 2014).

No delírio exacerbado da triagem fundamentalista, os chargistas não teriam direito à liberdade de expressão.

Retomando a questão da actorialização do profeta, o ator em pauta no discurso das charges, partiremos de Benveniste (1989), para quem a actorialização, junto à espacialização e à temporalização, compõe a enunciação.

Para Fiorin (2016, p. 51), a actorialização é “um dos componentes da discursivização e constitui-se por operações combinadas que se dão tanto no componente sintático quanto no semântico do discurso”. Por meio dela, é possível, pois, definir como se instalam os sujeitos no discurso, seja no enunciado seja na enunciação.

Maomé, ao dizer “eu”, explicita ou implicitamente, se for voz delegada pelo narrador, é um actante ator do enunciado, como mostram os anexos de A a F, p. 175-180 (Charges de 1 a 6). A identificação do personagem é possível a partir de diversas figuras instaladas no enunciado, a começar pela construção figurativa do sujeito muçulmano. O profeta é representado em trajes característicos muçulmanos,

como a túnica e o turbante, que ajudam a compor seu visual oriental. Além dos mecanismos de actorialização, a construção desse personagem se deve também às estratégias de figurativização no discurso.

Pelo procedimento de figurativização, figuras do conteúdo recobrem os percursos temáticos abstratos e atribuem-lhes traços de revestimento sensorial. Uma narrativa de busca do poder-ser e fazer pode tornar-se um discurso temático sobre a liberdade com algum recurso figurativo esporádico, como nos discursos políticos ou nos textos filosóficos, ou apresentar-se como um discurso figurativo, recoberto, em sua totalidade, por figuras. (BARROS, 1994, p.72)

Outra característica comum nas charges em que Maomé é o ator do enunciado é a presença da barba e do bigode. Nas charges com o profeta representado como adulto (cf. Charges 1, 2, 4, 5 e 6), ele é figurativizado, geralmente, com barba comprida e bigode aparado.

Charge 1

Fonte: *Charlie Hebdo*,
08/02/2006, nº 712. Capa.

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*,
02/11/2011, nº 1011. Capa.

Charge 4

Fonte: *Charlie Hebdo*,
02/01/2013. Edição Especial.
Capa.

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*,
01/10/2014, nº 1163. Capa.

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*, 14/01/2015, nº 1178. Capa.

Essas figurativizações visuais remetem a hábitos e costumes perenizados como “estilo de vida”, conforme preveem estudos da semiótica contemporânea. Para Greimas e Fontanille (2015), o “estilo de vida” se diferencia da “forma de vida”, enquanto aquele é concebido pela sociologia como mais próximo dos estereótipos, nesta:

“[...] o indivíduo se inscreve doravante na perspectiva de uma nova ‘ideologia’, de uma ‘concepção de vida’, de uma ‘forma’ que é ao mesmo tempo uma filosofia da vida, uma atitude do sujeito e um comportamento esquematizável [...]” (GREIMAS; FONTANILLE, 2015, p. 30)

Esse tipo de representação remete, por implicação, à própria declaração de Maomé sobre práticas naturais de higiene. Entre essas práticas estão: “aparar o bigode, deixar a barba crescer” (ZARABOZO, 2011, p. 186), o que indica suas preferências em relação aos pelos do rosto e o simulacro de uma aparência física típica aos ideais da cultura referida.

O segmento visual, na construção dos atores no texto analisado, as charges, é, por isso, relevante para a sua significação, mas nem sempre é suficiente para o entendimento mais sensível da figura do ator. Nas charges examinadas, a concretude do ator é dada pela junção do segmento visual e do segmento verbal, pela contextualização sócio-histórica implícita e pela alusão intertextual.

A figurativização de Maomé é construída não somente com figuras que se referem diretamente a ele, mas também com a co-presença de figuras que recuperam símbolos do Islã, como a charia e a cor verde, tidas simbolicamente como sagradas para essa religião. Esses elementos colaboram e favorecem a figurativização e ajudam a compor a espacialidade discursiva do sujeito Maomé. Todavia, embora haja muitos elementos visuais que indicam a composição do ator Maomé, é o segmento verbal o responsável pela confirmação da identidade do ator social Maomé nas charges de 1 a 5, pois, em todas elas temos o nome do profeta estampado nos textos humorísticos. A exceção fica por conta da charge 6, na qual é possível reconhecê-lo apenas a partir da alusão intertextual com a charge 2 (Anexo B, p. 176), produzida pelo mesmo chargista, que manteve os mesmos traços e cores para a composição visual do profeta. Um leitor sem contato com a charge 2, ou sem informações sobre o contexto, identificará de modo raso a figura actorial de Maomé.

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*,
02/11/2011, nº 1011. Capa.

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*,
14/01/2015, nº 1178. Capa.

Além de sua actorialização, o profeta é inserido em um espaço e um tempo que permitem a sua identificação na relação estabelecida com o universo de valores morais e éticos do fundamentalismo islâmico. O fundo das charges 2 e 6 é verde, como meio para representar cromaticamente a continuidade do espaço religioso muçulmano. Nas charges 3 e 4, referente à biografia de Maomé, acreditamos que o espaço retratado é Meca, local em que o profeta viveu. Já na charge 5, Maomé é ameaçado por um terrorista e temos indicações de que se trata do local no Oriente Médio onde o Estado Islâmico executa seus inimigos, os “infiéis”.

Charge 3

Fonte: *Charlie Hebdo*,
02/01/2013. Edição Especial.
Capa.

Charge 4

Fonte: *Charlie Hebdo*, junho de
2013. Edição Especial. Capa.

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*, 01/10/2014, nº 1163. Capa.

O tempo-espaço pode ser pensado, portanto, como ambiente semântico, isto é, dirigido por temas e figuras. Um tempo biográfico ou autobiográfico cujas indicações são marcadas pela combinação de uma série de elementos, tanto no segmento visual quanto no segmento verbal. As charges 3 e 4, por se aproximarem de uma atmosfera biográfica, representam semanticamente um tempo pretérito, cravado na história da vida “do *outro*” – Maomé –, o que remete à expressão “Em um determinado momento do passado. Aí, o marco referencial é pretérito.

Esse tipo de construção temporal se difere das demais charges em que Maomé também é figurativizado. Nos demais exemplos de nosso *corpus*, o personagem-interlocutor é inserido no tempo presente em concomitância com o Momento da Enunciação (ME), gerando certa impressão de realidade, mas que, ao mesmo tempo, possibilita um efeito de humor, pois é dado ao profeta características não compatíveis com a sua biografia.

Assim como o tempo, o espaço também é capaz de causar os mesmos resultados de sentido. O espaço se emparelha à determinação do tempo no discurso. Dessa forma, o enunciador utiliza estratégias de ancoragem histórica, explicada como:

[...] disposição no momento da instância de figurativização do discurso, de um conjunto de índices espaço-temporais, e mais particularmente, de topônimos e de cronônimos que visam a constituir o simulacro de um referente externo e a produzir o efeito de sentido de “realidade”. (GREIMAS e COURTES, 2016, p. 30)

As charges sobre a biografia de Maomé trazem indicações espaciais que situam a “realidade” vivida pelo profeta e ajudam a reconstruir os momentos de sua trajetória. Em ambas as charges referidas (3 e 4) existem montanhas ao fundo, as quais podem referir-se ao Monte Hira, onde Maomé teve as revelações que o levaram a fundar a religião muçulmana. Trata-se de uma hipótese analítica nossa, a partir de dados contextuais somados aos topônimos e cronônimos do texto verbo-visual, a charge.

A ancoragem, seja ela actorial, espacial ou temporal, oferece condições para uma situação instalada no discurso por meio de pessoas, espaços e referências de tempo capazes de auxiliar o enunciador na recomposição de um fato e de dar notoriedade ao seu discurso. Temos como exemplos, em nosso *corpus*, além da alusão possível à Meca (espaço que indica uma debreagem enunciativa), a frase “*1 an après*” [“1 ano depois”], na charge 8, que faz uma ancoragem do tempo. Há também o jihadista John, terrorista da charge 5, que, como ator do enunciado, permite a reconstrução de uma situação de execução de inimigos do Estado Islâmico, em diálogo com a figurativização do deserto e as referências temporais do presente.

Charge 8

Fonte: *Charlie Hebdo*,
06/01/2016, nº 1224. Capa.

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*,
01/10/2014, nº 1163. Capa.

Inicialmente, indicamos como Maomé é figurativizado através de estratégias enunciativas. No entanto, a fim de aprofundar a investigação, tomaremos como base teórica para a análise da construção do *outro* no discurso a teoria proposta por Landowski (2002) sobre a presença desse *outro* no próprio discurso. O *eu* e o *outro* constituem-se por suas diferenças, como aponta o sociosemiotista francês:

Não é diferente com o 'sujeito' – eu ou nós – quando o consideramos como uma grandeza *sui generis* a constituir-se do ponto de vista de sua 'identidade'. Também ele condenado, aparentemente, a só poder construir-se pela diferença, o sujeito tem a necessidade de um ele – dos 'outros' (eles) – para chegar à existência semiótica, e isso por duas razões. Com efeito, o que dá forma à minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a alteridade do outro atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele (LANDOWSKI, 2002, p. 3-4).

Para Landowski (2002), a construção do *outro* se dá por uma dessas quatro operações: assimilação, exclusão, admissão ou segregação. Na *assimilação*, o *eu* inclui o *outro* em seu discurso, mas essa aceitação ocorre com a condição de que o *outro* se assemelhe ao *eu*. Desse modo, o *outro* poderá entrar em conjunção com o *eu*. No caso da *exclusão*, o *eu* rejeita completamente a imagem do *outro* e, portanto, não quer a conjunção com ele. Já na *admissão*, ocorre uma operação de não disjunção com o *outro*, pois a imagem deste é admitida, agregada à imagem do *eu*. Nessa operação, o *eu* aceita a diferença do *outro*. Para ele, o diferente é algo

positivo, logo, não há disjunção entre esses sujeitos: o *eu* e o *outro*. Quanto à *segregação*, há uma separação total do *eu* e do *outro*. Pelo fato de a diferença do *outro* não ser aceita, o *eu* não pode estar em conjunção com ele (LANDOWSKI, 2012).

Essas operações de presenças do *outro* são representadas no quadrado semiótico a seguir:

Figura 9 – Organização esquemática das presenças do *outro*.

Fonte: Landowski (2002, p. 15).

Ao reproduzir discursivamente a figura do *outro*, Maomé, o *Charlie Hebdo* permite que reconheçamos como provavelmente o *outro* é, pois mantém no discurso algumas características do profeta, por exemplo, as vestimentas próprias aos muçulmanos, o vocabulário e o espaço do ator religioso, símbolos muçulmanos e diversos outros recursos já mencionados anteriormente. Nesse ponto, a charge assimila Maomé e o inclui no universo semântico dele. Mas assimila Maomé para compô-lo junto à sátira da charge. Assim, o viés satírico faz o enunciador da charge evoluir para a segregação do *outro*.

Por conseguinte, o *Charlie Hebdo* constrói Maomé por assimilação, mas passa a retratá-lo sob o ponto de vista da sátira. Faz, então, com que essa figura sagrada pareça favorável às ideias do jornal. Ao enunciar Maomé irritado com as atitudes dos fundamentalistas islâmicos, o *Charlie Hebdo* o inclui em seu próprio

discurso (Charge 1, Anexo A, p. 175), pois quem de fato está farto dos integristas e é crítico a esse discurso é o enunciador chargista.

Charge 1

Fonte: *Charlie Hebdo*, 08/02/2006, nº 712. Capa.

Ao ser assim utilizado, como ator do enunciado, Maomé atua como destinador e sanciona negativamente alguns de seus seguidores (os fundamentalistas), destinatários de sua manipulação. Mas isso é no modo do parecer, não do ser. O chargista e a figura do enunciado Maomé não estão no mesmo território axiológico. Maomé em segredo também é disforizado.

Na maioria das vezes, a charge utiliza a provocação como manipulação: “Será que você, leitor, saberá ler nas entrelinhas?” Para isso, parece criar outra manipulação: a de Maomé, dirigida ao fundamentalista, para que este queira realizar uma *performance*, ou seja, agir de maneira apropriada de acordo com os ensinamentos do próprio profeta, visto que as atitudes fundamentalistas lhe desagradam.

A narrativa mencionada diz respeito às estratégias enunciativas da charge, para compor a sua voz satírica. Outras charges comprovam esse discurso do jornal feito na fronteira entre a assimilação e a segregação: na charge 2 (Anexo B, p. 176), por exemplo, em que Maomé ameaça: “*100 coups de fouet, si vous n’êtes pas morts de rire!*” [“100 chibatadas, se você não morrer de rir!”], o *Charlie Hebdo* transforma essa figura sagrada em um aliado que provoca, que zomba dos símbolos sagrados dos muçulmanos. Dessa forma, o *eu* (chargista) desconstrói a figura do *outro* para haver uma aparente conjunção deste com as ideias do próprio jornal. Esse *outro*

também se assemelha ao *eu* quando declara ser o redator-chefe da edição (ao lado do título *Charia Hebdo*), na circunvizinhança da mentira (parece, mas não é), conforme conceitos de Greimas e Courtés (2016).

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*, 02/11/2011, nº 1011. Capa.

A ilustração mais explícita da presença do *outro* pelo discurso de assimilação é a charge 6, em que Maomé aparece com o cartaz “*Je suis Charlie*”. Nessa charge, Maomé parece perder toda a sua identidade, pois não é ele mesmo, é o *outro*, é *Charlie*.

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*, 14/01/2015, nº 1178. Capa.

Cria-se, com essa charge, um efeito de realidade no qual Maomé toma para si toda a dor e rejeição pertencente ao jornal e não a ele; ao mesmo tempo, nega o seu próprio discurso ao ironizar: “Tudo está perdoado”, afastando, dessa forma, características típicas de seu discurso. Mas a sátira permanece e, com ela, um princípio de segregação. Se não houvesse esse princípio, não haveria o riso.

Conforme depreendido na leitura semiótica feita das charges, o *Charlie Hebdo* e o fundamentalismo islâmico têm valores axiológicos completamente diferentes: são sujeitos incompatíveis, por isso fundam discursos que atuam em lados opostos. O jornal, ao utilizar o recurso de assimilação, transforma o discurso do *outro*, do fundamentalista islâmico, em um discurso que agrega o mais sagrado para os fundamentalistas com as profanidades do mundo negado pelos próprios fundamentalistas, e com as quais esses sujeitos não querem estar em conjunção.

Contribui também para que a voz de Maomé se confunda com a voz do *Charlie Hebdo* na aparente assimilação a forma como é feita a citação da voz do profeta: o discurso reportado, isto é, “a citação, pelo narrador, do discurso de outrem e não apenas de palavras ou sintagmas” (FIORIN, 2016, p. 63). Existem três tipos de discurso reportado: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. Interessa-nos, para este estudo, o discurso direto:

O *discurso direto* é o resultado de uma debragem interna (em geral de segundo grau), em que o narrador delega voz a um actante do enunciado. No discurso direto, há duas instâncias enunciativas, dois níveis de *eu*: o do narrador e o do interlocutor. O discurso direto é um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador. Como ele apresenta duas instâncias enunciativas, dois sistemas enunciativos autônomos, cada uma conserva seu *eu* e seu *tu*, suas referências dêiticas, as marcas da subjetividade próprias. As aspas ou os dois pontos e o travessão marcam a fronteira entre as duas situações de enunciação distintas. (FIORIN, 2016, p. 63)

A charge é um gênero textual em que o uso do discurso direto é recorrente. No lugar das aspas, dos dois pontos e do travessão, geralmente comuns nos textos em discurso direto, os balões permitem identificar, nos textos verbo-visuais, as falas de cada actante do enunciado. Em nosso *corpus*, além dos balões, encontramos marcas desse tipo de discurso também no cartaz com a inscrição “*Je suis Charlie*” [“Eu sou Charlie”]. Aliados às imagens, os balões e o cartaz presentes nas charges acentuam a percepção do leitor de que seria o próprio Maomé o autor do conteúdo enunciado. Isso é possível porque o discurso direto “cria um efeito de realidade, pois dá a impressão de que o narrador está apenas repetindo o que disse o interlocutor” (FIORIN, 2016, p. 65).

Ao analisar a reportagem jornalística sobre o ex-presidente Lula, Discini (2015b, p. 115) esclarece que o discurso direto utilizado para destacar a fala do político “referenda o efeito de vivificação da própria fala do presidente, que parece ter as palavras meramente repetidas pelo repórter.” A figura de Lula, confirma a autora, é fortalecida “como presença ‘real’, viva, próxima afetivamente do leitor”, concluindo também que o uso do discurso direto cria um “efeito de realidade, exacerbado” (DISCINI, 2015b, p. 115).

O discurso direto com o uso de balões e cartaz é um exemplo de heterogeneidade mostrada e marcada, conforme termo utilizado por Authier-Révuz (1990). Esse tipo de heterogeneidade ultrapassa a fronteira do “eu” que se coloca como sujeito de seu discurso, “por esse ato individual de apropriação que introduz aquele que fala em sua fala” (AUTHIER-RÉVUZ, 1990, p. 33).

As formas de heterogeneidade marcada reforçam, confirmam, asseguram esse “eu” por uma especificação de identidade, dando corpo ao discurso – pela forma, pelo contorno, pelas bordas, pelos limites que elas traçam – e dando forma ao sujeito enunciator – pela posição e atividade metalinguística que encenam. (AUTHIER-RÉVUZ, 1990, p. 33)

Para corroborar o modo como o *Charlie Hebdo*, através das suas charges, constrói Maomé em seu discurso, examinaremos duas charges que ilustram as capas de dois exemplares da biografia do profeta, produzidas em forma de quadrinhos pelo jornal. As capas seguem uma sequência narrativa: 1ª parte (Charge 3) e 2ª parte (Charge 4).

Charge 3

Fonte: *Charlie Hebdo*,
02/01/2013. Edição Especial.
Capa.

Charge 4

Fonte: *Charlie Hebdo*, junho de
2013. Edição Especial. Capa.

Numa observação inicial, é possível perceber que cada charge representa um período da vida de Maomé: a primeira (Charge 3, Anexo C, p. 177), a fase da infância; a segunda, (Charge 4, Anexo D, p. 178) a fase adulta. De imediato, há indicações sugestivas do tempo cronológico (efeito de sentido) na narração da vida do profeta.

Na primeira parte, Maomé é uma criança, está descalço e puxa um camelo sem nenhum esforço, demonstrado pela corda solta e pela face cômica do animal, indiferente ao fato de ser guiado. As linhas em diagonal no desenho do corpo remetem a um estado desajeitado, revelando uma despreocupação em relação à vida. Sobre a sua cabeça, paira a figura de uma nuvem.

Na segunda parte, Maomé se figurativiza como adulto. Está calçado, tem um turbante em sua cabeça, carrega um facão em uma das mãos e com a outra puxa uma criança, cujas indicações visuais apontam para uma menina: o brinco na orelha esquerda, o leve cromatismo vermelho (batom) no desenho dos lábios e também pela túnica lilás, cor distinta da roupa branca do profeta. É possível a hipótese analítica de que se trata de uma das diversas esposas de Maomé. Em sua biografia (LAWRENCE, 2008, p. 51) consta o casamento com Aicha, uma menina de 9 anos de idade, a mais jovem e mais bonita de suas esposas, dada em casamento no ano de 623 por seu pai, Abu Bakr, primeiro califa, ou sucessor, após a morte de Maomé. Não está no texto da charge esse dado biográfico, mas nos permitimos olhar o texto na fronteira com as “formas de vida”, com os hábitos e práticas sociais.

A hipótese analítica de ser Aicha confirma-se devido ao conteúdo interno da biografia em quadrinhos de Maomé. A esposa aparece diversas vezes já adulta, com figurativização semelhante à da criança e casada com o profeta ao lado de outras esposas (Anexo J, p. 184). Nesse ponto, chegamos a uma alusão intertextual. Ademais, na segunda parte da biografia referida de Maomé, destaca-se o momento posterior ao da revelação, quando o profeta subiu ao topo da montanha “na décima sétima noite do ramadã de 610” e “encontrou-se com Deus” (ARMSTRONG, 2002, p. 97). Após a revelação, Maomé, teve, a princípio, medo de ser desacreditado. Iniciou, pois, a sua pregação com muita cautela. Apesar dos perigos, Maomé seguiu em frente e estava disposto a enfrentar os desafios dessa “perigosa missão” (ARMSTRONG, 2002, p. 105).

A charge 4 (Anexo D, p. 178) representa esse período de grandes mudanças na vida de Maomé: expõe um sujeito, ator do enunciado, em plena aceitação da missão de ser o profeta. Há indicações de sua determinação em se tornar o mensageiro de Deus. O desenho constrói um andar firme e determinado, bem como favorece o aparecimento de símbolos religiosos (o turbante e a barba). Fica figurativizada uma nova visão sobre a vida. Fica incorporada a religião. Os olhos estão, entretanto, desenhados em grandes círculos, para que pareçam exageradamente abertos. Conflitos pessoais na vida são implícitos, o que é disforizado pelo enunciador. O ritmo lento da primeira fase fica para trás e toma velocidade na segunda etapa. Na charge 3 (1ª fase), à posição de um dos pés para o alto, com o outro para trás, agrega-se a sugestão de uma parada do corpo do ator do enunciado. Uma parada que perdura, o que imprime certa lentidão à cena.

A vida que se segue na charge 4 (2ª fase) é tomada por transformações importantes e emoções de alto impacto. O uso do facão, como símbolo de violência, e o casamento com uma criança, são situações totalmente condenadas por valores contemporâneos do Ocidente e, por isso, compõem parte da crítica à religião seguida pelo profeta.

Ao analisarmos as charges do ponto de vista semiótico, podemos depreender dos textos a primeira parte da biografia (Charge 3) marcada pela afirmação da natureza e a negação da cultura (natureza, como domínio das pulsões individuais; cultura, como coerções sociais), segundo Greimas e Courtés (2016). De acordo com os autores, as diferenças entre natureza e cultura são difíceis de ser definidas, mas eles esclarecem que a natureza “não pode ser nunca uma espécie de dado primeiro, original, anterior ao homem, mas uma natureza já 'culturalizada'” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 337).

Na fase do “*Les débuts d'un prophète*” [“Os primórdios de um profeta”], predomina, nas representações figurativas do ser pacato e obediente, um ambiente bucólico. Um ser confuso, como demonstram os olhos esbugalhados, mas sem nenhum desejo dominante a ser alcançado. Já na segunda parte (Charge 4), há uma inversão das tematizações e figurativizações, pois a cultura é afirmada e a natureza, negada, levando o sujeito a uma transformação de seu estado inicial. O verbal “*Les débuts d'un prophète*” da 1ª cena tem continuidade no verbal da 2ª, “*Le prophète de l'Islam*” [“O profeta do Islã”]. Se na 1ª cena o camelo é puxado, na 2ª é a vez da mulher, no papel de submissão do homem.

Figura 10 – Quadrado semiótico da biografia de Maomé.

Fonte: Elaboração nossa, a partir de Greimas e Courtés (2016).

Outra dicotomia percebida nas charges é a da continuidade vs. descontinuidade. Esses polos revelam as transformações narrativas do fluxo da vida. Os termos continuidade e descontinuidade estão relacionados com a categoria

aspectual da duratividade, uma vez que a descontinuidade tem um aspecto iterativo e a continuidade, durativo, conforme assinala Barros (2001). Há uma continuidade entre os atores I e II, mas há também uma descontinuidade, tal como é possível constatar ao observarmos as diferenças de objetivos de vida marcadas pelas fases 1 e 2.

Charge 3

Fonte: *Charlie Hebdo*,
02/01/2013. Edição Especial.
Capa.

Charge 4

Fonte: *Charlie Hebdo*, junho de
2013. Edição Especial. Capa.

A descontinuidade do fluxo da vida foi marcada plasticamente pelos seguintes elementos: a substituição das cores no fundo das charges para delimitar as fases (que veremos mais adiante na análise semissimbólica); crescimento da barba e de pelos no sujeito; separação diagramática em duas partes (primeira e segunda partes); charges, entendidas como substituição de atores do enunciado (um camelo por uma criança); fases da vida do sujeito (Maomé criança e Maomé adulto e casado), entre outros.

Em relação à continuidade do fluxo da vida, foi observado o recurso da repetição no segmento verbal (*La vie de Mahomet*), como manutenção da plasticidade do espaço do enunciado, repetição da posição/movimento dos atores do enunciado, que seguem na mesma direção etc. Há uma homogeneidade de traços

plásticos e semânticos em cada charge e no conjunto delas. É a isotopia discursiva, visual, temática, figurativa e também actorial (do ator).

A isotopia, explicam Greimas e Courtés (2016, p. 275-276), designa a “[...] iteratividade, no decorrer de uma cadeia sintagmática, de classemas que garantem ao discurso-enunciado a homogeneidade”. Assim, a partir dessa definição, podemos observar uma isotopia temporal do segmento verbal e do segmento visual da primeira charge (Charge 3), representando a delimitação de uma fase: o início da vida de Maomé. Essa fase é figurativizada, no enunciado, pelas expressões verbais: “*1^{ère} partie*” [“1ª parte”] e “*Les débuts...*” [“Os primórdios...”], e ainda pelo corpo do ator do enunciado com características de uma criança. O enunciado se define na relação com a enunciação (eu-aqui-agora) ou o ato de enunciar: logo, nada é gratuito nas charges.

De acordo com Benveniste (1989, p. 82), a enunciação é um fenômeno que coloca “em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Na enunciação, verificamos três categorias compondo o funcionamento da língua: a actancial, a espacial e a temporal. Nessas categorias, ou se estabelece a instância do eu-aqui-agora, ou do ele-lá-então. No caso das duas charges analisadas, instaura-se a instância do ele-lá-então, ou seja, ocorre uma debreagem enunciva em todas as categorias mencionadas. O efeito de objetividade e de distanciamento se faz presente e constrói o efeito de realidade. A voz enunciativa, entretanto, disputa o espaço com a debreagem enunciva, devido às características próprias da charge. Isso é feito nos subentendidos, nos implícitos. A caricatura, a voz irônica e os recursos discursivos utilizados pelo *Charlie Hebdo* para compor a história de Maomé fazem sobrepor a voz satírica, por conta da força com que surgem no campo de presença do sujeito receptor da mensagem da charge. Além desses elementos presentes no enunciado, e juntamente com o que está enunciado, desponta a voz satírica em relação ao universo semântico de Maomé e dos fundamentalistas do Islã. Enfim, a sátira promove a dessacralização na categoria de pessoa.

O discurso é produzido em terceira pessoa, pois não é o próprio Maomé quem conta a sua vida, mas um narrador que se refere a uma terceira pessoa. É possível identificar esse tipo de narração tanto no segmento verbal, quanto no segmento visual. No verbal, temos “A vida de Maomé”, “O início de um profeta” e “O profeta do Islã”. A representação visual de Maomé dá suporte ao segmento verbal para reforçar uma debreagem enunciva. Vale lembrar que estamos analisando um

discurso com viés biográfico e não autobiográfico. Na biografia há a predominância da terceira pessoa, enquanto na autobiografia a narração é feita em primeira pessoa.

Com relação ao espaço, podemos identificar um lugar do algures ou do alhures no enunciado. O enunciatário é transportado para o espaço em que se institui o ator Maomé. O profeta nasceu em Meca e viveu boa parte de sua vida nessa cidade, hoje considerada sagrada para os muçulmanos. Assim, tem-se a sugestão desse local para o desenrolar da narrativa. Cientes de que Meca é uma cidade extremamente importante para a religião islâmica, e que a narrativa nas charges trata da biografia de Maomé, vemos aí indicações contextuais dessa cidade como o cenário do enunciado. Na primeira fase (Charge 3, Anexo C, p. 177), Maomé passa sua infância em Meca e, na segunda (Charge 4, Anexo D, p. 178), o profeta retorna à Meca, marcando a fase de conflito e sua liderança para a conquista da cidade – conforme as práticas discursivas da biografia corrente.

Quanto à categoria do tempo, mesmo com a ausência de verbos, está implícito o protocolo “Em um determinado momento do passado”. Trata-se, portanto, de um sistema verbal pretérito – “Em um determinado momento do passado um sujeito chamado Maomé...” –, confirmando a narração da vida de Maomé no passado. O sincretismo verbo-visual corrobora, por sua vez, o sistema temporal enuncivo de pretérito. O segmento visual reconstrói o tempo do “então”. É possível afirmar que existe uma não concomitância com o presente implícito do momento da enunciação (ME), ou seja, o momento de referência (MR) é o pretérito e o momento do acontecimento é concomitante com o MR. Mas podemos deduzir também outro momento de anterioridade (primeira parte da vida de Maomé) e um momento de posterioridade (segunda parte da vida de Maomé). Portanto, na sequência entre as charges 3 e 4, é construída uma narrativa cronológica.

Na primeira charge, temos o pretérito imperfeito: “Em um determinado momento do passado um sujeito chamado Maomé puxava um camelo...”. Na segunda, o pretérito perfeito é o mais provável: “Um dia, Maomé cresceu, casou-se e se tornou um profeta...”. Ambos os tempos se encontram, pois, em concomitância com o momento de referência pretérito, sendo que a primeira parte tem um efeito de duração, enquanto a segunda parte remete a uma ação acabada na qual Maomé tem a sua transformação e passa a ser o profeta. Essa ação ajuda a conferir um

grau de acabamento ao sujeito Maomé e representa o ápice de sua biografia posta sincreticamente na charge.

Conforme pudemos constatar, os textos analisados (charges 3 e 4) possuem uma debreagem enunciativa. Esse tipo de debreagem, segundo Barros (1994, p. 55), causa um efeito de objetividade e de distanciamento. Para “manter a enunciação afastada do discurso, como garantia de sua imparcialidade”, o jornalismo utiliza recursos “que permitem fingir” uma objetividade e “fabricar a ilusão de distanciamento, pois a enunciação, de todo modo, está lá, *filtrando* por seus valores e fins tudo o que é dito no discurso” (BARROS, p. 55, *itálico da autora*).

Embora haja efeito de objetividade e distanciamento por meio das estratégias enunciativas, o jornal não se isenta de imprimir opiniões pessoais sobre a vida do profeta, oferecendo, via charges, potencial para o atrito com a comunidade muçulmana, sem considerar o uso proibido da imagem de Maomé. É o conflito do discurso das charges com as práticas sociais e as “formas de vida” (GREIMAS; FONTANILLE, 2015). Desse modo, se levarmos em conta o contexto, as charges em pauta oferecem um potencial de confronto.

Ao analisar a tipologia de figuras corporais, conforme propôs Fontanille (2008a), temos as seguintes depreensões em relação à passagem das fases de vida de Maomé: da infância para a vida adulta. O semioticista aponta quatro tipologias de figuras corporais: corpo-invólucro, corpo-carne, corpo-ponto e corpo-oco. Analisaremos essas tipologias na passagem da primeira para a segunda fase da vida de Maomé, tal qual aparecem nas charges.

Figura 11 – Figuração corporal de Maomé.

Fonte: Fontanille (2008a, p. 71), acrescido de informações nossas.

O corpo-invólucro apresenta as modificações “observáveis e objetivas” que surgiram com o tempo. O crescimento de pelos e barba e sua nova estatura demonstram marcas de uma idade superior à anterior. A faca, o turbante e a companhia (uma criança) também nos sugerem uma transformação no corpo-invólucro.

O corpo-carne revela os movimentos íntimos em relação às experiências temporais. Ao acreditar que sua religião deve ser seguida por todos, Maomé se transforma em um sujeito beligerante (usa um facão), determinado a alcançar seus objetivos, ele assume uma liderança entre os seus seguidores. O facão e a esposa que o acompanha em sua jornada demonstram seus novos objetivos. (Charge 4, Anexo D, p. 178). A presença da esposa, ainda criança, é necessária para a crítica do chargista sobre o casamento com uma menina muito jovem, inaceitável do ponto de vista do Ocidente. Nessa encruzilhada está o sarcasmo apontado por Leone (2015).

O corpo-ponto é atualizado em relação à percepção do ator sobre a vida. O enunciado apresenta marcas de um ator beligerante. Maomé convicto em sua crença de um único Deus, passa a negar, em estado de confronto, o politeísmo e confirma o monoteísmo. O uso do facão firma a isotopia do enfrentamento com o diferente. O ator deixa para trás a vida pacata e vai à luta para que todos sigam

também a sua crença, a religião muçulmana. Temos o percurso temático da entrega do sujeito a um ideal guerreiro. O uso do turbante, símbolo do monoteísmo na religião muçulmana, confirma nossa hipótese. Mas tudo é dessacralizado pelo riso.

Outra constatação da isotopia religiosa é a roupa branca usada por Maomé. De acordo com Farah (2001, p. 25, *itálico do autor*), o muçulmano deve ir à Meca, em peregrinação, pelo menos uma vez na vida, se tiver condições físicas e financeiras, e “deve vestir um tecido branco sem costuras (chamado *ihram*), que simboliza o início de sua purificação.” Tal prática, relativa à tradição religiosa de utilizar a roupa branca, está presente figurativamente em 5 das 8 charges de nosso *corpus* (charges 2, 3, 4, 5 e 6, reproduzidas a seguir).

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*,
02/11/2011, nº 1011. Capa.

Charge 3

Fonte: *Charlie Hebdo*,
02/01/2013. Edição Especial.
Capa.

Charge 4

Fonte: *Charlie Hebdo*, junho de 2013. Edição Especial. Capa.

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*, 01/10/2014, nº 1163. Capa.

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*, 14/01/2015, nº 1178. Capa.

A representação do corpo-oco, na qual há a recuperação de experiências anteriores do ator do enunciado, diretamente de seu interior, é contemplada, na charge, no olhar perplexo de Maomé. A enunciação do chargista parece velar e desvelar o que pensa Maomé. Desse modo, como enunciatário-leitor, toda a percepção da vida de Maomé é dada pelas demais figurações corporais reunidas no olhar esbugalhado do profeta e fixo no facão. Construído pela visão enunciativa do *Charlie Hebdo*, Maomé é um sujeito absorto pelo “acontecimento extraordinário” (a fé) que o arrebatava e, então, nós nos deparamos com uma fé retratada na charge como loucura fanática. Podemos apreender o olhar arregalado dos loucos, ironizado

pela charge que semioticamente também é considerada na relação semissimbólica entre o plano da expressão e o plano do conteúdo.

Para continuarmos nossa análise, consideraremos, pois, o conceito de semissimbolismo proposto por Floch (2013). Tal noção pode ser mais bem compreendida no capítulo destinado ao estudo das bases teóricas e metodológicas deste nosso trabalho (capítulo 2). A partir da metodologia da análise semiótica, notamos que o plano da expressão enfatiza a distinção das fases da vida de Maomé, ao ter unidades homologadas ao plano do conteúdo. Na primeira charge, o enunciador utiliza a cor azul para realçar o céu estampado no fundo do enunciado. No entanto, na segunda charge, a cor escolhida para representar a mesma imagem celeste é o vermelho. Nota-se, então, uma oposição cromática: a cor tida como fria (azul) e a cor tida como quente (vermelho). A oposição no plano do conteúdo é de anterioridade vs. posterioridade temporal; aquela está relacionada à primeira parte e esta, à segunda, na qual Maomé se torna um religioso. Mas há também a oposição isotópica no PC: infância vs. idade adulta.

Dessa relação semissimbólica, que remete ao tempo biográfico, apresentamos a seguir o esquema, a partir de Floch (2013), para demonstrar as oposições nas charges 3 e 4. Com esse intuito, ressaltamos o fundo, o segundo plano no qual se institui a figura de Maomé:

$$\begin{array}{ccc} \text{(PE) cor fria : cor quente : : (PC) anterioridade : posterioridade}^{32} & & \\ & & \text{(infância) \quad \quad \quad (idade adulta)} \end{array}$$

O *Charlie Hebdo* constrói, dessa forma, a biografia de Maomé não somente pela assimilação – na ordem do parecer – dos valores do discurso islâmico, mas também a partir de seus próprios (do jornal) valores ideológicos. As charges interpretam os valores islâmicos sob a grade ideológica e de percepção do *Charlie Hebdo*.

O semissimbolismo contribui para tornar mais sensíveis esses mecanismos. Ao figurativizar a fase adulta, quando Maomé assume o islamismo, o jornal considera esta etapa como sendo de mudanças negativas. O julgamento pejorativo se concretiza no teor satírico. A fase da vida relacionada à infância de Maomé é

³² : oposição interna ao plano da expressão (PE) ou ao plano do conteúdo (PC)
 :: oposição entre os planos da expressão (PE) e do plano do conteúdo (PC)

euforizada por um efeito de tranquilidade e de ausência de grandes emoções no mundo, para o que colabora o semissimbolismo da cor azul. A fase adulta, no entanto, é disforizada pela transformação brusca. A agressividade do sujeito, bem como sua investitura na religião muçulmana também está reforçada semissimbolicamente no cromatismo do vermelho. Se considerássemos os símbolos e sua estabilidade, poderíamos dizer tratar-se do sangue representado. Mas, como semissímbolo, o vermelho se sobressai na manifestação do aumento de agressividade do ator do enunciado, Maomé, devido à indicação semântica da figura da faca, entre outras. Assim, temos, a partir da figura visual do céu, a seguinte formulação baseada em Floch (2013):

(PE) o cromatismo : o cromatismo :: (PC) sujeito : sujeito
 leve do azul pesado do vermelho menos agressivo mais agressivo

Ao contrário do afirmado por Charbonnier (2015), de que a biografia seria “totalmente permitida”, conforme mencionado anteriormente, é possível depreender, por sua característica satírica e por empregar valores ideológicos sobremodalizados pela triagem, a hiperbolização, por parte do jornal, dos valores de absoluto na representação do profeta sagrado para os muçulmanos. Por isso, o *éthos* segregador está posto em segredo no riso da charge. Assim, o *Charlie Hebdo* representa Maomé por assimilação, ao manter algumas de suas características. Todavia, ao inseri-lo em seu próprio crivo axiológico, o jornal subverte a identidade do profeta. A assimilação é, portanto, mentirosa – parece, mas não é.

A biografia de Maomé discursivizada pelo *Charlie Hebdo* transita dialogicamente entre o meio social dos muçulmanos e o meio social ao qual pertence o jornal, sendo os dois incompatíveis entre si. Para o conceito de dialogismo, convocamos o pensamento de Bakhtin (2003). Ao agregar traços vistos como indesejados à biografia de Maomé, o chargista intensifica o conflito com os fundamentalistas. A enunciação transita entre a assimilação que parece, mas não é (mentira), e a segregação, que é, mas não parece (segredo), conforme noções de Greimas e Courtés (2016). Para os semioticistas citados, o discurso enunciado imprime certas marcas da veridicção, podendo então ser compreendido como “verdadeiro ou falso, mentiroso ou secreto” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 530), colaborando para o contrato de veridicção, tal como aparece definido no quadrado semiótico a seguir:

Figura 12 – Modalidades veridictórias

Fonte: Greimas e Courtés (2016, p. 532)

Os autores chamam a atenção, no entanto, para o fato de não bastar ao enunciador tomar o discurso como um *crer-verdadeiro*, pois, em um discurso enunciado tanto o enunciador quanto o enunciatário têm papéis actanciais importantes para que a veridicção seja plenamente aceita.

Segundo Farias (2009, p. 251), na relação estabelecida pelo contrato de veridicção, o enunciador tem o papel de “*fazer-crer*, ou seja, construir um efeito de verdade perante o enunciatário”; enquanto a este último cabe crer, “ou seja, interpretar o discurso como verdadeiro ou falso”.

Contudo, parece-nos que esse contrato de veridicção é alterado quando se tem como enunciatário o fundamentalista. A verdade assumida pelo enunciador (*Charlie Hebdo*) vai de encontro com a verdade regida pelos valores de absoluto do enunciatário (fundamentalista). A verdade pode, portanto, se diluir mesmo quando há mecanismos responsáveis por produzir um efeito de realidade. Pensemos nos desdobramentos do corpo do enunciatário: de um lado, um sujeito francês, afeito às charges; de outro, um sujeito fundamentalista que as abomina.

[...] A “verdade”, para ser dita e assumida, tem de deslocar-se em direção às instâncias do enunciador e do enunciatário. Não mais se imagina que o enunciador produza discursos verdadeiros, mas discursos que produzem um efeito sentido “verdade”: desse ponto de vista, a produção da verdade corresponde ao exercício de um fazer

cognitivo particular, de um *fazer parecer verdadeiro* que pode chamar, sem nenhuma nuance pejorativa, de fazer persuasivo. (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 531).

Assim, os mecanismos discursivos que compõem a figurativização de Maomé, como a sua vestimenta, o seu espaço e os seus hábitos, criam um efeito de sentido de “verdade”, nas palavras de Greimas e Courtés (2016, p. 531). Com isso, pode-se concluir, pelas charges analisadas, que a construção do sujeito Maomé no discurso do *Charlie Hebdo* tem como modalidade veridictória – terminologia criada pelos autores citados – a mentira, pois *parece* Maomé, mas *não é*. Embora o ator do enunciado tenha em sua figurativização algumas semelhanças com o profeta, definitivamente, para os muçulmanos, ele, tal como aparece nas charges, não pode ser o homem que pregou para unir o povo em torno da fé.

Diante do analisado a respeito do papel actancial de Maomé no discurso do *Charlie Hebdo*, constatamos, em princípio, seu papel de destinador transcendente. Segundo Tatit (2010, p. 20), o destinador transcendente “possui um estatuto especial. Representa uma função transitiva responsável pelo projeto maior do sujeito: sua constante busca de junção”. Maomé assim se realiza para o islamismo. Na charge, passa a ser, pois, um adjuvante do enunciador chargista.

Paira sobre o destinador transcendente, conforme aponta ainda Tatit (2010, p. 20), “todas as operações executadas e as paixões vividas pelo sujeito ao longo de sua trajetória”. É em virtude dele, pela importância de sua atuação, que “as narrativas não param” (TATIT, 2010, p. 20).

Maomé, na dupla função actancial apontada, permite a conexão entre os chargistas e os fundamentalistas. Por isso, as narrativas dessa parceria levam a um conflito. Ele passa a ser o responsável, discursivamente, por um julgamento sobre o fundamentalismo islâmico. O destinador transcendente é:

[...] fonte da dicotomia entre o bem e o mal, instalada no discurso como um a priori. Além disso, ele faz assentar a dimensão ética sobre o julgamento, isto é, sobre uma sequência cognitiva que supõe ao menos dois sujeitos cognitivos, o sujeito persuasivo e o sujeito interpretativo, sem contar eventualmente, o terceiro que garante a grade cultural de referência. (GREIMAS; FONTANILLE, 2015, p. 15).

Maomé é o destinador transcendente do Islã e, em grande triagem, do fundamentalismo islâmico. Esse destinador transcendente de outra cultura é ridicularizado.

4.2 O fundamentalismo na visão do *Charlie Hebdo*

Não é o foco desta pesquisa analisar o discurso fundamentalista em si, mas na medida em que ele se mostra nas representações figurativas de Maomé no interior do discurso das charges, deve-se dar atenção a ele. Desse modo, nossa preocupação em relação ao fundamentalismo islâmico será somente a de observar como as práticas sociais dialogam com as charges do *Charlie Hebdo*. Acreditamos que olhar para os postulados do fundamentalismo islâmico pode contribuir para reconhecermos nos textos satíricos as condições de emergência da própria sátira.

Os atores sociais visados pelas sátiras recortadas como *corpus* desta dissertação são: Maomé, o próprio Deus travestido de assassino e o cidadão francês com o corpo perfurado após o tiroteio realizado pelo Estado Islâmico.

Charge 7

Fonte: *Charlie Hebdo*, 18 de novembro de 2015, nº 1217. Capa.

Ao mostrar como o enunciador do *Charlie Hebdo* constrói os personagens (atores do enunciado), as charges problematizam a configuração do corpo do próprio enunciador, o *Charlie Hebdo*. É um corpo, em princípio, articulado entre a adesão a aspirações de modos de presença do Ocidente e o repúdio a aspirações de modos de presença do Oriente. Mas, nas categorias “assimilação” e

“segregação” comentadas, vimos que essa relação se processa como algo mais complexo.

Na complexidade subjacente ao riso satírico, está a mentira da assimilação, feita do *outro* (parece, mas não é) e o segredo da segregação (é, mas não parece). Assim, amparam-se os valores de triagem responsáveis por fundar o corpo do ator da enunciação. Em *Astúcias da enunciação* (2016), Fiorin explica que a enunciação enunciada discursiviza a pessoa enunciativa na voz do narrador. Nas charges, temos, pois, um narrador implícito, o chargista do *Charlie Hebdo*. Mesmo sem estar “explicitamente” instalado por uma debreagem actancial enunciativa (FIORIN, 2016, p. 57), firma-se o narrador chargista por meio de um conjunto de avaliações negativas sobre os atores emblemáticos do fundamentalismo islâmico. O chargista se define como um corpo altamente interpretativo na ordem da triagem. É um narrador implícito que “interpreta os atos” (FIORIN, 2016, p. 58) do ator emblemático do fundamentalismo islâmico.

Embora o *eu* do narrador não apareça, temos, nas charges, a semantização da enunciação enunciada. Uma instância enunciativa julga eticamente, por meio do narrador implícito, os atores sociais que ostentam a fé islâmica. Fiorin (2016, p. 58), em estudo sobre a pessoa discursiva, afirma haver no romance “O missionário”, de Inglês de Sousa, um narrador implícito interpretando os atos do padre Antônio de Moraes. Segundo o autor, esse narrador implícito “condena duramente a educação do seminário, o meio em que o padre vivia”. De maneira análoga, o chargista do *Charlie Hebdo*, por meio do riso satírico, também condena duramente o fundamentalismo islâmico e, na conexão com a historicidade dos fatos, discorda da censura à liberdade de linguagem que esse fundamentalismo carrega.

Com voz delegada pelo narrador implícito, temos esta fala do próprio Maomé, como actante do enunciado: “*C’est dur d’être aimé par des cons...*” [“É duro ser amado por idiotas...”] (Charge 1, Anexo A, p. 175). Nota-se uma continuidade do ponto de vista do narrador com o próprio Maomé, ator do enunciado. Essa continuidade aparece na figura verbal “idiotas”. A continuidade do ponto de vista ideológico, cravada na timia fundamental (euforia/disforia), está na palavra “idiotas” do balão que contém a voz de Maomé. É uma valoração disfórica dos fundamentalistas, do narrador em parceria com Maomé.

A complementação entre o verbal e o visual, ademais, aumenta a intensidade da crítica do *Charlie Hebdo* aos fundamentalistas islâmicos, pois Maomé passa a ser

um sujeito adjuvante do *Charlie Hebdo*. Para confirmar esse entendimento e verificar como o *Charlie Hebdo* constrói a sua crítica ao fundamentalismo religioso, analisaremos algumas charges nas quais esse tema é destacado.

Em 2005, o jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* publicou diversas charges do profeta Maomé, causando indignação na comunidade muçulmana. Após a intensificação dos protestos dos muçulmanos, o *Charlie Hebdo* publicou sua primeira charge de capa com a imagem do profeta (Charge 1, a seguir) e, nessa edição, reproduziu as charges polêmicas do *Jyllands-Posten*.

Charge 1

Fonte: *Charlie Hebdo*, 08/02/2006, nº 712. Capa.

Na charge 1 (Anexo A, p. 175), Maomé aparece irritado: o narrador pronuncia “Maomé farto dos integristas” e, em seguida, o profeta, como ator do enunciado, afirma: “É duro ser amado por idiotas...”. Com esse discurso, a charge se utiliza do interlocutor dos islâmicos, já identificado como o seu destinador transcendente, e da triagem extrema, dos fundamentalistas, para fazer uma crítica ao fanatismo islâmico.

No que diz respeito à semântica discursiva, temos como tema o fundamentalismo construído a partir de figuras verbo-visuais da religião muçulmana, começando pelo líder, Maomé, e pelos trajes comuns a muitos seguidores masculinos da religião muçulmana: a túnica e o turbante. Além disso, a palavra integrista (fundamentalista) confirma o fundamentalismo religioso como ponto-chave

da charge. Já na sintaxe discursiva, ocorre tanto uma debreagem enunciativa quanto uma debreagem enunciativa (esta de 2º grau), pois há um narrador que aponta as emoções de Maomé (ele) e há um interlocutor, representado pelo profeta, que demonstra as suas próprias paixões (eu).

Essa charge é marcada pela presença explícita de figuras que remetem à raiva e ao descontentamento por parte de Maomé, expressas nos seguintes detalhes: 1) o suor que escorre no lado esquerdo da imagem indica um sinal de esforço e cansaço do profeta; 2) a palavra *débordé*, traduzida livremente como “farto”, indica o cansaço, o desapontamento de Maomé em relação às atitudes dos integristas; 3) os dentes à mostra.

Além da fúria e do descontentamento, identificamos também a vergonha sentida pelo profeta e manifestada: pelo rubor da face de Maomé; e pela mão que esconde o rosto e a cabeça inclinada para baixo, como se não acreditasse na atitude dos extremistas e não quisesse ver o que está ocorrendo. A isotopia de figuras, ao destacar a disforia em relação ao fundamentalismo islâmico, aponta para a vergonha e sua hiperbolização. Todavia, a hipérbole utilizada não serve apenas para fazer transparecer os valores negativos, uma vez que essa figura, conforme explica Discini (2015b), é um exagero necessário para dar um efeito de humor ao gênero “charge”.

O dicionário Houaiss (2009) destaca a vergonha como uma “desonra que ultraja, humilha”. Sob o viés da semiótica das paixões, Harkot-de-La-Taille (1999, p. 250) esse sentimento refere-se à “uma paixão intersubjetiva, originada no cruzamento de outras configurações, em que o Destinatário assume a perspectiva de um Destinador julgador, exercendo um fazer cognitivo reflexivo que gera uma sanção negativa”.

Para o estabelecimento da vergonha, de acordo com a autora citada, juntam-se a ela duas configurações passionais: a inferioridade e a exposição. A primeira refere-se à “relação do sujeito com a imagem que se acreditava capaz de projetar”, enquanto a segunda diz respeito “à relação sujeito/universo socioletal” (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999, p. 27). Nessa configuração, está em jogo o sentimento de inferioridade do sujeito, cujas características encontram-se na citação a seguir:

O sentimento de inferioridade já é, por si só, complexo e engloba as etapas de um programa narrativo: trata-se do produto de um fazer cognitivo, na forma de uma operação de comparação, que pressupõe

um apego ao objeto (imagem) com que o sujeito se percebe não-conjunto. Esta comparação é exercida por S1 entre a imagem que acreditava ser capaz de projetar, a imagem virtual, e a imagem de fato projetada, sancionada negativamente. Tudo isso culminando na patemização do sujeito. Afinal, a constatação da inferioridade de fato não implica necessariamente o sentimento de inferioridade, estado patêmico segundo o qual o sujeito se vê menor valor do que acredita(va) merecer. (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999, p. 28)

A partir dessa elucidação, notamos semelhanças com o que a charge figurativiza sobre a vergonha sentida por Maomé. O profeta não se sente em conjunção com o objeto de valor destacado pelos fundamentalistas. Para ele, a religião muçulmana, da qual é o maior responsável pela difusão, não é compatível com a ação dos fundamentalistas, mas a partir dela se justificam os atos extremistas. Sendo assim, o S₁ (Maomé, como ator do enunciado) vê sua imagem distorcida, atrelada a ações indignas da religião muçulmana, as quais contradizem seus valores axiológicos e são provocadas pelo S₂ (o fundamentalista). Dessa conjuntura, surge o sentimento de inferioridade, uma vez que ele fica sujeito a ser reconhecido como precursor ou até mesmo responsável pelas ações dos fundamentalistas, devido à evocação de seu nome.

O sentimento de inferioridade, por si só, não implica vergonha. Para Harkot-de-La-Taille (1999, p. 30), o que provoca a vergonha é o “encontro dos sentimentos de inferioridade e de exposição.” Em outras palavras, não basta o sentimento de inferioridade estar presente, é necessário a sua exposição aos olhos de um Destinador julgador capaz de reconhecer o fato vergonhoso. A semioticista explica: “é uma configuração passional resultante de um fazer cognitivo: a comparação entre a ‘boa imagem’ e a imagem projetada, com ênfase na falta da primeira” (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999, p. 33). Ou seja, quando a sua “boa imagem” é abalada, o sujeito entra em um processo de falta. É o que acontece na charge 1 (Anexo A, p. 175), na qual Maomé perde seu *status* de humano perfeito – de acordo com os valores da religião muçulmana – para servir como exemplo de extremistas.

Ainda segundo a estudiosa, a vergonha possui parassinônimos, sendo eles: o rebaixamento, a humilhação, a desonra e a indignidade. Entre essas configurações, a que mais se assemelha ao exemplo trazido por *Charlie Hebdo* é a desonra. O sujeito é afetado pela falta do bem “honra” devido ao “sentimento causado pela opinião negativa que os outros têm sobre o sujeito, opinião essa oriunda de sua

imagem projetada, seja essa projeção resultante de sua ação, ou ação de outrem, à sua revelia [...]” (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999, p. 33).

A desonra pode ser resultante de um programa real ou suposto, de uma mentira ou mal-entendido divulgados à revelia do sujeito. Ele será igualmente visto como “desonrado” e verá retirado o valor que sobre ele depositavam, mesmo se nada fez para merecer essa retirada de valor. Na desonra, a imagem pública do sujeito é tudo e depende de sua conduta, mas depende também e, principalmente, da maneira como o grupo a vê e dela fala [...] (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999, p. 41)

Com relação à desonra de Maomé, sua vergonha é provocada pela atitude do *outro*; ele não seria o responsável pela “falta de sua honra”, mas sim os fundamentalistas. O comportamento extremista é, portanto, um dos motivos para que a sua vergonha se transforme em raiva, irritação.

Segundo Lewis³³ e Wurmser³⁴ (1992; 1981 *apud* Harkot-de-La-Taille 1999, p. 102), a vergonha não assumida “tende a ser *desviada*, isto é, reprimida e convertida em outro sentimento, freqüentemente tristeza ou raiva”. Esse pensamento sugere, entre outras reflexões, a proximidade da tristeza e da raiva da paixão da vergonha e a provável existência, em sua sintaxe, de “condições que permitam a instauração de tristeza ou raiva como seus substitutos” (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999, p. 102-103).

Voltando ao conjunto de figuras (Charge 1, Anexo A, p. 175) que remetem à raiva e à constatação de que elas se misturam às figuras da vergonha, podemos considerar, de fato, a vergonha como sendo capaz de provocar também o sentimento de raiva, conforme aparece na charge. A raiva é definida por Barros (1989/1990, p. 68) como uma paixão de malevolência. O sujeito acometido por essa paixão tem como objetivo “querer fazer mal” a quem lhe causou alguma falta. No caso do discurso examinado, a honra, a imagem de Maomé, foi manchada devido ao comportamento dos fundamentalistas.

O “caráter judicativo” explícito dessa charge deve-se ao fato de os fundamentalistas exercerem atitudes que nem mesmo Maomé aprovaria, causando-lhe vergonha e raiva. Essa é a narrativa principal da ironia contida na charge, pois os

³³ LEWIS, Michael. **Shame**: the exposed self. New York: The Free Press, 1992.

³⁴ WURMSER, Léon. **The mask of shame**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1981.

valores de Maomé supostamente favoráveis aos fundamentalistas são invertidos. A noção de “caráter judicativo” tomamos de Discini (2015a).

Em novembro de 2011, o *Charlie Hebdo* encontrou outro motivo para trazer Maomé novamente à capa da publicação semanal. A *charia*, lei islâmica adotada por muitos países muçulmanos, foi alvo da crítica do jornal. A charge 2 apresenta uma edição especial sobre essa lei e traz Maomé como redator-chefe do jornal. Esse papel temático de Maomé é confirmado pela indicação ao lado da figura menor no canto superior direito, em que se apresenta a face e o polegar do profeta, acompanhado da frase “*Mahomet Redacteur en Chef*” [“Maomé redator-chefe”]. O enunciador está, assim, utilizando a ironia, pois foi a partir dos preceitos religiosos difundidos pelo profeta que a *charia* se tornou indicadora daquilo que é ético e moral para os muçulmanos. A ironia está na ambiguidade dos papéis temáticos de Maomé: ele é o profeta e ele brinca com o profeta ao satirizá-lo.

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*, 02/11/2011, nº 1011. Capa.

O *Charlie Hebdo* aproveita ainda a semelhança fonética entre *Charlie* e *Charia* e, com o recurso da figura de linguagem paronomásia, rebatiza o jornal de *Charia Hebdo*, criando um efeito de humor. Na paronomásia, segundo Fiorin (2014, p. 133), “usam-se palavras diferentes, mas muito próximas do ponto de vista do plano sonoro, para intensificar o sentido expresso por elas”.

Embora haja semelhança fonética, confirmada pela hiperbolização gráfica ocorrida entre as expressões “*CHARLIE HEBDO*” e “*CHARIA HEBDO*”, tanto o Plano do Conteúdo (PC) quanto o Plano de Expressão (PE) as distanciam em seus significados. “*CHARLIE HEBDO*” está grafado com letras na cor preta e com o fundo branco, enquanto “*CHARIA HEBDO*” é grafada com letras brancas em fundo vermelho. Além disso, “*CHARLIE HEBDO*” está escrito de forma retilínea, ao contrário de “*CHARIA HEBDO*” destacado na diagonal.

Figura 13 – Recorte do cabeçalho da charge 2.

Fonte: *Charlie Hebdo*, 02/11/2011, nº 1011. Capa.

As diferenças observadas revelam no plano da expressão o contraste entre retilinearidade vs. diagonalidade; preto com branco vs. branco com vermelho; plano de fundo vs. plano frontal; superior vs. inferior. A diagonalidade que sobrevém ao campo de presença do enunciador dá destaque ao tema da charge e de certo modo o intensifica ainda mais. Em relação ao plano do conteúdo, identifica-se a oposição entre identidade e alteridade. A primeira oposição relacionada ao *CHARLIE HEBDO*, que identifica o jornal, e a segunda, à *CHARIA HEBDO*, dando espaço para outra configuração do jornal, com a inserção do *outro* em seu discurso. Vejamos as diferentes oposições nos planos do conteúdo e de expressão na tabela a seguir, em consideração à parte destacada da charge 2:

Figura 14 – Relação semissimbólica das expressões que compõem o topo da charge 2.

	(PC)	(PE)		
<i>CHARLIE HEBDO</i>	Identidade	Cromático	Eidético	Topológico
		Preto e branco	Retilinearidade	Plano de fundo/Superior
<i>CHARIA HEBDO</i>	Alteridade	Branco e vermelho	Diagonalidade	Plano frontal/Inferior

Fonte: Elaboração nossa, a partir de Floch (2013).

A identidade construída no plano do conteúdo refere-se ao discurso próprio do jornal, enquanto a alteridade relativa ao discurso dos *outros*, ou seja, aos valores que remetem aos sujeitos favoráveis a punições fundamentadas nos preceitos islâmicos.

O *outro* é marcado pela palavra “charia”, do sistema de valores muçulmanos, e corroborado pelo retrato de Maomé, ao lado direito da expressão “*CHARIA HEBDO*”, bem como pela inscrição que o indica como “*Redacteur en Chef*” [“Redator-Chefe”] e contribui para o efeito de “realidade”.

Na capa da charge 2, Maomé, novamente como ator do enunciado, zomba: “*100 coups de fouet, si vous n’êtes pas mort de rire!*” [“100 chibatadas se você não morrer de rir!”], utilizando novamente uma figura de linguagem, a hipérbole, para provocar mais um efeito satírico. De acordo com Fiorin (2014, p. 75):

A hipérbole [...] é o tropo em que há um aumento da intensidade semântica. Ao dizer de maneira mais forte alguma coisa, chama-se a atenção para aquilo que está sendo exposto. Quando se afirma que alguém tem um coração de pedra, o que se pretende é destacar o grau de insensibilidade dessa pessoa. A hipérbole é o tropo em que se estabelece uma compatibilidade predicativa, ao perceber a superlatividade da expressão. Na hipérbole, diz-se mais para significar menos, mas, por isso mesmo, enfatiza-se o que está sendo expresso. Trata-se, portanto, de uma difusão semântica: o menos projeta-se sobre o mais; em outras palavras, a expressão mais intensa engloba também a menos intensa.

A linguagem visual também contempla características da hipérbole, como aponta Fiorin (2014). Consideramos que a charge também apresenta essa figura no segmento visual ao exagerar nos traços do profeta: olhos esbugalhados e nariz muito desproporcional ao rosto. O ponto de exclamação também contribui para o aumento da intensidade semântica, pois acentua a participação do enunciatário na enunciação.

Analisando a charge do ponto de vista semissimbólico, notamos que, no plano do conteúdo, as figuras relativas à fala de Maomé – “100 chibatadas, se você não morrer de rir!” – podem ser divididas em anterioridade e posterioridade. Na primeira oração, “[Receberá] 100 chibatadas”, a principal, a opressão (disciplina) é dominante no discurso; no entanto, a segunda oração, “se você não morrer de rir!”, institui-se como uma subordinada condicional que convoca a liberdade (libertinagem).

Consideramos as unidades gramaticais como relativas à textualização, que toca o PE e o PC.

Nesse período, a oração principal “[Receberá] 100 chibatadas” é, em termos de linearização textual, anterior à oração subordinada “se você não morrer de rir!”. A oração principal cria no enunciatário a expectativa de ser conduzido para uma espécie de punição. A subordinada condicional, contrariando o que era esperado pelo leitor, causa a surpresa. Estamos diante do sobrevir, “uma das duas maneiras pelas quais uma grandeza ingressa no campo de presença e ali se estabelece” (ZILBERBERG, 2011, p. 277). Em oposição ao pervir, o sobrevir se apresenta como um objeto-acontecimento que “ingressa no campo de presença e aí se mantém como fato singular, estranho” (ZILBERBERG, 2011, p. 279).

Dando continuidade à análise do *corpus*, a charge 5 (Anexo E, p. 179), reproduzida logo a seguir, traz como recurso discursivo a alusão intertextual referente ao discurso típico dos fundamentalistas islâmicos.

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*, 01/10/2014, nº 1163. Capa.

É possível sugerir, com base nas práticas sociais, que o terrorista representado na charge seria o jihadista John, identificado como Mohammed Emwazi, um cidadão londrino e carrasco do Estado Islâmico, responsável por degolar reféns e divulgar as imagens na internet (MEKHENNET; GOLDMAN, 2015).

Nessa charge, o narrador propõe a possibilidade do retorno de Maomé ao dizer: “*Si Mahomet revenait...*” [“Se Maomé retornasse...”]. Abaixo dessa frase, o profeta, ajoelhado e em posição de dominado, diz: “*Je suis le profète, abruti!*” [“Eu sou o profeta, estúpido!”]. Em seguida, o terrorista responde: “*Ta gueule, infidèle!*” [“Cala a boca, infiel!”]. Se fizermos uma correlação com a prática social, notaremos no enunciado uma debreagem enunciativa de espaço, pois o ponto de referência espacial indica o local onde os terroristas executam suas vítimas: o deserto, manifestado visualmente por meio de recursos cromáticos, topológicos e eidéticos. Esse tipo de debreagem cria um efeito de objetividade. Todavia, o espaço é recuperado no “aqui” do ato de dizer (na fala de Maomé e do terrorista) dos interlocutores. Assim, prevalece o lugar do “alhores”, o deserto (debreagem enunciativa).

Identificado o espaço, deparamo-nos com os atores do enunciado: Maomé e um jihadista. Temos as seguintes indicações de estarmos diante de Maomé: a) o nome Maomé indicado pelo narrador; e b) o ator ajoelhado, caracterizado como muçulmano e dizendo ser o profeta. Quanto ao jihadista, temos as seguintes evidências: a) a vestimenta toda escura, com o capuz e a máscara; b) o vocabulário utilizado pelo ator (a palavra infiel é reivindicada pelos jihadistas); e c) a ação agressiva do ator, em luta contra os infiéis.

Ao cotejar a charge com as práticas sociais, podemos identificar a realidade vivida pelas pessoas sequestradas e degoladas pelo Estado Islâmico, por não entrarem em conjunção com os valores absolutistas dos extremistas. Ao ter suas vidas ceifadas, as vítimas servem para que os destinadores-manipuladores empreguem suas manipulações de intimidação. Nota-se nessa charge, a partir de uma análise semissimbólica, a oposição de significados entre o lado esquerdo e o lado direito. O lado esquerdo, posição em que Maomé é representado, remete a um estado de inferioridade, de total impotência em relação àquele que está na condição de superior, representado pelo terrorista, no lado direito da imagem. O lado esquerdo ainda se opõe ao lado direito por meio do claro e do escuro, do baixo e do alto, respectivamente. O claro é representado pela cor branca das roupas de Maomé e o escuro pelas cores cinza e preta das roupas do terrorista. Maomé ajoelhado encontra-se numa posição abaixo de seu opressor, o terrorista, em pé, oprimindo-o. Os quadros a seguir procuram elucidar as oposições marcadas entre o plano da expressão e o plano do conteúdo da charge 5:

Figura 15 – Análise semissimbólica da charge 5.

Maomé (S1)	Terrorista (S2)
Plano da expressão	Plano da expressão
Lado Esquerdo	Lado direito
Claro (roupas brancas)	Escuro (roupas cinzas e pretas)
Baixo (ajoelhado)	Alto (em pé)
Plano do conteúdo	Plano do conteúdo
Oprimido/submisso	Opressor/soberano
Inferioridade (impotência)	Superioridade (poder)

Fonte: Elaboração nossa.

No âmbito do exame da construção sintática principal dessa charge – composta pela passagem do segmento verbal para o segmento visual, no período “Se Maomé retornasse... [seria morto]”, cujo tempo verbal é o condicional do francês, estruturado pela partícula “se”, dentre as diversas formas do condicional –, deparamo-nos com a hipótese relativa ao modo como a sintaxe construída pela charge 5, na verbo-visualidade, favorece as estratégias enunciativas: “Se Maomé retornasse... (segmento verbal) “ele [seria morto] por seus seguidores” (segmento visual). A oração principal, subentendida no segmento visual, “ele seria morto por seus seguidores”, é formada pelo uso do condicional presente, enquanto a oração subordinada, “Se Maomé retornasse...”, é formada pelo imperfeito francês. Temos nessa organização sintática, na qual participam igualmente ambos os segmentos (verbal e visual), uma hipótese com pouca possibilidade de acontecimento, o que reforça a construção estilística recorrente do jornal, o ator Maomé responsável pelo desfecho irônico, porque é contrário às atitudes fundamentalistas.

Uma semana após o atentado, quando o mundo já havia voltado a sua atenção para o jornal, os sobreviventes publicaram novas ironias (Charge 6, Anexo F, p. 180³⁵).

³⁵ Disponibilizamos uma cópia integral do semanário, conhecido como edição dos sobreviventes, para que o leitor tenha contato com o conteúdo interno de um jornal do *Charlie Hebdo*. (Anexo K, p. 184).

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*, 14/01/2015, nº 1178. Capa.

No alto da capa, abaixo do nome do jornal, foi colocada a frase: “*Journal irresponsable*” [“Jornal irresponsável”], como crítica ao fato de os profissionais do *Charlie Hebdo* terem sido alvos fatais dos terroristas devido à publicação de charges que satirizavam o profeta Maomé.

Como vemos, as charges denunciam o contexto e trazem à luz o “discurso da vida” (VOLOSHINOV, 1976). O autor afirma que o discurso verbal não basta, sendo necessária uma “situação pragmática extraverbal” que o mantenha conectado com o discurso original e com a vida, sob o risco de perder, na falta desses elementos, a sua significação (VOLOSHINOV 1976, p. 5). Herdamos o pensamento de Bakhtin e do Círculo. A “situação pragmática extraverbal” é para a semiótica o interdiscurso.

Voloshinov (1976, p. 5) cita alguns tipos de enunciados pragmáticos geralmente expressos: “‘isto é mentira’, ‘isto é verdade’, ‘isto é arriscado dizer’, ‘você não pode dizer isto’”. Desse modo, fica implícita a necessidade da presença do discurso da vida para o entendimento da charge e subentende-se que o enunciador questiona a desproporcionalidade da punição aplicada pelos terroristas em virtude da publicação de imagens de Maomé.

Outro elemento a ser analisado é a voz do narrador, responsável pela frase: “*Tout est pardonné*” [“Tudo está perdoado”]. Novamente, a ironia coloca o discurso religioso em evidência para negá-lo. O narrador, num modo recorrente de dizer,

critica o discurso religioso (do perdão) daquele que pratica o ato terrorista a fim de firmar o discurso da sátira. Além disso, nas mãos do ator do enunciado há um cartaz com a frase “*Je suis Charlie*” [“Eu sou Charlie”], propagada pelo mundo em diversas línguas para prestar homenagem e solidariedade ao *Charlie Hebdo*. Os segmentos verbais da charge 6 ecoam, pois, a voz do interdiscurso.

A frase “*Je suis Charlie*”, segundo Leone (2015, p. 7), a partir de estudos de Benveniste e outros autores, “foi retoricamente forte porque foi baseada em posições dêiticas vazias”. O autor explica:

“Eu” se identifica com Charlie, um tempo que coincide com a enunciação de sua própria sentença; sem indicação de espaço. Como consequência, todos no mundo podem se apropriar desse “eu”, que habita o tempo de sua enunciação, e transporta seu conteúdo para qualquer latitude. (LEONE, 2015, p. 7, tradução nossa³⁶)

Com base em uma análise das práticas (sociais), Leone (2015, p. 07) considera que a frase “*Je suis Charlie*” [“Eu sou Charlie”] proliferou rapidamente na internet e conquistou uma enorme quantidade de adeptos, não pelo fato de as pessoas estarem de acordo com as charges publicadas pelo jornal, mas porque se sensibilizaram com a brutalidade por meio da qual a vida dos chargistas foi tirada, apenas por terem feito o seu trabalho.

O cartaz na mão do profeta leva o enunciatário a se sensibilizar com o ato terrorista, notadamente pelos efeitos de realidade que o uso do discurso direto traz para o enunciado. Também a expressão de tristeza na face de Maomé e o pedaço de pano branco solto em seu turbante, remetendo a uma bandeira branca, sugerem o desejo de paz e causam um sentimento de compaixão no enunciatário.

Depois dessa edição, o *Charlie Hebdo* parou de publicar charges com a imagem do profeta Maomé. Contudo, seu discurso contra o fundamentalismo islâmico continuou presente, conforme comentaremos na análise das charges seguintes.

Alguns meses após esse atentado, a França foi surpreendida com um novo ataque de maiores proporções. Dezenas de vítimas foram mortas na maior ofensiva terrorista da história em solo francês.

³⁶ Traduzido do inglês: “‘I’ identifying with Charlie; a time coinciding with the enunciation of the sentence itself; no indication of space. As a consequence, everyone in the world could appropriate this ‘I’, inhabit the time of its enunciation, and transport its content to whatever latitude”.

Após esse novo atentado, o *Charlie Hebdo* publicou uma charge referindo-se ao acontecido (Charge 7, Anexo G, p. 181).

Charge 7

Fonte: *Charlie Hebdo*, 18 de novembro de 2015, nº 1217. Capa.

A charge, de fundo vermelho, cuja nossa hipótese seria de alusão simbólica ao sangue derramado no atentado, apresenta um ator, como representante das vítimas, dançando com o corpo totalmente perfurado pelas balas e bebendo champanhe. O narrador do enunciado anuncia: “*Ils ont les armes On les emmerde. On a le champagne!*” [“Eles têm as armas. Que eles se danem, nós temos o champanhe!”].

Em princípio, o enunciado choca o enunciatário, causa estranheza. Num momento de profunda tristeza, não seria comum expor a vítima baleada se divertindo. Para isso, contribui o paradoxo verbo-visual. Essa figura, também chamada de oxímoro, consiste “em usar, intencionalmente, um contrassenso” (CEGALLA, p. 627).

Na visão de Fiorin (2015, p. 220), o paradoxo é uma figura de retórica que “visa desestabilizar o senso comum e, por isso, tem uma grande força argumentativa”. O autor afirma:

Constitui uma provocação ao adversário. Paradoxo é uma palavra formada dos elementos gregos pára, que quer dizer “contra”, e dóxa,

que significa “opinião aceita”. Paradoxo, então, é o enunciado que vai contra aquilo que é admitido como verdadeiro, como correto. Ele põe de ponta cabeça uma verdade, fazendo refletir sobre ela. Por isso, o paradoxo exprime a não conformidade com aquilo que é tradicionalmente aceito [...] (FIORIN, 2015, p. 220-221)

O paradoxo, ao emitir algo contrário àquilo que seria considerado comum, é uma forma de ironizar algo e dar ênfase ao problema. Por exigir um esforço intelectual maior do enunciatário, que precisa percorrer um caminho inverso em relação ao que foi dito, desfazendo o contrassenso. Tal figura tem, por isso mesmo, uma grande influência atrativa no discurso.

Segundo Fiorin (2014, p. 59), a finalidade do oxímoro (paradoxo) é a de “apreender as aporias, os paradoxos, as incoerências de uma dada realidade. Ao provocar um estranhamento, ele torna o sentido mais profundo, mais verdadeiro, mais intenso”. Essa figura retórica é bastante frequente nas charges do *Charlie Hebdo*. Em nosso *corpus*, há diversos exemplos. Além da charge sobre o atentado que tirou a vida de dezenas de pessoas na região de Paris, o jornal a emprega ao colocar Maomé, fundador da religião muçulmana, como redator-chefe de uma edição humorística (Charge 2, anexo B, p. 176), na qual é satirizada a aplicação da lei com fundamento islâmico: a imagem do profeta é reproduzida como uma pessoa furiosa em relação às atitudes dos integristas, inclusive com uso de insultos (idiotas, estúpido – Charges 1 e 5 – Anexos A e E, p.175 e 179), incompatível, portanto, com a imagem idealizada pelos muçulmanos; a execução de Maomé pelos fundamentalistas (Charge 5, anexo E, p. 179); Deus representado como um assassino (Charge 8, anexo H, p. 182).

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*,
02/11/2011, nº 1011. Capa.

Charge 1

Fonte: *Charlie Hebdo*,
08/02/2006, nº 712. Capa.

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*,
01/10/2014, nº 1163. Capa.

Charge 8

Fonte: *Charlie Hebdo*,
06/01/2016, nº 1224. Capa.

Além do que já foi abordado sobre o paradoxo, acrescentamos ainda a conclusão de que esse tipo de figura é da ordem do sobrevir, uma vez que também o paradoxo é “desconcertante para o sujeito” (ZILBERBERG, 2011, p. 277). Ao comparar a definição de paradoxo e os efeitos que esse tipo de figura causa no enunciado com a definição de sobrevir e seus impactos, temos, do mesmo modo,

por andamento e tonicidade: uma aceleração “delirante” e uma saturação tônica (ZILBERBERG, 2011, p. 277).

Retomando a análise da charge 7, verificamos que ela apresenta uma das vítimas toda perfurada e bebendo champanhe, como se estivesse celebrando. Entretanto, por trás desse enunciado, o *Charlie Hebdo* insere em sua enunciação mais uma crítica ao fundamentalismo islâmico.

Charge 7

Fonte: *Charlie Hebdo*, 18 de novembro de 2015, nº 1217. Capa.

Podemos observar que o ator do enunciado segura uma taça com os dedos indicador e mínimo levantados, numa representação do símbolo do *heavy metal*, como referência ao show que ocorreu no Bataclan, casa de eventos onde houve o maior número de vítimas do atentado. Outra referência a não ser desprezada é a garrafa de champanhe. Seu rótulo lembra o símbolo de proibido, indicando que a bebida alcoólica não deve ser consumida. Entretanto, a interdição é ignorada pela vítima.

A sátira dessa charge fica por conta da não aceitação da manipulação imposta por essa ideologia de ordem religiosa. Encontramos na narrativa dessa charge uma manipulação por intimidação, na qual o destinatário, através de ameaças, é levado a dever-fazer algo de acordo com o que lhe foi ordenado. Embora haja uma manipulação por intimidação, o enunciador se nega a entrar em conjunção com os valores fundamentalistas islâmicos, mesmo que, para isso, seja punido segundo as práticas sociais fundamentalistas. Isso ocorre por ser necessário, tanto por parte do manipulador quanto do manipulado, a partilha do mesmo sistema

de valores. Conforme aponta Barros (1994, p. 33), “a manipulação só será bem-sucedida quando o sistema de valores em que ela está assentada for compartilhado pelo manipulador e pelo manipulado, quando houver uma certa cumplicidade entre eles”.

De acordo com o já constatado, o sistema de valores do *Charlie Hebdo*, bem como do povo francês, caminha em direção oposta aos valores apreciados e defendidos pelo fundamentalismo islâmico. Depreendemos da narrativa da charge que o sujeito manipulado (cidadão francês), mesmo em constante opressão, vai sempre ao encontro de sua liberdade, não aceita “participar do jogo do destinador” (BARROS, 1994, p. 33). Mesmo dotado de poder, o destinador manipulador não consegue alterar a competência do destinatário, da vítima, em dever-fazer de acordo com os seus desejos. Verifica-se que mesmo com uma sanção negativa do destinador-manipulador, ou seja, o corpo perfurado da vítima, por não ter aceitado realizar a *performance* desejada, o destinatário é um sujeito que não sai de seu estado de conjunção com o seu objeto de valor, a liberdade e também a vida, pois permanece em pé. Com isso, temos um “*programa de aquisição* de objeto-valor”, quando uma transformação “resulta em conjunto do sujeito com o objeto” (BARROS, 1994, p. 21-22).

Considerando a figura retórica do paradoxo presente em diversas charges e sua semelhança com o sobrevir, concluímos, portanto, que o seu uso auxilia o enunciador a inverter a manipulação por intimidação realizada pelo antissujeito a seu favor, conforme esclarece a citação de Zilberberg (2011, p. 281): “o sobrevir é por certo um capítulo essencial da manipulação: a armadilha, a emboscada, a arapuca, a esperteza, a traição exploram a possibilidade de surpreender e derrotar o mais prevenido dos homens...”. Embora o destinador-manipulador aplique uma sanção punitiva pelo fato de o sujeito não ter entrado em conjunção com o objeto de valor desejado, o destinatário-manipulado, por sua vez, apresenta resistência e uma solução incomum e improvável à morte: dança e bebe champanhe!

A rejeição relativa àquela empregada pelos fundamentalistas também se comprova em uma análise semissimbólica. O ato de ingerir e expelir champanhe, bebida proibida, indica uma ação de *movimento* na qual o sujeito manipulado rejeita a posição estática imposta pelos fundamentalistas, ou seja, de não poder beber, não poder dançar, não poder ouvir música (indicado pelo símbolo de *heavy metal*). O *movimento* identificado está relacionado à liberdade no plano do conteúdo, enquanto

a *estaticidade* é homologada com a opressão. *Movimento* e *estaticidade* (categorias semânticas opostas) também poderiam ter como correspondentes vida e morte, pois ao apresentar a vítima, paradoxalmente em pé, dançando, bebendo e ouvindo música, mesmo após ter o corpo perfurado pelas balas, nega a morte. Vejamos a representação semissimbólica da charge 7 (Anexo G, p. 181):

Figura 126 – Semissimbolismo da charge 7.

Fonte: Elaboração nossa.

Dessa forma, o cidadão francês, para se manter em conjunção com suas práticas (sociais) de lazer, quer sejam: dançar, beber e ouvir música, faz um percurso em oposição à opressão, conforme o quadrado sugerido a seguir:

Figura 17 – Percurso das práticas (sociais) francesas de lazer.

Fonte: Elaboração nossa, a partir de Greimas e Courtés (2016).

Se no segmento visual a vítima bebe champanhe, dança e ouve música, confrontando as práticas fundamentalistas, o segmento verbal também corrobora essa rejeição: “*Ils ont les armes*” [“Eles têm as armas”], “*On les emmerde, on a le champagne!*” [“Que eles se danem, nós temos o champanhe!”].

Por fim, a última charge de nossa análise sobre o fundamentalismo é a que marca um ano do atentado na redação do *Charlie Hebdo* (Charge 8, Anexo H, p. 182).

Charge 8

Fonte: *Charlie Hebdo*, 06/01/2016, nº 1224. Capa.

Na capa do jornal, a noção de divindade, identificada com o triângulo e o olho que tudo vê, está figurativizada pelo corpo que corre com uma arma nas costas e sangue nas mãos e em algumas partes de sua veste. O narrador anuncia: “*1 an après l’assassin court toujours*” [“Um ano depois, o assassino continua solto”].

A figura, ao mesmo tempo divina e humana, a exemplo da charge 1 (Anexo A, p. 175), na qual Maomé aparece furioso com os integristas (fundamentalistas), também apresenta-o com os dentes à mostra, as sobrancelhas levantadas e os olhos esbugalhados com olhar fixo. Novamente, a raiva é instaurada pela figurativização do ator do enunciado, mas, desta vez, o sentimento é direcionado àqueles que não entraram em conjunção com os valores fundamentalistas e foram punidos, como comprova a arma *Kalashnikov* em suas costas e o sangue em suas roupas e mãos.

A relação com o islamismo é quase imperceptível no enunciado. O enunciador utiliza o olho da providência para figurativizar a presença religiosa, afastando, assim, os símbolos explicitamente islâmicos do discurso. A imagem de

Maomé é poupada, mas a figura divina assume a presença religiosa mais marcante do discurso com o auxílio de símbolos religiosos.

Embora o enunciador sancione negativamente o fundamentalismo de todas as religiões, colocando-o na categoria tímica da disforia, o *télos* de seu sistema judicativo, conforme conceito postulado por DISCINI (2015a), se dirige ao fundamentalismo islâmico com a marcação temporal da frase: “Um ano depois”. Ao determinar esse tempo, o enunciatário é levado para o dia do atentado ao *Charlie Hebdo*. Um ator da enunciação é aspectualizado como *télico*, o que vai ao encontro do sarcasmo. Para a aspectualização do ator da enunciação, nós consideramos um *corpo*, conforme Discini (2015a).

Verifica-se ainda, na análise dessa charge, que o claro, representado pela cor branca, coloca em evidência o problema do terrorismo, enquanto o escuro, representado pela cor preta, marca um ano da morte dos chargistas, tanto pela grafia escura da frase “*1 an après*” [“1 ano depois”] quanto pela cor de fundo da charge. O branco é hiperbolizado pelas letras maiores (caixa-alta) que destacam a palavra “assassino” e comprovam o ponto de vista assumido pelo ator da enunciação. Demonstramos, nessa percepção, que, embora as letras sejam componentes do segmento verbal, também pertencem à semiótica plástica, pois, da mesma forma que o segmento visual, é representado “pela cor, pela forma e pelo tamanho da fonte”, aquele também. (PIETROFORTE, 2013). Há, nessa oposição entre o claro e o escuro (plano da expressão), uma relação com a oposição entre o opressor e o oprimido (plano do conteúdo), sendo o claro designado para o opressor e o escuro relacionado ao oprimido.

Partindo dos textos analisados, é possível depreender a visão do jornal em relação ao fundamentalismo islâmico e vice-versa, por meio do percurso gerativo do sentido. A partir do nível fundamental, no qual identificamos as oposições semânticas, podemos verificar, no âmbito do discurso das charges, de um lado, o ponto de vista do fundamentalismo islâmico, de acordo com as práticas sociais encontradas nas charges:

Figura 18 – Quadrado semiótico sobre o fundamentalismo islâmico do ponto de vista de seus adeptos, a partir do discurso do *Charlie Hebdo* encontrado nas charges analisadas.

Fonte: Elaboração nossa, a partir de Greimas e Courtés (2016).

De outro, o ponto de vista do *Charlie Hebdo*, no qual se alteram as relações:

Figura 19 – Quadrado semiótico sobre o fundamentalismo islâmico do ponto de vista do *Charlie Hebdo*, a partir do interior das charges.

Fonte: Elaboração nossa, a partir de Greimas e Courtés (2016).

O enunciador discursiviza principalmente com a alteridade, pois apresenta o *outro* – o fundamentalista – utilizando a imagem de Maomé na ordem do disfórico. Ao representar o *outro* (o extremista), determina-se a si mesmo como um sujeito que euforiza a identidade, pois o fundamentalista islâmico nega as regras sociais

ocidentais e elimina o *outro* (infiel) de seu discurso, tendo em vista não estar preparado para aceitar o *outro* e seus costumes, impondo as suas tradições como modelo único a ser seguido.

Do mesmo modo, o *Charlie Hebdo* também tem como valor eufórico a liberdade de escolher permanecer em conjunção com os valores ocidentais e vê como valor do mal a alteridade do fundamentalista e os costumes orientais impostos pela opressão. Encontramos, nas charges do *Charlie Hebdo*, do ponto de vista ocidental, a oposição liberdade vs. opressão. Na charge 2 (Anexo B, p. 176), por exemplo, o enunciado remete à opressão sofrida por aqueles que são submetidos à charia: “100 coups de fouet...” [“100 chibatadas se você...”]. Contudo, ao introduzir no enunciado a hipérbole “mort de rire!” [“morrer de rir!”], que causa um efeito de humor e não de medo, a enunciação da charge traz o enunciatário para a liberdade.

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*, 02/11/2011, nº 1011. Capa.

Na charge 7 (Anexo G, p. 181) também temos essa oposição entre liberdade e opressão: a primeira representada pelo direito de dançar, beber e se divertir, e a segunda, pela punição imposta àqueles que estão em conjunção com esses valores disforizados pelos fundamentalistas.

Charge 7

Fonte: *Charlie Hebdo*, 18 de novembro de 2015, nº 1217. Capa.

De acordo com a memória interdiscursiva (notícias do atentado sofrido pelo jornal), depreende-se a *libertinagem*, conceituada pelos fundamentalistas como disfórica, euforizada como auto-ostentação pela charge. A oposição entre liberdade e opressão a que nos referimos não carrega em si os valores/significados exatos de seus termos, entretanto, colaboram para a identificação de termos muito próximos: a libertinagem e a disciplina. O primeiro é corroborado por figuras tais como a bebida alcoólica tida como em excesso e o show de *heavy metal*, enquanto o segundo é confirmado pelas ameaças e punições à vítima.

Na charge 5 (Anexo E, p. 179), é enfatizada a opressão dos jihadistas, por meio de ameaças e execuções àqueles que ousam não obedecer aos preceitos fundamentalistas. Assim, o *Charlie Hebdo* condena essa entidade preocupada em impor seus valores por meio da opressão.

Também na charge 7 (Anexo G, p. 181) encontramos a oposição Ocidente vs. Oriente. A enunciação enfatiza a negação do fundamentalismo islâmico pelos valores ocidentais, tendo como referentes o consumo de bebida alcoólica e a adoração a bandas de *heavy metal*. O sujeito fundamentalista islâmico é identificado como aquele que euforiza o Oriente – seio da ideologia islâmica –, onde os valores relacionados à libertinagem passam por uma triagem exacerbada.

O nível narrativo da charge 5 é, portanto, marcado por manipulações de intimidação. O jihadista (S₁), por meio de ameaças, manipula o *outro*/infiel (S₂) para

entrar em conjunção com os valores fundamentalistas. Notamos, assim, um programa narrativo de base do discurso fundamentalista, como mostra a descrição:

PN do enunciado = S_1 (jihadista) $\rightarrow$ S_2 (sujeito infiel) $\cap$ Ov (valores fundamentalistas).

Já no programa narrativo da enunciação, o enunciador leva o enunciatário a entrar em conjunção com a liberdade conforme segue:

PN da enunciação = S_1 (enunciador, *Charlie Hebdo*) $\rightarrow$ S_2 (enunciatário, leitor das charges) $\cap$ Ov (liberdade).

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*, 01/10/2014, nº 1163. Capa.

Nas manipulações por intimidação, o destinador-manipulador manipula o destinatário-manipulado para entrar em conjunção ou em disjunção com um objeto de valor. Como exemplos desse programa narrativo, temos: “100 coups de fouet, si vous n’êtes pas mort de rire!” [“100 chibatadas, se você não morrer de rir!”]; “Ta gueule, infidèle!” [“Cala a boca, infiel!”] (“se não calar, cortarei seu pescoço”); “afaste-se dos valores ocidentais ou será punido”; “não publique charges de Maomé ou será punido” etc.

Esse programa narrativo nos leva a identificar dois tipos de modalizações: *dever-fazer* e *poder-fazer*. Essas duas modalidades foram homologadas em um

único quadrado semiótico. Para Greimas e Courtés (2016, p. 374), as modalidades do *dever* e do *poder* são “instâncias autônomas e complementares – chamada uma virtualizante; a outra, atualizante – da modalização”.

Figura 20 – Quadrado semiótico do dever-fazer e poder-fazer.

Fonte: Greimas e Courtés (2016, p. 374).

A partir desse quadrado semiótico, podemos observar que a enunciação do *Charlie Hebdo* aponta para um sujeito dominado pelo fundamentalismo islâmico, sujeito à prescrição, à obediência, à proibição e à impotência. Para o fundamentalismo islâmico, de acordo com o *Charlie Hebdo*, a *prescrição* é, então, um *dever-fazer de acordo com a charia*, um *dever-fazer de acordo com o alcorão*. A *proibição* implica um *dever não consumir bebida alcoólica*, um *dever não ir a shows de heavy metal*. A *obediência* determina o *não poder não fazer algo que esteja em desacordo com os hábitos e costumes muçulmanos*. Por fim, a *impotência*, segundo os exemplos retirados do texto, é um *não poder desenhar a imagem de Maomé*, um *não poder consumir bebida alcoólica etc.*

No nível discursivo, encontramos diversos temas relacionados ao *télos* principal da crítica do jornal, o fundamentalismo religioso/islâmico pautado por valores de absoluto. O enunciador, o *Charlie Hebdo*, aborda nas charges, entre outros temas, a intolerância e a falta de diálogo dos fundamentalistas, a adoção de leis rígidas e antissecularistas, o fanatismo religioso e a religião como um mal para a

sociedade. Identificamos ainda que o *Charlie Hebdo* figurativiza o fundamentalismo islâmico por meio da união de simbolismos próprios ao sagrado e ao profano. Como exemplo do sagrado tem-se, por exemplo: a figura do ator Maomé; a cor verde, representante do Islã; o vestuário dos muçulmanos; a charia; o olho da providência; o perdão. Do lado do profano, o jornal utiliza as figuras verbais de “assassino” e palavras em um registro coloquial da comunicação, bem como figuras visuais como armas (de fogo e branca), sangue (tanto o sangue na roupa da figura divina na charge 8, quanto a cor vermelha representando, segundo nossa hipótese, o sangue, na charge 7), bebida alcoólica, *heavy metal*, todos traços hiperbólicos para a construção dos atores do enunciado e também recursos linguísticos de humor, de ironia.

Charge 8

Fonte: *Charlie Hebdo*, 06/01/2016, nº 1224. Capa.

Charge 7

Fonte: *Charlie Hebdo*, 18 de novembro de 2015, nº 1217. Capa.

Notamos que há nas charges 1, 2, 5, 6, 7 e 8, reproduzidas a seguir, uma isotopia temática e figurativa disforizadas pela enunciação chargista de violência, associada ao fundamentalismo religioso. Em todas elas, sem exceção, a enunciação evoca os atos violentos praticados pelos fundamentalistas, seja explícita ou implicitamente.

Charge 1

Fonte: *Charlie Hebdo*,
08/02/2006, n° 712. Capa.

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*,
02/11/2011, n° 1011. Capa.

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*,
01/10/2014, n° 1163. Capa.

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*,
14/01/2015, n° 1178. Capa.

Charge 7

Fonte: *Charlie Hebdo*, 18 de novembro de 2015, nº 1217. Capa.

Charge 8

Fonte: *Charlie Hebdo*, 06/01/2016, nº 1224. Capa.

Para o *Charlie Hebdo*, a figura do terrorista é concretizada como um sujeito extremista que não aceita o discurso do *outro* (infiel), e demonstra sua intolerância a qualquer tentativa de diálogo. De acordo com os conceitos de Fontanille e Zilberberg (2001), existem dois tipos de valores: os de absoluto e os de universo, aqueles homologados à triagem e estes à mistura. Entendemos, pois, que o fundamentalista islâmico, definido pelo jornal francês, elege o absoluto como convicção de que a sua crença é a única correta, e assim faz uma triagem de forma radical em suas tradições e rejeita a mistura com outras correntes ideológicas. Ao optar pela triagem, o fundamentalista tende a aceitar apenas os preceitos considerados apropriados e menospreza os demais.

O jornal, ao criticar o fundamentalismo islâmico e construir a definição dessa tendência de uma doutrina religiosa, expõe a sua opinião e a crítica por meio da sátira. O enunciador, ao colocar o sagrado junto com o profano, intensifica o conflito com o seu alvo discursivo.

4.3 Tensões de uma voz satírica

É parte desta pesquisa definir, através de uma análise semiótica, como se constrói o discurso do *Charlie Hebdo*. Para isso, buscamos indicações do discurso que antecipem reações do leitor fundamentalista. Fazemos isso com base nas

notícias relativas ao atentado sofrido pelo jornal (Anexos L e M, p. 200 e 206). Isso é interdiscursividade, conceito bakhtiniano incorporado no capítulo 1 deste trabalho, no qual se pressupõe que todo discurso se refere a outro. Desse modo, do interior das charges, identificamos possíveis desencadeadores da fúria dos fundamentalistas que veem a representação de Maomé nesses discursos como uma heresia. As charges potencializam, portanto, o confronto com o leitor islâmico por apresentar-se a ele como um estilo de afronta, que se manteve em evidência ao longo dos anos, desde a criação do jornal, e por isso tentaremos defini-lo neste estudo. Trata-se de um estilo presente em um corpo construído, como qualquer outro, nas “marcas da enunciação enunciada ao longo de uma totalidade” (DISCINI, 2015a, p. 16).

Para essa análise, iremos nos apoiar primeiramente nos estudos de Discini (2015a, p. 17), os quais indicam a possibilidade de exame a partir do conjunto de enunciados:

Examinar a pessoa como enunciação discursivizada e esta como estilo, enquanto procura trazer à luz o processo de construção de um corpo no conjunto de enunciados de onde ele emerge, supõe uma prática analítica que busca apreender cada enunciado a partir de um conjunto, que é numérico (relativo a um, dois, três ou mais textos) e integral (regido por um princípio concernente a um todo subjacente). Cada enunciado é visto como parte de um todo, este constituinte de cada parte, como princípio organizador.

Consideraremos, assim, o conjunto das 8 charges do *Charlie Hebdo*, *corpus* deste trabalho, para trazer à luz, por meio de uma análise semiótica, o modo como a voz satírica do *Charlie Hebdo* é construída a partir de seu corpo. Procuraremos desenvolver essa investigação apoiando-nos nas bases metodológicas e teóricas da semiótica tensiva. Nesta vertente da semiótica francesa, a tensividade é a responsável por definir, a partir dos valores encontrados nos textos, o “lugar imaginário” em que a intensidade e a extensidade se unem, sendo que aquela determina os estados de alma, o sensível, e esta revela os estados de coisas, o inteligível (ZILBERBERG, 2011, p. 66). Partindo dessa definição, pretendemos discutir como esses estados se incorporam ao texto através de mecanismos discursivos.

Com base na investigação realizada até aqui, temos condições de graduar o efeito de sentido de impacto causado pelo discurso dos chargistas em seus leitores

adversários e indicar possíveis partes – ou mesmo o conjunto do discurso – que provocam, como expectativa de leitura, a ira dos fundamentalistas. É possível verificar que os fundamentalistas, indivíduos ou grupos com tendência ao extremismo, certamente, são os alvos da crítica satírica, mas também a religião muçulmana, como apontam os resultados das análises das charges 3 e 4.

O *Charlie Hebdo* emprega recursos linguísticos em um único enunciado para atingir seu objetivo: expor a sua própria posição ideológica sobre diversos acontecimentos que geram curiosidade na sociedade. A charge é um gênero de relativa flexibilidade na organização textual, seja no segmento verbal, seja no visual ou na junção dos dois. Pelo fato de esse gênero ser sincrético, é possível acentuar aquilo em que se pretende dar ênfase. No caso das charges, geralmente são as qualidades disforizadas de quem ou do que se quer criticar. O chargista tem a possibilidade de enunciar algo no segmento verbal e confirmá-lo no segmento visual e vice-versa.

São várias as possibilidades de acentuar o efeito satírico. Um dos recortes desta análise, por exemplo, é a pontuação empregada nas charges. No conjunto de textos escolhidos, há a incidência de quatro pontos de exclamação (!) e duas reticências (...), o que constitui uma recorrência por se tratar de apenas 8 charges, com limitação verbal devido ao espaço reduzido do enunciado. Assim, torna-se relevante o exame da maneira como esses sinais de pontuação também contribuem para a formação de mecanismos de textualização da charge e como possibilitam uma elevada ascensão tensiva na interação entre enunciador e enunciatário, conseqüentemente, a sua contribuição para a construção da voz satírica.

Os pontos de exclamação, as reticências, juntamente com os pontos de interrogação, são considerados por Dahlet (2006, p. 192) marcadores de interação, “sinais interativos por excelência”.

O primeiro sinal de pontuação de nossa análise, as reticências, marca “uma interrupção da sequência lógica da frase” (TERRA, 2011, p. 326). Dahlet (2006, p. 205-207) distingue três usos para esse tipo de suspensão: no início do enunciado, no meio do enunciado e no final do enunciado. Temos a ocorrência desse marcador em nosso *corpus* no meio e no final do enunciado. Quando utilizada no meio do enunciado, Dahlet (2006, p. 206) afirma que esse tipo de pontuação pode:

[...] criar um **efeito de expectativa** – de suspense, de um certo modo – destinado a preparar o leitor para que este integre uma nova situação instantaneamente sentida como imprevisível, tanto por romper a isotopia quanto por desestabilizar uma representação comumente partilhada. (DAHLET, 2006, p.206, negrito da autora)

Temos como exemplo a charge 5 (Anexo E, p. 179). Nela, o narrador finaliza o segmento verbal com esse sinal de pontuação “*Si Mahomet revenait...*” [“Se Maomé retornasse...”] e cria uma nova situação no segmento visual, inesperada. Dessa forma, confirma-se a ruptura de isotopia e desestabilização apontada por Dahlet (2006, p. 206). Esperava-se, em uma situação na qual Maomé retornasse, um desfecho diferente daquele que foi enunciado.

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*, 01/10/2014, nº 1163. Capa.

O efeito de expectativa motivado pelas reticências no meio do que é dito provoca uma “suspensão do enunciado, expectativa para o leitor” (DAHLET, 2006, p. 207). No caso da charge analisada, essa suspensão é ainda mais prolongada devido à passagem do segmento verbal para o segmento visual, intensificando o seu efeito.

O segundo caso de uso das reticências ocorre no final do enunciado: “*C’est dur d’être aimé par des cons...*” [“É duro ser amado por idiotas...”] (Charge 1, anexo A, p. 175).

Charge 1

Fonte: *Charlie Hebdo*, 08/02/2006, nº 712. Capa.

Conforme a estudiosa, seu uso tem várias finalidades: como sinônimo de etc e como continuidade ou pausa de inferência (DAHLET, 2006). No exemplo dado, há espaço para que o leitor infira um significado a mais na sequência. A sequência de “idiotas” pode ter, como continuidade, diversas outras ofensas e xingamentos, as quais apontam para a disforia relativa ao fundamentalismo. Esse tipo de reticências geralmente pode ser substituído por ponto final. No entanto, ao ser utilizado, sua função é indicar um “dizer em *absentia*” (DAHLET, 2006, p. 208).

Fiorin (2014, p. 88) explica que a reticência é um procedimento retórico em que a extensão perde espaço para a intensidade. Aquilo que está “em branco ganha significado”. Segundo o autor, há mais força em dizer algo sem mencionar o que deseja ser dito do que dizer claramente.

Assim, o enunciador orienta o enunciatário para que este infira algo além daquilo que foi explícito, abrindo um leque de possibilidades de interpretação. As reticências, como marcador de interação, permitem uma participação maior do leitor dentre os demais sinais com essa característica: ponto de exclamação e ponto de interrogação. Isso acontece porque, entre os três sinais de interação mencionados, elas são as “mais ostensivas, pois o recuo do enunciador-escriptor é inversamente proporcional ao avanço do leitor co-enunciador” (SANTOS, 2008, p. 39).

O outro sinal de pontuação de nosso estudo, o ponto de exclamação, “colocado após determinadas palavras, como as interjeições, e no final de frases

enunciadas com entoação exclamativa, denota, entre outras coisas, entusiasmo, alegria, dor, surpresa, espanto, ordem...” (TERRA, 2011, p. 320).

Na visão de Cegalla (2008, p. 432), o ponto de exclamação é usado “depois das interjeições, locuções ou frases exclamativas, que se proferem com entonação descendente, exprimindo surpresa, espanto, susto, indignação, piedade, ordem, súplica, etc”.

Sobre o mesmo sinal de pontuação, Dahlet (2006, p. 193) afirma que os gramáticos erram quando “focalizam o processo exclamativo na pessoa de quem escreve”. Para a autora, é o contrário: considerando a comunicação escrita deslocada no espaço e no tempo, o processo exclamativo não tem como finalidade demonstrar as emoções ou o estado de espírito de quem escreve, e sim do leitor destinatário, em reação ao sentido previsto pelo enunciador. O ponto de exclamação acrescenta ao enunciado, quando já é “sintática e semanticamente completo” um “alto grau” e tem por finalidade densificar o “conteúdo semântico para fins argumentativos” (DAHLET, 2006, p. 195).

Semioticamente, Fiorin (2014, p. 185) explica que a exclamação é um modo de acelerar o andamento do texto e de intensificar o seu sentido. O que poderia ser apenas afirmado é apresentado “exclamativamente”. Sob esse ponto de vista, o acréscimo do ponto de exclamação às demais estratégias argumentativas já utilizadas pelo *Charlie Hebdo* é mais uma maneira de fazer com que suas charges elevem o grau de densidade e impacto do efeito humorístico e irônico. O enunciado, finalizado com um ponto de exclamação, percorre na direção do recrudescimento tensivo. Este, por sua vez, “se inscreve como a operação destinada a acrescentar um a um os mais” (ZILBERBERG, 2011, p. 272).

No período “*Ils ont les armes On les emmerde, on a le champagne!*” [“Eles têm as armas Que se danem, nós temos o champanhe!”], já existe uma visível ascendência, uma evolução irônica e satírica. Na primeira oração é estabelecido o alvo da crítica, eles, os atores do fundamentalismo; na segunda, cria-se uma tensão entre o enunciador e o sujeito criticado; na terceira oração emerge o “nós” e se adensa o efeito irônico e satírico, por sua vez, finalizado com o ponto de exclamação.

Charge 7

Fonte: *Charlie Hebdo*, 18 de novembro de 2015, nº 1217. Capa.

O ponto de exclamação funciona, pois, como um elemento que permite um efeito de saturação instantâneo, quando ocorre o acréscimo de mais de um *mais*, conforme é demonstrado no quadro a seguir sobre a direção do recrudescimento.

Figura 131 – Direção e partição do recrudescimento.

direção →	recrudescimento [cada vez mais <i>mais</i>]	
partição →	ampliação [acréscimo de pelo menos um <i>mais</i>]	saturação [acréscimo de mais de um <i>mais</i>]

Fonte: Zilberberg (2011, p. 59)

Na oração “*On a le champagne!*” [“Nós temos o champanhe”], está presente uma ampliação da voz satírica do *Charlie Hebdo*, por conter a intensificação da ironia. Essa figura é empregada com base na não aceitação da manipulação de ordem extremista implícita nas práticas assassinas que rondam o discurso das charges. Ao incluir o ponto de exclamação ao final dessa oração, a ironia é reforçada e faz saturar a voz satírica.

Em relação ao recrudescimento, examinamos um pequeno extrato da charge 7, referente ao segmento verbal. Contudo, há ainda outros elementos dessa charge que indicam uma ascendência em direção ao recrudescimento tensivo, inclusive no

segmento visual. As ações proibidas por correntes extremistas do Islã, como beber champanhe, dançar, curtir *heavy metal* (ouvir música), realizadas pela vítima, mesmo com manipulações de intimidação oriundas do fundamentalismo, somam-se às já elencadas no segmento verbal e fazem ascender tensivamente a voz satírica.

As demais charges, mesmo aquelas em que não há a ocorrência de pontos de exclamação, também apontam para a direção do recrudesimento tensivo, embora possam, em certos momentos, dirigir-se à atenuação “cada vez menos *mais*”, ou mesmo para a minimização “cada vez mais *menos*” (ZILBERBERG, 2011, p. 60, *itálico do autor*). As charges do *Charlie Hebdo* têm como formulação final o recrudesimento, devido à recorrência de recursos linguísticos e discursivos que elevam a crítica ao *outro*, mediante impacto concentrado.

A propósito da sátira, responsável pelas fortes reações na sociedade, por utilizar, dentre outros argumentos, traços do sagrado em seu discurso (MAZZA, 2016), consideramos que o impacto discursivamente causado é de uma grandeza “colossal”; ela parte do grande para o colossal e ali permanece, sua movimentação no discurso é em ascendência, conforme observamos na configuração proposta por Zilberberg (2011, p. 201):

Figura 22 – Direções tensivas em descendência e ascendência.

Fonte: Zilberberg (2011, p. 201)

Dando continuidade à análise sobre as tensões causadas no texto, verificamos que as charges estudadas procuram construir uma imagem negativa do fundamentalismo a partir de objetos euforizados pelos próprios fundamentalistas

disforizados no discurso do *Charlie Hebdo*, geralmente, pela relação deles com outros conhecidamente negativos.

É possível notar a mistura entre o sagrado e o profano. A divindade, referência sagrada para a religião e, evidentemente, para os fundamentalistas, é associada a ações consideradas profanas, incompatíveis com o tradicionalismo religioso.

Ao incluir em seu discurso figuras da ordem do inteligível em quantidade abundante, o enunciado contribui para percorrer na direção máxima da extensidade, colaborando dessa forma para a mistura (ZILBERBERG, 2011). Mas em seguida compacta as figuras na concentração satírica. Lado a lado com as figuras de mistura entre o sagrado e o profano, há outros recursos que contribuem para o aumento da intensidade, sendo eles: as figuras de retórica responsáveis pelo aumento do impacto sensível (ironias, paradoxos, hipérbole...), os sinais de pontuação (exclamação, reticências), a polêmica etc.

Nota-se que esse tipo de enunciado, com recursos discursivos responsáveis por elevar a voz satírica, proporciona um aumento da intensidade como efeito sensível que funda a interação conflitante com o leitor fundamentalista islâmico. Estamos diante de uma correlação conversa: quanto mais se avança no sentido da extensidade, com valores da mistura, maior é o potencial para que os valores do absoluto (dos fundamentalistas) sejam reivindicados por parte da intensidade. É nessa dimensão que se operam as subdimensões de andamento e tonicidade, colaborando para um processo interdiscursivo acelerado e intenso do qual participam o enunciador (*Charlie Hebdo*) e o enunciatário (fundamentalista). A figura seguinte demonstra a posição do extremismo em relação às charges do semanário francês.

Figura 23 – Valência tensiva em correlação conversa: o caso *Charlie Hebdo*.

Fonte: Elaboração nossa, a partir de Zilberberg, 2011.

Conforme constatamos a partir das análises das charges, o extremismo é irreduzível quanto à aceitação de valores contrários aos seus ideais. Não há espaço para o diálogo e a não conjunção com esses valores levará os destinatários de sua manipulação, se não a aceitarem, à punição máxima: a pena capital, como está ancorado no interdiscurso, em especial o noticiário jornalístico (Anexo N, p. 209). Se por um lado, o sujeito extremista toma para si os valores da triagem, por outro lado, o chargista também rejeita completamente o discurso extremista, conforme demonstram os dados levantados na análise da charge 7, em que o cidadão francês não se sujeita às implicações interdiscursivas, às manipulações impostas pelo fundamentalismo islâmico, permanecendo em conjunção com seus próprios valores. Ademais, foi possível identificar que o *Charlie Hebdo*, nesse dialogismo em oposição ao extremismo, também opera com valores de absoluto, mas, de todo modo, em proporções menores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tabu que cerca a problemática contemporânea, ou seja, desenhar a imagem de Maomé, que acabou por envolver o *Charlie Hebdo*, pode ser entendido semioticamente como algo hermético, na relação dos sobrecontrários hermético/escancarado, conforme proposta de Zilberberg (2011). A interdição absoluta de uma prática social religiosa (sagrada) considerada imprópria está resguardada por preceitos fundamentalistas e não deve ser aberta. Mas, ao propor uma abertura desse tabu, o jornal satírico francês impulsiona um elã tensivo capaz de escancarar aquilo que não se pode abrir, que não se pode quebrar, pois é censurado. Em um posicionamento inverso ao estado inicial, temos então um processo do qual não se pode fechar, o escancarado.

É um movimento da minimização para o recrudescimento, no qual os elementos acrescentados pelo ato de escancarar são rejeitados pela triagem fundamentalista. Dessa narrativa resulta uma disjunção do fundamentalista com seu objeto de valor (preservação do sagrado), ou seja, um programa de privação (Barros, 1994) em que afeta esse sujeito de modo negativo.

Colabora, principalmente, para um impacto nessa interação díspar entre o *eu* e o *outro* a forma como o profeta é figurativizado, e, sobretudo, a crítica aos hábitos do fundamentalismo islâmico, que é feita pela charge. Os muçulmanos têm uma imagem idealizada de Maomé, representada para os seguidores do Islã como um exemplo de humano mais próximo da perfeição. Ele é o profeta e sua figura é considerada sagrada. O *Charlie Hebdo*, ao realizar a figurativização do tema assentado nas vicissitudes: os conflitos entre a presença do sujeito do Ocidente (Europa) e do Oriente (Islã), tem à disposição uma variedade considerável de mecanismos discursivos que permitem ressignificar o sentido original dos dados do mundo. Assim, o chargista pôde adaptar todo tipo de situações à maneira ocidental de ver o mundo, utilizando o gênero “charge” como ferramenta para elevar a voz satírica.

A charge é repleta de recursos que permitem intensificar a ironia e, por conseguinte, aumentar a sátira em relação ao alvo da crítica. A figura retórica da ironia é ressaltada nos enunciados examinados, como demonstrado em nossa análise, por meio: da intertextualidade; da ambiguidade de papéis temáticos de Maomé; do questionamento a respeito do discurso do *outro* a partir de suas

supostas falhas; do uso de figuras de retórica como o paradoxo e a hiperbolização verbo-visuais; entre outros mecanismos.

Esse tipo de gênero possibilita inserir em sua construção discursiva a subversão do sagrado. Para isso, o sagrado assume o lugar do profano e vice-versa. Nessa relação interdiscursiva, a voz de quem enuncia, que predomina na enunciação, ou seja, a do *Charlie Hebdo*; torna a voz do *outro* abafada. Dessa intercompreensão, surge o estilo da charge. O estilo *Charlie Hebdo* de ser é aquele que vai ao encontro do limiar entre os valores de absoluto e de universo. Para esse sujeito, parece não haver limites para o que deve ser satirizado. Seu objetivo é, tão somente, conduzir o leitor ao humor e colocar em pauta assuntos que sejam de interesse à linha editorial, conforme sua autodenominação: “jornal satírico, laico, político e alegre”. O riso alto, todavia, não é garantido. O objeto da crítica satírica pode ainda ser rejeitado por aquele que não compartilha da mesma opinião como previsão de leitura.

De acordo com o que pudemos constatar, não somente as charges do profeta apresentam potencialidade para gerar a polêmica, mas também a notícia satirizada sobre a morte do general francês Charles de Gaulle, a qual encerrou as atividades do jornal *Hara Kiri*, antecessor do *Charlie Hebdo*; ou a charge referente à morte do menino Aylan que repercutiu igualmente de forma bastante negativa nas redes sociais; e ainda a visão sobre o atentado que vitimou dezenas de pessoas na França (Charge 7, Anexo G, p. 181), sem a imagem de Maomé, mas ainda assim capaz de polemizar com o sujeito extremista, comprovando que o cerne do terrorismo contemporâneo vai além da mera figurativização satírica do líder religioso.

Maomé entra no discurso do *Charlie Hebdo* por assimilação figurativa, quando aparentemente defende os mesmos valores axiológicos do jornal; porém, o recurso satírico facilita a segregação do alvo, o sujeito fanático. A voz satírica que dá margem para o conflito entre o *Charlie Hebdo* e o fundamentalismo islâmico é, acima de tudo, a crítica à ideologia que prega a violência para manipular quem não segue à risca a doutrina religiosa considerada pelos extremistas como *verdade*.

O sujeito fundamentalista é apresentado sob a imagem ou o simulacro do irreduzível, conforme depreendido na análise das charges. Em sua crença, seu objetivo é fazer com que os “infiéis” não se desviem das tradições da religião islâmica, mesmo que, para isso, seja necessário empregar a violência. Seus atos

são estabelecidos por uma triagem exacerbada dos valores, concentrada naquilo que é julgado por ele como correto.

Por outro lado, o modo de pensar do chargista francês, com herança cultural totalmente oposta, se difere daquele. É possível depreender das charges que nem mesmo os muçulmanos compartilhariam a mesma ideologia dos fundamentalistas, conforme quis demonstrar o *Charlie Hebdo* ao figurativizar Maomé, o maior líder da religião, desaprovando as atitudes dos terroristas.

Diante do exposto, não é possível estabelecer um contrato veridictório entre o *Charlie Hebdo* e o fundamentalista islâmico, no qual a verdade estável seja o seu objetivo. Destacou-se, neste estudo, que o discurso decorre de uma relação dialógica. Na interação verbal natural constituída entre enunciador e enunciatário, o produto ideológico (o signo), não é apenas refletido, ele é também refratado. Isso quer dizer que ele pode não apenas pertencer a uma realidade, mas pode distorcê-la, “ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista” (BAKHTIN, 2014, p. 32). O autor explica que há diferenças no domínio dos signos:

[...] na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral (BAKHTIN, 2014, p. 33).

Observamos, portanto, campos de criatividade ideológica distintos envolvidos na polêmica instalada com a publicação de charges que trazem a figura religiosa. O sujeito muçulmano, representado na imagem de Maomé, é especialmente refratado. Ele carrega em si os valores axiológicos do chargista. No lugar de suas revelações sagradas, emergem da fala do profeta palavras revestidas de novo acento, incompatíveis com a sua condição de doutrinador: “*C’est dur d’être aimé par des cons...*” [É duro ser amado por idiotas...].

Essa refração do sujeito é o principal motivo desencadeador para a *performance* que culminou no atentado terrorista. O *Charlie Hebdo* tem nos irmãos Kouachí (os dois jihadistas responsáveis pelo atentado) os antissujeitos. Aquele é mais mistura do que estes; todavia, o que mais contribui nessa relação para o atrito entre ambos discursos reunidos na charge, é a triagem recíproca que cada um deles

faz com maior ou menor intensidade. Quanto maior for a mistura do *Charlie Hebdo*, fundamentada em valores do absoluto, maior será a possibilidade de se envolver polemicamente com o seu par antagônico no processo de leitura previsto.

Enquanto o terrorista (S_1) manipula, por meio de ameaças e intimidações, o sujeito “alegre” do Ocidente, o chargista (S_2) se recusa a aceitar tais imposições. Para permanecer em conjunção com o seu objeto de valor mais valioso, a liberdade de expressão, o *Charlie Hebdo* explora os valores de universo. Cada qual desses atores tem artifícios próprios para obter aquilo que é desejado, como fica implicitado a partir da dimensão temático-figurativa das charges. As charges desenvolvem o espetáculo da beligerância entre papéis temáticos dos atores, oponentes entre si. Fica postulado no interior das charges, que, enquanto o fundamentalista tem como arma a violência, o próprio chargista recorre ao humor e à reflexão sobre assuntos considerados importantes pelo seu viés ideológico, característico do gênero “charge”, que encerra em si um princípio de mistura (no modo do parecer) para também promover uma triagem.

Considerando o que foi observado na análise, a intensificação da voz satírica do *Charlie Hebdo* decorre a partir de dois principais fatores: 1) a possibilidade de o gênero “charge” destacar em um único enunciado variados mecanismos discursivos que reforçam a crítica, a polêmica, a sátira e a ironia, dentre outros, como as figuras retóricas inseridas no discurso tanto pelo segmento verbal quanto pelo visual; e 2) a relação dialógica na qual, de um lado, há um sujeito com herança anticlericalista, que afirma sua laicidade, e, do outro, encontra-se o fanático religioso, não disposto a aceitar qualquer alteração nos valores da tradição selecionados.

A partir de nossa pesquisa, identificamos, dentre outros recursos, que o gênero charge é um tipo de texto que emprega recorrentemente em seu discurso: 1) uma interdiscursividade acentuada, o leitor necessita recuperar dados do mundo para compreender o sentido da crítica aplicada pelo chargista, e, conseqüentemente, temos nesse gênero a forte presença do discurso da vida e da interação dialógica, conforme proposta bakhtiniana; 2) uso de recursos linguísticos que causam o efeito de sobrevir, a linguagem utilizada é capaz de mudar o percurso discursivo de maneira inesperada, proporcionando uma ruptura que tem como expectativa suscitar o humor, é o caso das figuras retóricas encontradas nos textos analisados, como a paranomásia ou o paradoxo, ou ainda outros recursos como a inversão da ordem das orações: “*100 coups de fouet, si vous n’êtes pas mort de*

rire!” [“100 chibatadas, se você não morrer de rir”; 3) a hiperbolização visual, mas também verbal “morrer de rir!”, é responsável pelo exagero característico do gênero e por uma minimização do grotesco, o que facilita a instalação da polêmica. 4) a crítica certa, sendo o objetivo da charge opinar sobre um determinado assunto, sua linguagem permite que o alvo de sua crítica se destaque entre os diversos recursos linguísticos; 5) Dentre as figuras retóricas, a ironia marca o discurso da charge. A multiplicidade de vozes dá espaço para que uma única voz ganhe o realce necessário para a evolução da sátira, concretizando o objetivo maior da charge, a crítica.

REFERÊNCIAS³⁷

7 de janeiro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 08 de jan. de 2015. Opinião, p. A2.

A HISTÓRIA do corajoso Charlie Hebdo. **Diário do Centro do Mundo**. 2015. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-historia-do-corajoso-charlie-hebdo/>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **‘Charlie’ reflete ojeriza francesa a fanatismo religioso**. Valor Econômico, 2015. Disponível em: <<http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201501151437160.'Charlie'%20.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

ARANTES, José Tadeu. **O maior perigo do Islã: não conhecê-lo**. São Paulo: Mostarda Editora, 2005.

ARMSTRONG, Karen. **Maomé: uma biografia do profeta**. Tradução de Andréia Guerini, Fabiano Seixas Fernandes, Walter Carlos Costa. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ATENTADO mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista – 07/01/2015 – Mundo. **Folha de S. Paulo**. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571579-tiroteio-em-frente-a-sede-de-jornal-satirico-frances-mata-pelo-menos-um.shtml>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) enunciativas(s)**. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. Cad. Est. Ling., Campinas: (19): 25-42, jul/dez. 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 6. ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

³⁷ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com colaboração de Lúcia Teixeira Winisk e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 16 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Orgs.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

_____. **Teoria semiótica do texto**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. Porto: **Cruzeiro Semiótico**, n. 11/12, p. 60-73, 1989-1990.

BAQUIÃO, Rubens César. A figura de Jesus Cristo no discurso da mídia contemporânea. **CASA**, vol. 8 n. 1, agosto de 2010. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/viewFile/2944/2710>>. Acesso em: 11 mai. 2017.

BEIVIDAS, Waldir. **A teoria semiótica como epistemologia imanente**: uma terceira via do conhecimento. 2016. 255 f. Tese (Livre-docência). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

CAMUS, Thibault. Explosões e tiros coordenados matam ao menos 153 em Paris. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 14 de novembro de 2015. Primeiro Caderno, p. A1.

CARTUNISTA do Charlie Hebdo anuncia que deixará publicação. **G1**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/05/caricaturista-da-charlie-hebdo-anuncia-que-deixara-publicacao.html>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2008.

CHARBONNIER, Stéphane. **Carta aos escroques da islamofobia que fazem o jogo dos racistas**. Tradução de Sara Spain. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

CHARLIE [Menu]. In: **Charlie Hebdo**. Disponível em: <<https://charliehebdo.fr/charlie/>>. Acesso em: 03 mai. 2017.

CHARLIE HEBDO. Paris, 14 jan. 2015.

CHARLIE Hebdo publie une BD sur la vie de Mahomet. Produção: Céline Jankowiak, Nassima Ouail, Farid Addala. Paris: **Le monde**, 2012. (1 min), color. Disponível em: <<http://www.lemonde.fr/actualite-medias/video/2015/01/07/il-y-a>>.

deux-ans-charlie-hebdo-publiait-la-vie-de-mahomet_4550953_3236.html#SLjkqRLOU8eTRA0H.99> Acesso em 14 ago. 2016.

CHARLIE Hebdo chief: caricature of Prophet Mahomet against IS, not Islam. **The Cairo Post**. Cairo, 2014. Disponível em: <<http://thecairopost.youm7.com/news/126513/news/charlie-hebdo-chief-caricature-of-prophet-mohammed-is-against-is-not-islam>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

CHARLIE Hebdo publie le second tome de “La vie de Mahomet”. **20 minutes**. 2013. Disponível em: <<http://www.20minutes.fr/medias/1179361-20130624-20130624-charlie-hebdo-publie-second-tome-la-vie-mahomet>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

CHARLIE Hebdo se rebaptise “Charia Hebdo”. **Le Figaro**. Paris, 2011. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/medias/2011/11/01/04002-20111101ARTFIG00298--charlie-hebdo-se-rebaptise-charia-hebdo.php>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

CHARLIE Hebdo visé par une attaque terroriste, deuil national décrété. **Le Monde**. 2015. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/societe/article/2015/01/07/attaque-au-siege-de-charlie-hebdo_4550630_3224.html>. Acesso em: 19 jul. 2017.

DAHLET, Véronique. **As (man)obras da pontuação: usos e significações**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DIÁRIO da Dinamarca foi primeiro a publicar caricaturas. **O Estado de São Paulo**. 2011. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,diario-da-dinamarca-foi-primeiro-a-publicar-caricaturas-imp-,793932>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

DISCINI, Norma. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015a.

_____. **A comunicação nos textos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015b.

_____. História em quadrinhos: um enunciado sincrético. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

_____. Para o estilo de um gênero. **Bakhtiniana**, São Paulo, vol. 7, n. 2, p. 75-94, jul./dez.2012.

FARAH, Paulo Daniel. **O Islã**. São Paulo: Publifolha, 2001. (Folha explica)

FARIAS, Iara Rosa. Charge: humor e crítica. In: LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton. (orgs.) **Semiótica: objetos e práticas**. São Paulo: Contexto, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006a.

_____. **Linguagem e interdisciplinaridade**. Alea v. 10, n. 1, Rio de Janeiro, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100003>>. Acesso em 16 jun. 2016.

_____. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006b.

_____. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. Para uma definição das linguagens sincréticas. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). **Linguagens na comunicação**: desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

FLOCH, Jean-Marie. **Petite mythologie de l'oeil et de l'esprit pour une sémiotique plastique**. Paris: Hades-Benjamins, 1985.

_____. **Sémiotique, marketing et communication**: sous les signes, les stratégies. 4. ed. Paris: Presses universitaires de France, 2013.

_____. Sincréticas (sémiotiques~). In: GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Sémiotique**: dictionnaire raisonné de la théorie du langage II. Paris: Hachette, 1986a.

_____. **Les forms de l'empreinte**: Brandt, Cartier-Bresson, Doisneau, Stieglitz, Srand. Périgueux: Pierre Fanlac, 1986b.

FONTANILLE, Jacques. Âges de la vie: les régimes temporels du corps. In: DARRAULT-HARRIS, Ivan; FONTANILLE, Jacques. **Les âges de la vie**: sémiotique de la culture et du temps. Paris: Presses Universitaires de France, 2008a.

_____. **Semiótica do discurso**. Tradução de Jean Cristus Portela. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008b.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural**. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

_____. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar et al. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. 1. ed. São Paulo: Nakin: Edusp, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. O Belo Gesto. In: NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos; ABRIATA, Vera Lúcia Rodella. **Formas de vida: rotina e acontecimento**. Ribeirão Preto: Editora Coruja, 2015.

_____. **Semiótica das paixões**: dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.]

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. **Ensaio semiótico sobre a vergonha**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

HISTOIRE [Menu]. In: **Charlie Hebdo**. Disponível em: <<https://charliehebdo.fr/histoire/>>. Acesso em: 03 mai. 2017.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURTZ, Adriana Schryver. Charge jornalística. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da comunicação**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Tradução de Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014.

_____. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. São Paulo, *Online*: **Galaxia**, n. 27, p. 10-20, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/v14n27/02.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2017.

_____. **Presenças do outro**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LAWRENCE, Bruce. **O Corão**: uma biografia. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LEONE, Massimo. **Sémiotique du fondamentalisme religieux**: messages, rhétorique, force persuasive. Torino: L'Harmattan Italia, 2014. Disponível em: <<https://www.academia.edu/8479939/2014> -

Sémiotique du fondamentalisme religieux Messages rhétorique force persuasiv e>. Acesso em: 21 jun. 2016.

_____. **To be or not to be Charlie Hebdo:** ritual patterns of opinion formation in the social networks. Turim, 2015. Disponível em: <[https://www.academia.edu/11613535/2015 To Be or Not to Be Charlie Hebdo Ritual Patterns of Opinion Formation in the Social Networks](https://www.academia.edu/11613535/2015_To_Be_or_Not_to_Be_Charlie_Hebdo_Ritual_Patterns_of_Opinion_Formation_in_the_Social_Networks)>. Acesso em: 21 jun. 2016.

LOPES, Rogério Antonio. **Elementos de retórica em Nietzsche.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MAHOMET rédacteur en chef du prochain Charlie Hebdo. **RTL.** Paris, 2011. Disponível em: <<http://www.rtl.fr/actu/mahomet-redacteur-en-chef-du-prochain-numero-de-charlie-hebdo-7731126587>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

_____. **Análise de textos de comunicação.** Tradução de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAZZA, Francesco. **La caricature de Charlie Hebdo expliquée à ma mère.** 14 aet. 2016. Disponível em: <<https://charliehebdo.fr/les-nouvelles-de-charlie/la-caricature-de-charlie-hebdo-expliquee-a-ma-mere/>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

MCMANUS, John. **Retratar Maomé sempre foi proibido?** BBC Brasil, 18 jan. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150115_retrato_maome_historia_pai>. Acesso em 16 fev. 2017

MEKHENNET, Souad; GOLDMAN, Adam. **Jihadi John: Islamic State killer is identified as Londoner Mohammed Emwazi.** The Washington Post. 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/national-security/jihadi-john-the-islamic-state-killer-behind-the-mask-is-a-young-londoner/2015/02/25/d6dbab16-bc43-11e4-bdfa-b8e8f594e6ee_story.html?utm_term=.031db9da17a9>. Acesso em: 10 jan. 2017.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

NATALI, João Batista. **Conheça a história do jornal 'Charlie Hebdo', alvo de ataques a tiros em Paris.** Folha de S. Paulo. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571639-conheca-a-historia-do-jornal-charlie-hebdo-alvo-de-ataque-a-tiros-em-paris.shtml>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

NOVO vídeo mostra terroristas trocando tiros com a polícia de Paris. **Veja.** 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/novo-video-mostra-terroristas-trocando-tiros-com-a-policia-em-paris/>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

PARIS: Estado Islâmico divulga comunicado após atentados que mataram 127. **Pragmatismo Político.** 2015. Disponível em:

<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/11/paris-estado-islamico-divulga-comunicado-apos-atentados-que-mataram-127.html>>. Acesso em 17 jul. 2017.

PARNAIBA, Cristiane dos Santos; GOBBI, Maria Cristina. **Charge jornalística: definição, histórico e funções**. XII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), na Pontificia Universidade Católica do Peru, 2014. Disponível em: <<http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/vGT17-Cristiane-Parnaiba-Maria-Cristina-Gobbi.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Análise do texto visual**: a construção da imagem. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução do russo de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário essencial de comunicação**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

REDAÇÃO do jornal satírico francês é incendiada. **Rádio França Internacional - RFI**. Paris, 2011. Disponível em: <<http://br.rfi.fr/franca/20111102-redacao-de-jornal-satirico-frances-e-incendiada>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

SAIBA mais sobre David Haines, refém britânico morto por islamitas na Síria. **G1**. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/09/saiba-mais-sobre-david-haines-refem-britanico-morto-por-islamitas-na-siria.html>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

SANTOS, Mônica Cristina Vidal dos. **A interferência dos sinais de pontuação em textos em prosa na proficiência de leitura oral**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-7LSPYL/1200m.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TATIT, Luiz. **Semiótica à luz de Guimarães Rosa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática**. 6. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2011.

VELOSO, Simone Ribeiro de Avila. **Polêmicas discursivas na perspectiva bakhtiniana**: embates entre vozes de cientistas e outras vozes na arena do *Roda Viva*. 2011. 272 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VIDA de Maomé em quadrinhos provoca polêmica. **DW BRASIL**. 2013. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/vida-de-maom%C3%A9-em-quadrinhos-provoca-pol%C3%AAmica/a-16492820>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich; BAKHTIN, Mikhail. Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica. In: VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. **Freudism**. New York: Academic Press, 1976. Disponível em: <http://www.uesb.br/ppgcel/Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2016.

ZARABOZO, Jamaal. Manual para o novo muçulmano. Tradução de Letícia Gouvêa e Regina Márcia Oliveira de Faria. Brasil, 2011. Disponível em: <https://islamhouse.com/pt/books/pt/3/>>/. Acesso em: 12 jan. 2017.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de Semiótica Tensiva**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

_____. Síntese da gramática tensiva. Tradução de Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit. São Paulo: **Significação - Revista Brasileira de Semiótica**, v. 33. n. 25, pp. 163-204, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65626>>. Acesso em: 07 mai. 2017.

ANEXOS

ANEXO A

Charge 1

Fonte: *Charlie Hebdo*, 08/02/2006, nº 712. Capa

ANEXO B

Charge 2

Fonte: *Charlie Hebdo*, 02/11/2011, nº 1011. Capa.

ANEXO C

Charge 3

Fonte: *Charlie Hebdo*, 02/01/2013. Edição Especial. Capa.

ANEXO D

Charge 4

Fonte: *Charlie Hebdo*, junho de 2013. Edição Especial. Capa.

ANEXO E

Charge 5

Fonte: *Charlie Hebdo*, 01/10/2014, n° 1163. Capa.

ANEXO F

Charge 6

Fonte: *Charlie Hebdo*, 14/01/2015, nº 1178. Capa.

ANEXO G

Charge 7

Fonte: *Charlie Hebdo*, 18 de novembro de 2015, nº 1217. Capa.

ANEXO H

Charge 8

Fonte: Charlie Hebdo, 06/01/2016, nº 1224. Capa

ANEXO I – Charge do *Charlie Hebdo* sobre terremoto na Itália ocorrido em agosto de 2016.

Fonte: *Charlie Hebdo*, 31/08/2016, nº 1258.

ANEXO J – Excerto da parte 2 da biografia de Maomé por Charb e Zineb

Fonte: *Charlie Hebdo*, junho de 2013. Edição Especial. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/252659329/Charlie-Hebdo-Hors-Serie-La-Vie-de-Mahomet-2ere-Partie-pdf>. Acesso em: 17 jul. 2017.

ANEXO K: Edição Completa (dos sobreviventes), nº 1178 (CHARLIE HEBDO, 2015).

2 / CHARLIE HEBDO N° 1128 / 14 janvier 2015

le livre-testament de Sœur Emmanuelle.
ICI-PAS JE ME MASTURBAIS.

YALTA AU VATICAN

L'APÉRO DE GÉRARD BIARD

EST-CE QU'IL Y DES « OUI,

Depuis une semaine, Charlie, journal athée, accomplit plus de miracles que tous les saints et prophètes réunis. Celui dont nous sommes le plus fiers, c'est que vous avez entre les mains le journal que nous avons toujours fait, en compagnie de ceux qui l'ont toujours fait. Ce qui nous a le plus fait rire, c'est que les cloches de Notre-Dame ont sonné en notre honneur... Depuis une semaine, Charlie soulève à travers le monde bien plus que des montagnes. Depuis une semaine, comme l'a si magnifiquement dessiné Willem, Charlie a plein de nouveaux amis. Des anonymes et des célébrités planétaires, des humbles et des nantis, des mécréants et des dignitaires religieux, des sincères et des jésuites, des que nous garderons pour la vie et des qui ne sont que très brièvement de passage. Aujourd'hui, nous les prenons tous, nous n'avons pas le temps ni le cœur de faire le tri. Nous ne sommes pas dupes pour autant. Nous remercions de tout notre cœur ceux, par millions, qu'ils soient simples citoyens ou qu'ils incarnent les institutions, qui sont vraiment

La laïcité, point final

à nos côtés, qui, sincèrement et profondément, « sont Charlie » et qui se reconnaîtront. Et nous emmerdons les autres, qui de toute façon s'en foutent...

Une question, quand même, nous taraude : est-ce qu'on va enfin faire disparaître du vocabulaire politique et intellectuel le sale mot de « laïcité intégriste » ? Est-ce qu'on va enfin arrêter d'inventer de savantes circonvolutions sémantiques pour qualifier pareillement les assassins et leurs victimes ?

Ces dernières années, nous nous sommes sentis un peu seuls, à tenter de repousser à coups de crayon les saloperies franches et les finasseries pseudo intellectuelles qu'on nous jetait au visage, et au visage de nos amis qui défendaient fermement la laïcité : islamophobes, christianophobes, provocateurs, irresponsables, jeteurs d'huile sur le feu, racistes, vous l'avez bien cherché... Oui, nous condamnons le terrorisme, mais, Oui, menacer de mort des dessinateurs, ce n'est pas bien, mais, Oui, incendier un journal, c'est mal, mais, Nous avons tout entendu, et nos amis aussi. Nous avons souvent essayé d'en rire, parce que c'est ce que nous faisons le mieux. Mais nous aimerions bien, maintenant, rire d'autre chose. Parce que ça recommence déjà. Le sang de Cabu, Charb, Honoré, Tignous, Wolinski, Elsa Cayat, Bernard Maris, Mustapha Ourrad, Michel Renaud, Franck Brinsolaro, Frédéric Boisseau, Ahmed Merabet, Clarissa Jean-Philippe, Philippe Braham, Yohan Cohen, Yoav Hattab, François-Michel Saada, n'avait pas encore séché que Thierry Meyssan expliquait à ses fans Facebook qu'il s'agissait, évidemment, d'un complot judéo-américano-occidental. On entendait déjà, ça et là, les fines bouches faire la moue devant le rassemblement de dimanche der-

IL NE FAUT PAS
TOUCHER AUX GENS DE
"CHARLIE HEBDO"...

"S'ILS VONT PASSER POUR DES MARTYRS ET, UNE FOIS
AU PARADIS, CES ENFOIRÉS
VONT NOUS PIQUER TOUTES
NOS VIERGES!"

CE NUMÉRO EST EN VENTE DURANT DEUX SEMAINES

AURA ENCORE MAIS ?

nier, bavant du coin des lèvres les éternelles arguties visant à justifier, ouvertement ou à bas bruit, le terrorisme et le fascisme religieux, et s'indignant, entre autres, que l'on célèbre les policiers « SS. Non, dans ce massacre, il n'y a pas de morts moins injustes que d'autres. Franck, qui est mort dans les locaux de *Charlie*, et tous ses collègues abattus au cours de cette semaine de barbarie sont morts pour défendre des idées qui, peut-être, n'étaient même pas les leurs.

Nous allons quand même essayer d'être optimistes, bien que ce ne soit pas la saison. Nous allons espérer qu'à partir de ce 7 janvier 2015 la défense ferme de la laïcité va aller de soi pour tout le monde, qu'on va enfin cesser, par posture, par calcul électoral ou par lâcheté, de légitimer ou même de tolérer le communautarisme et le relativisme culturel, qui n'ouvrent la voie qu'à une seule chose : le totalitarisme religieux. Oui, le conflit israélo-palestinien est une réalité, oui, la géopolitique internationale est une succession de manœuvres et de coups fourrés, oui, la situation sociale des, comme on dit, « populations d'origine musulmane » en France est profondément injuste, oui, le racisme et les discriminations doivent être combattus sans relâche. Il existe heureusement plusieurs outils pour tenter de résoudre ces graves problèmes, mais ils sont tous inopérants s'il en manque un : la laïcité. Pas la laïcité positive, pas la laïcité inclusive, pas la laïcité-je-ne-sais-quoi, la laïcité point final. Elle seule permet, parce qu'elle prône l'universalisme des droits, l'exercice de l'égalité, de la liberté, de la fraternité, de la sororité. Elle seule permet la pleine liberté de conscience, liberté que nient, plus ou moins ouvertement selon leur positionnement marketing, toutes les religions dès lors qu'elles quittent le terrain de la stricte intimité pour descendre sur le terrain politique. Elle seule permet, ironiquement, aux croyants, et aux autres, de vivre en paix. Tous ceux qui prétendent défendre les musulmans en acceptant le discours totalitaire religieux défendent en fait leurs bourreaux. Les premières victimes du fascisme islamique, ce sont les musulmans.

Les millions de personnes anonymes, toutes les institutions, tous les chefs d'État et de gouvernement, toutes les personnalités politiques, intellectuelles et médiatiques, tous les dignitaires religieux qui, cette semaine, ont proclamé « Je suis *Charlie* » doivent savoir que ça veut aussi dire « Je suis la laïcité ». Nous sommes convaincus que, pour la majorité de nos soutiens, cela va de soi. Nous laissons les autres se démerder avec ça.

Une dernière chose, importante. Nous voudrions envoyer un message au pape François, qui, lui aussi, « est *Charlie* » cette semaine : nous n'acceptons que les cloches de Notre-Dame sonnent en notre honneur que lorsque ce sont les Femmes qui les font tinter. ■

S. LE PROCHAIN PARAÎTRA MERCREDI 23 JANVIER.

LES DIVORCÉES POURRONT COMMUNIER

QUEL AVENIR POUR NOS DJIHADISTES ?

14 janvier 2015 / CHARLIE HEBDO N° 1178 / 3

C'est comment, UNE CELLULE ISLAMISTE ?

AU BOUT DU TUNNEL... LA FRANCE AU BOUT DU TUNNEL... LA FRANCE

INSTRUMENTALISATION

LES CHAROIGNARDS DU COMPLOT

La théorie du complot possède cette particularité qu'elle est impossible à démonter : chaque élément apporté pour la déconstruire est interprété par les complotistes comme une « preuve » supplémentaire qu'ils ont raison.

La rupture de confiance entre une bonne partie des citoyens, les élites et les médias donne naissance à une contre-culture qui s'exprime surtout sur le Net et les réseaux sociaux. Son postulat est de contester la réalité matérielle des faits sur lesquels l'histoire fait consensus, au motif précisément qu'elle est un narratif « officiel », donc destiné à enfumer le peuple sur les funestes desseins des gouvernants, des lobbies réels ou imaginaires et d'une profession journalistique « aux ordres ». Dès avant l'ère d'Internet, de telles théories ont fleuri dans un délai très bref après les événements qu'elles voulaient récrire : entre la libération des camps d'extermination nazis en janvier 1945 et la parution des premiers ouvrages négationnistes, il se passe moins de cinq ans. Le passage de l'écrit au Net dans la formation d'une partie de l'opinion a provoqué, dès la fin des années 1990, une accélération du complotisme : dès les attentats du 11 septembre 2001, les pompiers sont encore à Ground Zero qu'Al-Qaïda se voit exonéré d'avoir exécuté le carnage. C'est exactement ce qui s'est passé mercredi dernier, après l'exécution méthodique et programmée de nos amis par un commando islamiste. C'est ce qui s'est répété deux jours après, lorsqu'un attentat antisémite, commis par des adeptes de la même idéologie, a tué des Français juifs à la porte de Vincennes.

Dès le 7 janvier, depuis Damas, Thierry Meyssan et son Réseau Voltaire expliquent que l'attentat contre Charlie Hebdo « n'a pas de lien avec l'idéologie djihadiste », qu'il est en réalité commandité par les États-Unis, par « les néo-conservateurs et les faucons libéraux ». Israël n'est pas mentionné, mais d'autres, au quotient intellectuel inférieur (ou « dérangés », terme à la mode), s'en sont chargés : Alain Benajam, lui aussi du Réseau Voltaire, incrimine le Mossad et la CIA, tandis que le Parti antisioniste pointe la responsabilité du « sionisme » (nom de code, chez lui, pour « les juifs »). Sur le site d'Alain Soral, de nombreux commentaires abondent dans le même sens, tandis que d'autres complotistes préfèrent, à l'instar du site américain McClatchy, expliquer que les frères Kouachi étaient instrumentalisés... par les services secrets français.

DE COPERNIC À CARPENTRAS

Si on laisse de côté les indécorables tarés de l'ultradroite antisémite, pour qui tout est « sionisme » et « juif », il ne faut pas se leurrer : ce complotisme est un problème de la gauche radicale et de la sous-culture islamo-gauchiste qui sévit sur les forums. L'assassinat de Jolé-les-Tours ? Une manipulation policière. L'attentat contre

Charlie ? La faute de l'impérialisme américain. Le meurtre antisémite de la porte de Vincennes : un coup de billard à trois bandes d'Israël. À partir de la constatation juste que tout cela crée en France un climat de suspicion généralisée de tous envers tous, et avant tout envers les individus « musulmans », le complotisme aboutit, comme toujours depuis quinze ans, à exonérer totalement l'islamisme et l'islamisme radical de toute responsabilité morale et matérielle dans le terrorisme et l'intimidation intellectuelle qui sévissent en France.

Il faut être lucide : dans notre pays, ce mécanisme de négation de la responsabilité islamiste fait contraste avec la promptitude à mettre sur le dos de « l'extrême droite » des attentats ou actes qu'elle n'a pas commis, rue Copernic ou à Carpentras. Lorsque des nazillons ont fait sauter des foyers de migrants, quand Clément Méric et Ibrahim Bouarram ont été tués, les faits objectifs n'ont guère été contestés, sinon par cette mouvance elle-même. Les complotistes manient le « deux poids, deux mesures ». Ce faisant, ils supposent une présomption d'innocence de l'islam qui est l'exact revers du soupçon de culpabilité généralisée pesant sur les supposés musulmans et les assignant à résidence.

Jean-Yves Camus

ENQUÊTE

ANTITERRORISME : DES TROUS DANS LE FILET

Manuel Valls a décréto qu'avec 17 morts après les attentats de la semaine dernière il devait bien y avoir une « faille » dans le dispositif antiterroriste. Mais qui a organisé le renseignement en France aujourd'hui, et comment ?

Des « trous dans la raquette », voilà l'expression utilisée par les flics pour décrire comment, en dépit d'un arsenal antiterroriste très lourd, deux terroristes déguisés en ninjas peuvent réussir à semer la terreur en plein Paris. Des trous dans la raquette, il y en avait déjà eu avec Merah, puis avec Nemmouche, du nom de celui qui a commis en mai 2014 les meurtres du musée juif de Bruxelles. En décembre 2012, il avait été facile pour le pouvoir actuel de politiser, grâce à une commission d'enquête parlementaire, le massacre commis par le tueur au scooter de Toulouse : le massacre avait eu lieu en mars, sous l'ère Sarkozy. Le procès des services était d'autant plus facile à faire qu'ils étaient alors dirigés par les hommes de Sarkozy.

Mais en janvier 2015, ce n'est plus le cas. Valls a achevé la réforme du renseignement intérieur lancée par Sarkozy : la fusion des RG (renseignement de terrain) et de la DST (contre-espionnage). Cela a donné la DCRI (Direction centrale du renseignement intérieur), transformée par Valls en DGSJ (Direction générale de la sécurité intérieure), dotée d'un budget propre, directement rattachée au ministre de l'Intérieur. Un grand chantier destiné à en faire la crème de la crème des contre-espions. Alors, au-delà des nombreuses questions sur les faits toujours en suspens à l'heure du bouclage du journal, que s'est-il passé pour que les trous dans la raquette soient si larges ?

CHAPE DE PLOMB

À Matignon, on veut croire qu'il n'y a pas eu de « faute ». « Il s'agit bien d'un échec, analyse un autre proche du gouvernement. Mais y a-t-il eu un dysfonctionnement ? On n'en sait rien. » Selon ce dernier, pour qui les terroristes n'auraient rien planifié par eux-mêmes, mais se seraient « adossés à une organisation » pour commettre les attentats, il est désormais impossible de prévoir un

passage à l'acte. D'où un léger problème, comme le raconte à Charlie un connaisseur des arcanes de la DGSJ. « Aujourd'hui, la DGSJ est quasiment la seule à se charger du terrorisme islamiste,

explique-t-il. Les structures de coordination au ministère ne sont plus vraiment utiles, depuis que les violences corses et basques ont été rétrogradées dans l'échelle des priorités. »

Du coup, elle s'approprie le secteur, mais en misant principalement sur les écoutes, les données satellitaires ou autres joujoux électroniques, et quasiment plus sur les hommes. Sur le terrain, il n'y a donc plus personne ou presque. « Les terroristes, qui font très attention en parlant au téléphone, ont acheté des armes, des tenues, ils se sont entraînés... Tout cela, les sources techniques ne peuvent le révéler », poursuit cet expert. En ce moment, 436 personnes sont en train d'être recrutées à la DGSJ : essentiellement des ingénieurs. Pas le profil à aller enquêter sur le terrain...

La DGSJ travaille dans son coin, les services d'espionnage extérieur aussi, le tout sous la chape de plomb du secret-défense. Les services sont censés partager leurs tuyaux, mais, en réalité, « chaque chasseur garde son gibier ». Visiblement, la DGSJ n'avait pas eu en main les informations opérationnelles obtenues par Washington sur les déplacements au Yémen des frères Kouachi, les auteurs de la fusillade à Charlie, un Yémen évoqué par l'un des deux lorsqu'il emmène de force l'une de nos dessinatrices jusqu'au journal, ce 7 janvier, puis aussi lorsqu'il ouvre le feu dans les locaux. Ces infos ont-elles réellement été fournies à la France par les Américains, comme ils l'assurent ? La DGSJ en a-t-elle été la destinataire, « oubliant » de rebasculer à la DGSJ ? Encore un point à éclaircir. Selon les dernières hypothèses, l'organisation yéménite Al-Qaïda dans la péninsule arabe aurait en effet envoyé les Kouachi commettre leur œuvre barbare au journal, Daech était commanditaire des atrocités de Koulibaly, le troisième tueur.

Manuel Valls promet donc de prendre de nouvelles mesures afin de renforcer encore un arsenal déjà ultrarépressif, voire de couper des têtes. Oubliant, dans un bel exercice de communication, que l'organisation du renseignement d'aujourd'hui n'est autre que son grand œuvre.

Laurent Léger

MANIF : 3 MILLIONS SELON LES ORGANISATEURS ET SELON LA POLICE, CHERCHEZ L'ERREUR.

► SIGOLÈNE VINSON

À PAS DE CHIEN

Tictictictic... À Charlie, nous avons un chien, un cocker roux qui s'appelle Lila. Bon, en vrai, il n'est pas à nous tous, seulement à Éric. Dans l'équipe, c'est Cabu qu'il préfère. Ce mercredi 7 janvier, il lui fait une de ces fêtes. Il faut dire que, sur la table de rédaction, il y a des galettes bretonnes apportées par Coco et un gâteau marbré que j'ai acheté pour marquer l'anniversaire de Luz. A coup sûr, Cabu va lui donner sa part.

Tictictictic... À Charlie, nous avons un chien, un cocker roux qui raye le parquet. Riss et Charb se foutent parfois de sa queue pour que Luce prenne sa défense et lui caresse le haut du crâne. Honoré préfère les chats. Tignous, les mômes. Wolinski, lui, a un faible pour Catherine et Zineb.

Tictictictic... À Charlie, nous avons un chien, un cocker roux qui assiste à nos débats. « Pour ou contre Louis de Funès ? » Jean-Baptiste est plutôt pour. Curieusement, Philippe aussi. Fabrice s'en fout, il veut que notre planète tourne rond. Avant de répondre, Laurent doit mener une enquête. Antonio a intérêt à être contre. Gérard fait l'arbitrage. Pelloux dit : « J'ai son portable » (à de Funès).

Tictictictic... À Charlie, nous avons un chien, un cocker roux qui passe et repasse par le bureau de Mustapha. Bernard ne l'entend pas, il se marre (de son rire qui a un accent du Sud-Ouest... Ouais, c'est possible) en regardant Elsa faire de grands gestes pour nous parler de Lacan.

À Charlie, nous avons un chien, un cocker roux qui ne comprend pas pourquoi, le mercredi, il y a tant de personnes. Le reste de la semaine, seuls Angélique, Simon et Cécile lui tiennent compagnie. Le lundi, il a la chance de croiser Martine.

Pop pop pop pop... Puis, un silence de mort.

Jean-Luc et moi restons à terre.

Soudain : Tictictictic !

À Charlie, nous avons un chien, un cocker roux qui nous signale que c'est bon, que nous pouvons maintenant nous relever, ils sont partis.

Lila a été épargnée. Peut-être parce qu'elle est une femelle.

À tous mes amis. Et aux autres.

► SYLVIE COMA

ON NE VA PAS TOUS MOURIR

Au Zaïre, le jour de la prise de Kinshasa par les troupes de Kabila, mes copains de la radio nationale sont partis au boulot en me rassurant : « Ne t'en fais pas, on ne va pas tous mourir. »

En Guinée, avant de s'élancer sur un pont vaguement maintenu en l'air par quelques bouillons rouillés, le chauffeur de taxi-brousse a rigolé : « C'est l'homme qui a peur, sinon y a rien ! »

Aujourd'hui, c'est le continent africain que j'ai envie de convoquer aux funérailles de mes frangins de Charlie. Pour rester en famille. « Nous sommes tous des Africains ! » est un slogan qu'ils auraient adoré. S'en-fout-la-mort et droit devant. Et tant pis pour « les jaloux saboteurs aux yeux de crocodile », comme chantait maître Gazonga le Tchadien. Charlie ou la mort, nous vaincrons !

Crever, c'est déjà assez chiant comme ça pour pas qu'en plus on ait la trouille. C'est Cabu qui disait ça. Il m'avait raconté en pouffant derrière ses petites lunettes rondes qu'avant de mourir Reiser avait demandé que les dames viennent à son enterrement en porte-jarretelles et sans culotte. Et qu'elles lui rendent un dernier hommage en enjambant sa tombe... Qu'auraient souhaité Charb, Oncle B, Tignous, Honoré, Wolinski, Mustapha, Elsa, Cabu, Franck, Ahmed, Michel et Frédéric ? Je ne sais pas. Mais j'ai envie de croire qu'ils auraient apprécié qu'on les honore en buvant du vin de palme sur un air de rumba. « On ne va pas chialer, quand même ! » s'était écrié Cavanna à la mort de Gédé.

La vie secrète des jeunes

VU ET ENTENDU DANS UNE RUE DU XI^e ARRONDISSEMENT DE PARIS, LE 3 JANVIER 2015.

Riad Sattouf

QUAND «CHARLIE» AVAIT 20 ANS

En 1968 s'est produit un événement mémorable : Cavanna a fait un édito dans *Hara-Kiri* qui disait en gros que son journal était un journal politique et que seuls les couillons ne s'en étaient pas aperçus. J'en faisais partie, avec d'autres couillons du lycée Pierre-de-Fermat. Après *Hara-Kiri*, *Charlie* est arrivé, puis *Charlie* nouvelle formule, qui sont devenus de plus en plus ouvertement « politiques ». Ça veut dire quoi, politique, pour un journal satirique qui n'aime pas vraiment les politiciens ? Sarko-caca, Hollande-cucul (allusion, vous l'aurez noté, au caractère finement sexuel et scatologique de *Charlie Hebdo*) ? Pas du tout. Ça veut dire « donneur de leçons » ? Non point. Alors, c'est le ricanement cynique ? Non, ce n'est pas le ricanement cynique. Le cri du partisan, alors ? Là, vous approchez. *Charlie* est plutôt de gauche, même si certains qui se disent sinistres (fine et cursive allusion à l'étymologie de « sinistre ») sont d'affreux réactionnaires ; moi, par exemple, qui, contrairement à Cavanna, reste un ennemi radical du progrès et rêve de revenir à la bougie pour éclairer ma femelle décorant la grotte Chauvet avant de me ruier, ébloui, sur elle. *Charlie* de gauche, oui, mais se donnant la possibilité de réagir sur tout

La banque du Vatican
Le Pape avait envisagé sa formation pure et simple. Elle était soupçonnée de blanchiment lié à la mafia. Mais il ne la fermera pas.

— St Pierre n'avait pas de compte en banque, mais la mafia si !

Trouver 50 milliards...
La lutte contre la fraude fiscale devrait rapporter près de 18 Mds en 2014 (sur un total estimé de 60 à 80 Mds). Le flic est en grande partie planqué en Suisse.

Ministre des Finances recevant un accueil chaleureux.

événement social, international, qui hérisse les poils de l'intelligence, laquelle est poilue, un peu plus que la poésie.

Ainsi, *Charlie* a proposé l'interdiction du Front national. Plus tard, *Charlie* a soutenu les altermondialistes, ATTAC et tous ceux qui disaient : « Un autre monde est possible. » Tout le monde était à peu près d'accord. Ensuite, *Charlie* dans ses éditos a soutenu les bombardements de l'OTAN sur la Serbie. Une partie de l'équipe était contre. Ensuite, *Charlie*, toujours dans ses éditos, a dit Vive l'Europe ! et oui au traité constitutionnel. Une partie de l'équipe était contre. De même

sur le conflit israélo-palestinien : certains étaient pro-israéliens, d'autres pro-palestiniens. De même sur le 11-Septembre. Aucun de ces débats ne fut « Café du commerce ». Les éditos étaient longs et argumentés. Les dessins étaient frappants et pleins de sens (l'avantage d'un dessin, c'est qu'il n'a pas à être long et argumenté). Ensuite, *Charlie* est devenu farouchement anti-Sarko, ce qui a posé un problème : la négation tint un temps lieu de pensée. C'est très difficile de ne pas céder à l'invective, à l'insulte ou au ricanement cynique. Sauf que *Charlie* ne discute

pas avec certains. Les électeurs du FN (contrairement à beaucoup d'hommes politiques) et les chasseurs, par exemple. « Chasseurs, gros cons » achève avant qu'elle ne débute toute discussion. Autres exemples : les islamistes, les homophobes, etc. *Charlie* a osé publier les caricatures de Mahomet, et si ce n'est pas un acte de grand courage politique, ça y ressemble.

Tout au long de ces dessins, vous verrez évoluer les lignes politiques de *Charlie*. Vous découvrirez — rarement — ses faiblesses, quand l'invective masque le manque de pensée. Ses faiblesses, qui sont autant d'interrogations sur ce qui fait le sel de la vie.

Car la politique selon *Charlie* ne consiste pas à déclamer, mais à interroger : pourquoi la vie n'est-elle pas celle que nous rêvons, poétique, pacifique, intelligente, argumentée et argumenteuse, spéculative, contradictoire, mais telle qu'aucune contradiction, aucune chamaillie ne puisse à terme d'une belle discussion se dissoudre dans un verre de rouge et jamais dans une flaque de sang ? La politique de *Charlie* est non violente et non haineuse. Elle est gate. Elle se veut ainsi. Aucun problème politique ne doit résister à un bon rire. Riez, amis, riez. Il paraît qu'au moment d'être fusillé Cavanna rigolait. ■

— c'est un Blitzkrieg !

ANTONIO FISCHETTI

MÊME PAS MORTS

Dans la salle de réunion, j'étais généralement aux côtés de Tignous, Honoré et Elsa. Ils sont ceux que je connais le mieux, et, de toute façon, je n'aurai pas la place pour parler des autres. Mais d'abord, sachez que je n'étais pas avec eux mercredi dernier, car j'assistais aux funérailles de ma tante Michelina. Avoir la vie sauve grâce à un enterrement : il y en a un que ça aurait fait plier de rire, c'est Tignous.

Malgré son nom qui signifie « petite teigne » en occitan, Tignous était un vrai gentil. Il aimait les gens, tous les gens (sauf les vrais connards confirmés, et alors, la teigne se révélait). Je l'ai vu dessiner dans toutes les situations, dans la boue, en courant devant des vigiles, et même la main dans la poche pour ne pas se faire repérer. Il s'immobilisait tel un félin devant sa proie pour capter chaque détail de la scène, pendant que son stylo dansait en souplesse sur le papier. Quand il dessinait un visage, il y cherchait toujours quelque chose d'attachant, une sensibilité, une naïveté, une fragilité, en somme une humanité qu'il révélait en trois coups de crayon. Cela s'appelle de la bienveillance. Il montrait toujours leurs caricatures à ceux qu'il dessinait. Alors, ils se marraient, et du coup Tignous aussi. Il jouissait de cette connivence. J'ai

tellement fait de reportages avec Tignous que, lorsque je rencontre un nouveau visage, je visualise mentalement le dessin qu'il en aurait fait. Du coup, la personne me semble un peu plus sympathique. Tignous a changé mon regard sur les gens.

D'Honoré, je garde l'image d'un poète et d'un conteur. Quand il vous saluait, il s'inclinait légèrement, en vous demandant droit dans les yeux : « Tu vas bien ? » Honoré adorait raconter des histoires, et c'était toujours passionnant. D'ailleurs, il lui arrivait toujours des choses incroyables, comme sa découverte d'un dessin de Raymond Queneau dans une benne à papiers.

Il aimait les histoires, mais aussi l'Histoire. Il adorait détourner des images célèbres, de tableaux, de films ou de pubs. Dans l'univers d'Honoré, les gargouilles de Notre-Dame portent des masques à gaz, les panneaux autoroutiers posent des questions philosophiques, Chaplin et son Kid deviennent des racailles de cité, les gorilles jouent de la guitare électrique, et les grands noms de la littérature sont des rebus. À l'heure de la palette graphique et de

Google Images, Honoré faisait de la résistance esthétique. Il dessinait toujours à l'ancienne, sur une table d'architecte des années cinquante, au milieu d'une multitude de boîtes à chaussures remplies de photos découpées dans les journaux, où il allait puiser son inspiration. Honoré m'aidait à prendre du recul pour mieux comprendre le monde.

Elsa, son dada, c'était les mots. Elle adorait les décrypter et jouer avec eux. Ceux qui sortaient de sa bouche, elles ne les prononçaient pas, elle les éjaculait. Si elle était d'accord avec vous, elle hurlait « ouaiiiiis, l'as raanaisssooon » en vous balançant une claquette sur l'épaule assortie d'un énorme rire, et le moindre désaccord déclenchait un « c'est horriiible » à vous éclater le tympan. La surface des mots ne lui suffisait pas, elle en cherchait toujours le double sens. Si, à propos de sexe, vous veniez à prononcer le mot « pénétrer », elle vous lançait en pleine figure : « pénétrer : peine à être », et répétait cela jusqu'à ce que vous réagissiez. « Faut réfléchir », disait-elle alors, en vous regardant par-dessus ses lunettes en allumant une clope. Mais ce qu'Elsa kiffait avant tout, c'était d'aider les gens à être heureux. Notre dernière conversation s'est terminée par ces mots : « T'es heureux, Antonio ? Moi, je suis heureuse. Normal, mon métier c'est de rendre heureux. Et il n'y a rien de plus important. T'es pas d'accord ? » Et vlan, une claquette sur l'épaule. Et toujours, l'énorme rire. Aussi exubérant que brillante, Elsa me rendait plus intelligent.

Voilà comment Tignous, Honoré et Elsa ont changé ma vision du monde. D'une certaine façon, ils continueront de vivre à travers moi. N'empêche, ils vont quand même me manquer. ■

HISTOIRE D'URGENTES

PATRICK PELLOUX

JE TU IL NOUS VOUS ILS SUIS CHARLIE

Ma semaine a été trop chargée, alors je vais faire une chronique sur la nécessité de profiter de la vie, un texte fédérateur sur l'humanisme, des mots qui pourraient obtenir un prix dans un Salon de l'agriculture de la littérature. Mais, avant tout, je tiens à exprimer ma colère contre mon téléphone, qui, malgré un abonnement très coûteux, ne fonctionne pas ! Charb n'arrive pas à me joindre ! Il devait venir dîner hier et il n'est pas venu. Il doit avoir un cul à tirer, comme il me dit chaque fois, ou des dessins à rendre pour la CGT ou L'Huma. Pas un SMS, son portable doit être en panne. De toute façon, ses moustiquaires veillent sur lui, alors je m'inquiète pour rien, comme il me dit. En attendant, je vais faire ma chronique.

Pleurer des yeux à faire reverdir les déserts avec les paysages les plus beaux. Pleurer de mon âme pour changer le cours des choses. Pleurer de mon corps pour en sortir une énergie si grande que... Quelle heure est-il ? Je vais jamais finir à temps pour le bouclage du journal et Charb va encore m'engueuler en disant : « Chouchou, travaille ! »

DEMAIN NE RENDRIENDRA PAS

D'ailleurs, ne pas oublier : il faut que je passe acheter des gâteaux pour Cabu, car il ne mange que ça et il doit revenir dîner à la maison dans la semaine. Nous parlerons de Trenet, et je jouerai à lui faire deviner des morceaux de jazz, et il gagnera. Avec ça coupe à la Beatles, j'ai toujours l'impression d'avoir McCartney à table ! Il doit être au Canard enchaîné, c'est pour ça que je le vois pas. Le monde moderne est lourd en ce moment, je sais pas ce qui se passe, la météo peut-être... Je vais finir par trouver de l'intérêt à toutes les drogues ! Mais je rigole, je dis ça pour patienter le temps que mon frère me rappelle ! Pourtant, c'est rassurant, le pape, Obama, les imams, les Palestiniens, les Juifs, des pompiers, des policiers, des enfants... tout le monde parle de *Charlie Hebdo* ! Le journal a dû faire un truc incroyable, pour qu'ils aient une telle couverture. Charb va être content, car les ventes vont remonter et on va pouvoir tenir la ligne du rire et du sourire face au front de la morosité et du noir de la crise. Ah, c'est bon, ça : le bonheur à toujours de la couleur, et le noir doit quitter son identification à la tristesse. Les dictatures ne font jamais rire ni sourire leur peuple. Seules les démocraties font rire, et ces visages réjouis nous différencient de nos masques de mort. C'est pas mal, comme idée, faut que j'en parle à Elsa. Elle va me hurler que c'est génial ! Et qu'elle a vu un sonotone, autant que ce soit par les paroles généreuses et intelligentes d'une psychanalyste ! Mais je comprends pas pourquoi ils me rappellent pas. En même temps, ça me laisse du temps pour commencer ma première correspondance avec Oncle B. Faut que je lui dise que je l'aime, j'ai oublié l'autre jour, lorsqu'on a décidé de faire ce livre qui va faire date pour casser la trinité à l'activité dans les hôpitaux, appeler à la Sécurité sociale mondiale, gueuler contre le lobby de l'industrie du médicament, remonter les politiques sur le fait que la santé n'est pas une marchandise, prôner une société humaniste, que l'économie serve l'humanité et pas le contraire. Nous en avons parlé l'autre jour, à la petite fête de *Charlie*. Bon, certes, j'ai eu un peu mal au crâne à cause du vin que j'ai bu avec mon Tignous. Je lui ai laissé un message, à mon Titi, pour lui dire que j'ai encadré son dessin si drôle, c'était peut-être dans *Marianne*... Je dois être fatigué, car il y a des choses dont je refuse de me souvenir. Il va encore me dire qu'il m'aime pour avoir une ordonnance, mais il tarde toujours à rappeler. Il y a quelque chose qu'ils m'auraient caché ? Mais je m'inquiète toujours, vous savez...

À ce propos, l'autre fois, Honoré m'a proposé de passer à une expo d'un de ses amis. Se promener avec lui, c'est toujours marcher avec une encyclopédie de culture. D'ailleurs, il est aussi beau que ses dessins. Il a une classe incroyable, comme Georges. Il faut que je lui dise les progrès de la médecine sur la sexualité. Je lui ai laissé un message pour dîner avec lui et parler de la beauté des femmes ! Il doit être content que la situation à Cuba s'arrange.

Mais il est si tard, et je ne comprends pas pourquoi c'est ma première chronique écrite en larmes. Le son de leurs voix ressemble au silence. J'ai froid. J'ai envie de vomir. Il doit y avoir une fête quelque part où ils sont tous allés... Un oiseau a voulu me le dire, non ?

Mais oui est Mustapha, mon maître des dictionnaires ? Mes fautes ne partent plus ! Et Charb n'arrive pas à me joindre... Je vais finir par péter la gueule aux nouvelles technologies !

FABRICE NICOLINO

PLANÈTE SANS VISA

Il n'y a plus d'ailleurs. Et voilà pourquoi mon site Internet s'appelle Planète sans visa. Cette expression n'est pas de moi : je l'ai découverte chez Victor Serge, mais elle est antérieure à lui. À ma connaissance, elle a été utilisée dès 1934 dans un tract surréaliste, probablement écrit par André Breton, ainsi que dans un livre de Leon Trotsky. N'importe. Révolutionnaire, antistalinien, foncièrement démocrate, Serge était aussi un notable écrivain. Et j'ai retenu cette phrase, sous sa plume : « Planète sans visa, sans argent, sans boussole, grand ciel nu sans comètes, le *Fils de l'homme* n'a plus où reposer sa tête... »

C'est un fait : la planète est devenue une banlieue où s'entassent les peuples. Jadis, c'est-à-dire hier, franchir une frontière vous mettait à l'abri d'une guerre. En 1917, après avoir passé cinq années dans les prisons de France, Serge prend un train pour Barcelone et découvre un pays épargné par la boucherie. Oui, à cette époque si proche que certains parmi nous l'ont connue, la condition humaine pouvait être refusée, dans une certaine mesure. D'autres que Serge, convoqués en 1914 pour le grand massacre européen, refusèrent les tranchées, préférant l'exil. Comme ils les avaient raison ! Et comme avaient tort ces soldats partant la fleur au fusil !

Tout a changé. La planète est une, les prouesses technologiques nous ont définitivement cloués sur place. L'homme, devenu un agent géologique de première puissance, a inventé l'ère anthropocène. Ce site parle donc de la crise écologique, à ma manière. Sans concessions, sans inutilités précautions, sans vain respect pour les hommes et les institutions qui ne le méritent pas.

S'il doit avoir un sens, ce sera celui d'écrire librement. De décrire et de dénoncer ce qui se passe. Car il se passe un événement si considérable, tellement inédit, à ce point stupéfiant que la pensée refuse de l'admettre. Ce qui nous arrive peut se résumer, même si aucun esprit n'est capable de le concevoir pleinement : nous sommes les contemporains de l'anéantissement de la vie. De la destruction des conditions de vie de l'humanité. De l'asservissement des autres êtres vivants à notre plaisir imbecile. D'une crise d'extinction des

espèces comme la planète n'en a pas connu depuis la fin des dinosaures, voici 65 millions d'années.

Je n'ai pas l'illusion, ni l'outrecuidance, de savoir quoi faire. Je ne sais pas. Mais je pense, mais je suis convaincu qu'il faut marquer au plus vite une rupture complète avec notre manière de penser la société. Et cela implique de se détacher au plus vite des formes politiques anciennes. Je vise la droite comme la gauche. Et les Verts aussi, évidemment.

Ce n'est pas un programme, c'est un drapeau. Il nous reste peu de temps, je le crains, pour imaginer un avenir qui ne soit pas de guerre et d'affrontements majeurs. Comme j'aime la liberté, et parce que je défends l'égalité, et même la fraternité, je souhaite que ces valeurs soient conservées. Il faut donc défendre les droits de l'homme, assurément, mais on ne peut plus en rester là. Le rêve né en France autour de 1789 atteint sous nos yeux ses limites. L'individu est une limite, une triste et terrible limite qu'il nous faut dépasser. L'individu n'a pas, ne peut plus, ne doit en aucune manière avoir tous les droits que lui reconnaissent, pour le plus grand profit des marchands, la publicité et la propagande. Lesquelles ne sont en réalité — qui peut encore l'ignorer ? — qu'un seul et même mot.

Nous devons, dès qu'il sera possible, travailler ensemble à une Déclaration universelle des devoirs de l'homme. Car l'homme a désormais la responsabilité de protéger et de sauver ce qui peut l'être encore. Les plantes et les arbres. Les singes et les colibris. Les fleuves et les pierres. Le vent et les abysses. Les étoiles et les saisons. Sans oublier lui-même. Sans nous oublier nous-mêmes.

C'est peut-être difficile. C'est sûrement moins prometteur, pour les divas de la télé et les margoulins de la presse officielle, que de clamer combien le monde est beau et comme il continue d'aller de l'avant. Mais je m'imagine pas d'autre chemin. Or donc, suivez-moi dans le dédale, et nous tenterons ensemble de ne pas perdre notre fil d'Ariane. Je vous promets de vraies informations. De la dérision et du rire. De la polémique. Et peut-être un peu d'espoir.

1. fabrice-nicolino.com

LA CARTE POSTALE DE MATHIEU MADENIAN

Cher Charlie,

C'est quoi ce bordel, sérieux ? T'as vu comment ils parlent de toi ? Tu trouves pas ça bizarre ? Attends, j'ai été super-touché par l'émotion de toutes ces personnes que j'ai croisées cette semaine. Mais moi, quand Charb m'avait proposé d'écrire dans *Charlie*, il me donnait la possibilité de rejoindre un réseau de résistance, un rassemblement improbable de dessinateurs érotomanes, d'économistes altermondialistes et de bouffeurs de currys réunis autour de l'envie de se marrer, de dénoncer, et surtout soudés par le plaisir de déplaire.

Et on n'était pas beaucoup à te lire. Quand je t'achetais, je me sentais unique. Un peu comme le mec qui kiffe une série US que peu de gens connaissent. Tout le monde regarde *Plus belle la vie*, et toi tu télécharges *The Wire*.

Et, *Charlie*, t'aurais presque réussi ton coup. Ben oui, il y a quelques semaines, t'as même failli disparaître. Si ça, c'est pas un signe de bonne santé ! J'étais tellement fier de toi.

Et là, badaboum... 3 millions d'exemplaires, rupture de stock dans les kiosques.

Mais tu te fous de ma gueule ? C'est quoi, le but ? *Charlie*, t'es devant *Télé 7 jours* ! Quelle honte... Même ma sœur t'a acheté aujourd'hui. Putain, elle est abonnée à *Closer*, ma sœur !

Et tous ces gens qui disent « Je suis Charlie ». Alors je te le dis, moi, je suis Mathieu, et je vais t'attaquer pour tromperie sur la marchandise et foutage de gueule.

Comment je vais faire pour me la péter maintenant devant les connards en soirée ?

Connard (condescendant) : Tu lis quoi, toi ?

Moi (encore plus condescendant) : Moi ? *Charlie*.

Connard (la main sur mon épaule) : Ah oui, mais, tu sais, on est tous *Charlie*.

Moi : Non ! Toi, t'es juste un connard de soirée.

Hollande est *Charlie*, Valls est *Charlie*, Sarkozy est *Charlie*, Marine Le Pen pleurniche pour être *Charlie*. Les

PSG est *Charlie*, la SNCF est *Charlie*. Même Arnold Schwarzenegger se dit *Charlie*. Le mec d'*Expendables* ! Non, mais, n'importe quoi ! Et pourquoi pas... Euh non, j'ai pas pire comme exemple en fait.

Et je fais quoi maintenant, moi ? Je vais dire « Je suis pas *Charlie* » ? Mais il y en a déjà plein qui font ça...

Alors je sais, tu vas me rassurer : « T'inquiète pas, Mathieu, dans quelques semaines tout sera rentré dans l'ordre. Les ventes retomberont, les affiches sur les murs disparaîtront, les gens se détestent à nouveau, les politiques nous chieront sur la gueule devant les tribunaux comme avant, et tu pourras enfin te sentir unique. »

J'espère, *Charlie*, j'espère vraiment. Sinon, cela voudrait dire que ce sont eux, les terroristes, qui auront gagné. Vivement la semaine prochaine... Peace.

Mathieu

14 janvier 2015 / CHARLIE HEBDO N° 1178 / 7

9 CHARLIE HEBDO N° 1178 / 14 janvier 2015

DÉBUT DE CORTÈGE

QUELQUES CROQUIS DE LA MANIF DU 11 JANVIER, VU DERRIÈRE NOS "BACKSTAGES" par LUZ & COCO

ON AVAIT ENVIE QUE MUSTAPHA SOIT PARMI NOUS POUR CORRIGER JUSTE DANS UN MAUVAIS REVE LACANEN... ON A QUAND MÊME ANONYMES, LES LECTEURS, LES FIDÈLES, LES INFIDÈLES, CEUX ON VOUS A VUS PAR DIZAINES, PUIS CERTAINES, MILLIERS ET MILLIONS

DIMANCHE PLUS DE MONDE POUR

LA CONTRE-MANIF LE PÉVISTE

11 JANVIER 2015 CHARLIE » QUE POUR LA MESSE

MONDE VU DE LA TERRE... LE MONDE VU DE LA TERRE... LE MONDE

MONDE MUSULMAN

L'ATTENTAT VU D'AILLEURS

Blogs, tweets, édits, depuis l'attentat, «Charlie» nourrit des rafales de commentaires sur le Net.

Sombre septembre 2012. L'annonce du film *Innocence of Muslims* ainsi que les caricatures du Prophète de *Charlie Hebdo* embrasent l'Afghanistan. Je termine alors le feuilleton estival de *Charlie*, une série dont chaque article s'amorce par ce truculent slogan : «*Tout été, Charlie vous emmène bronzer en pays taliban.*» Puisque je suis estampillée «*Charlie Hebdo*» à Kaboul, le consulat s'inquiète de ma sécurité. Je décide donc de filer quelques jours à Dubaï.

Car une terrible protestation est en prévision. Les manifestants arborent par centaines la même pancarte, d'une violence inouïe : l'inscription «*Allah est grand*» encadrée d'un cœur rouge. «*Dieu est amour*» en quelque sorte : une objection plus qu'inattendue.

Aussi, les dizaines de milliers de commentaires à notre sujet qui affluent aujourd'hui à travers le monde, dans une mare trouble de croquis, tweets, édits et articles, nous dépassent complètement, tant ils prennent d'effroyables directions. Et inattendues, toujours.

Restons en terre talibane : la profusion de tweets de soutien à *Charlie* est renversante, et la «*une*» du quotidien afghan *Hafta* - *Sabah* titrait au lendemain de l'attaque : «*La liberté d'expression survit*», assorti d'un dessin sublime. Dans un pays où les assassinats de journalistes et de chiens d'infidèles sont toujours d'actualité. Si les talibans

du TTP (Mouvement des talibans du Pakistan) saluent la tuerie, ce n'est virtuellement pas le cas de l'ensemble du clan. Rivalité de barbus en cause ? Possiblement.

«ALLAH, LA LUMIÈRE DE NOS NUITS»

Une compétition géostratégique qui n'a pas empêché des tweets de Daech de saluer l'attaque (alors qu'ils ne peuvent pas se réclamer de sa conception), diffusant à profusion un photomontage qui rappelle les cartes postales kitsch des martyrs djihadistes : les visages de nos quatre défunts dessinateurs en vedette, qu'une lumière diaphane et éruptive auréole depuis un ciel noir. Un étonnant visuel baroque, légendé par ce court poème : «*Je donne mon être, ma famille, mon argent pour le prophète d'Allah. Il est la lumière de nos nuits.*»

Mais Daech n'a pas le monopole du bon mot. J'ai un faible pour le sentencieux édit du quotidien omanais *Al-Watan*, qui devise autour du proverbe «*Celui qui cuisine le poison y goûtera lui-même.*» Plus chic à lire que «*vous avez mérité votre branlée.*» Si les barbus versifient, ils ne sont pas les seuls à nous surprendre par leur singulier sens de la formule : l'éditorialiste Tony Barber, du *Financial Times*, a délicatement souligné jeudi que «*trop souvent l'irresponsabilité éditoriale a prévalu chez Charlie Hebdo*» et que nos dessinateurs avaient été «*simplement stupides.*»

Nigeria. Boko Haram massacre 16 villages.

Des mots bien durs dans de telles circonstances, alors qu'il est si facile d'être léger : sur Facebook, des dizaines d'utilisateurs saoudiens relaient ces lignes : «*Keep calm and say Allah Akbar*» surplombées d'un petit cœur — que l'on retrouve d'ailleurs sur la page Facebook «*Je ne suis pas Charlie*», créée jeudi 8 janvier et qui concentre plus de 24 000 «likes».

Ailleurs dans le monde musulman, quelques ravissements. Si les «unes» indonésiennes ont timidement relayé l'attaque dans ce pays où les lois antiblasphème ébranlent la presse, le *Jakarta Post* pointe l'effroi suscité par le drame, alors que son rédacteur en chef est poursuivi depuis décembre pour publication blasphématoire (un dessin de l'État islamique, c'est dire...). Un joli pied de nez au *chairman* du Conseil des ulemas indonésiens, qui s'inquiétait que les vagues d'émotion suite à la tuerie contribuent à «*envoyer un mauvais message sur l'islam*». De son côté, *Al-Masry Al-Youn*, quotidien égyptien indépendant, a proposé après la tuerie une série de cinq caricatures de *Charlie*. Sans épargner Mahomet, Al-Baghdadi ou Ben Laden. Elles sont encore en ligne aujourd'hui. Une hardiesse effarante dans le monde arabe ; à mille lieues d'Associated Press, du *Guardian* et de bien d'autres, qui floutent nos «unes», même lorsqu'elles ne sont pas le sujet principal de leur photo. Le cœur de l'image, le plus souvent, c'est un visage qui fait risette. Feu Charb.

Solène Chalvot

EN BREF

FRAGMENTS

Pulvérisée... Ainsi se retrouve la rédaction de *Charlie Hebdo* après l'odieux crime. Décimés à la kalachnikov, tous sont morts entiers. Quant à nous, les survivants, nous devons encore pendant longtemps ramasser les fragments et voir ce qu'on pourra en faire. Fragments de mémoire, pour que chacun reconstitue la scène qu'il n'a pas vue, qu'il n'aurait jamais voulu voir, et qu'elle ne quitte plus jamais notre mémoire individuelle et collective. Non, personne ne peut, ne veut oublier. Comment refouler l'absence ? Comment refouler, de nouveau, l'épée de Damoclès qui a longtemps pesé sur nous, qui s'est abattue, et qui pèse encore ? Ils sont morts, mais nous vivons, et nous mettrons longtemps, très longtemps à ramasser les fragments.

RECONSTITUTION

Qui était assis où ? Qui aurait survécu si... Quels étaient leurs derniers mots, dits par hasard et non prononcés pour l'adieu, car ils ne comptaient pas nous dire adieu ? Les questions les plus tragiques

mettent longtemps à trouver des réponses.

La première question, posée dès la matinée du mercredi 7 janvier : qui est mort, et qui a survécu ?

La plupart d'entre nous n'ont su que le soir. Nous avons passé des heures figés devant ce terrible chiffre de 12 morts à la télévision, et les noms tombaient, un à un, au fil des heures. Les noms des survivants aussi. Personne ne savait que l'on pouvait être à la fois dévasté de perdre les uns et euphorique d'avoir encore les autres. Nous, les survivants, nous savons à quel point la vie nous a choqués lorsque la mort nous a épargnés, mais nous avons fatalement perdu confiance en elle.

ALLAH AKBAR !

Les tueurs l'ont crié deux fois avant d'exécuter l'équipe. «*Dieu est le plus grand !*» Bah, non, du coup, s'il existait, tu penses bien qu'il n'aurait pas laissé ton insondable bêtise assassiner la brillante intelligence de Wolinski, Cabu, Honoré, Charb, Tignous, Bernard Maris, Elsa Cayat et Mustapha Ourrad. «*Allah Akbar !*» était le cri de guerre de Charb, son salut dans ses mails et SMS : «*Allah Akbar ! Tu crois que tu peux rendre ton papier d'ici demain ?*» Un jour, nous l'avions eue, cette discussion au journal, pour rire : «*Charb, arrête de gueuler ça, le jour où ils arriveront pour te buter, on ne saura pas si c'est une blague !*» Et c'est arrivé. On le savait, nous, à *Charlie*, que l'humour était quelque chose de très sérieux.

HÉRITAGE

La douleur sera longue, se renouvellera, s'étirera dans le temps... Mais nous mettrons longtemps, très longtemps, à découvrir et redécouvrir les trésors cachés et insoupçonnés de votre héritage. En attendant, vous nous laissez des ovations, alors que vous avez vécu conspués, vous êtes morts mal-aimés pour que nous soyons enfin compris. Grâce à vous, on a même eu un an d'affranchissement gratuit à La Poste ! Tout le monde veut nous aider, nous lire, s'abonner, nous offrir un café, un verre, un billet... Vous nous gâtez bien après votre mort, mais maintenant on le sait, on le craint : quand la dèche reviendra, elle reviendra sans vous.

Zineb El Rhazoui

L'Etat Islamique menace d'exciser quatre millions de femmes entre 14 et 46 ans.

— Pour ça aussi, nous allons faire appel à des volontaires étrangers...

MANIF : 50 CHEFS D'ÉTAT RÉUNIS À PARIS. CHARLIE MAÎTRE DU MONDE !

Une séance avec
ELSA CAYAT,
la psy de "Charlie"

J'ai rêvé que je tuais
Charlie Hebdo.

Je surgissais dans les locaux
du journal avec mon frangin
et on canardait tout le monde.

"Canarder" = canarder...
Vous êtes plutôt lecteur du
"Canard Enchaîné" ?

Je disais : on frète tout le monde
mais on épargne les femmes.

"Épargner" = "épargner"...
Votre maman l'a raconté à la
Cassie d'Épargne ?

J'ai pas tué la chienne. Y avait un
déb dans les bureaux. Un cocher
à poils longs et à grandes oreilles.

Et là, vous avez eu la vision
du sexe de votre mère,
n'est-ce pas ?

C'était une véritable boucherie.

"Boucher" = "rit"... Car vous
arrivez de sourire ?

Vous devriez coucher vos
cauchemars sur le papier.

C'est fait.

Ah, mais. Ben, vous dessinez
vraiment comme une merde.
C'est pas demain que vous
entrerez à "Charlie Hebdo",
je vous rassure.

LE BUSINESS DES OTAGES.

LE PRÉSIDENT HOLLANDE VIENT DE DÉCLARER
À LA TÉLÉ : « FACE AUX TERRORISTES IL FAUT
ÊTRE IMPLACABLE. NOUS REFUSONS DE
NÉGOCIER AVEC EUX, ET LA FRANCE NE
PAIERA PLUS AUCUNE RANÇON. »

PLUS AUCUNE RANÇON ? ! ET ALORS
COMMENT ON VA POUVOIR ACHETER
DES ARMES, DES QUATRE-QUATRE ET
SALARIER LES DJIHADIS ?

ET QU'EST-CE QU'ON VA FAIRE
DES OTAGES ? LES DÉTRUIRE
COMME DIT HOLLANDE,
NAEN DIN ZO BOROMO !

OTAGES
EN SOLDES

OTAGES
EN SOLDES

MOI J'EN PRENDS UN
POUR QU'IL M'APPRENNE
À FAIRE DES PIPES,
« KIF KIF, PUTAIN FRANÇAISE ! »

LA CAPACITÉ DE S'AIMER

Je veux parler de la difficulté que l'être humain rencontre à s'ouvrir aux questions que pose l'autre dans sa différence, à faire une place à cette différence et, à partir de ceci, à reconnaître qu'il n'en fait aucune à la sienne : ni à l'écart entre ce qu'il veut et ce qu'il fait, entre ses désirs et ses ratés ; ni à l'écart entre les réels qui causent ses peines et ses joies et ces réels mêmes. Il préfère nier les motifs qui se cachent derrière l'émotif, censurer l'émotion, de crainte d'être surpris en flagrant délit de manque de maîtrise.

Or cette attitude a une raison : la peur. La peur qu'à l'individu de retourner sur les chemins de son passé, de revisiter ses amours infantiles dans leur réalité, de voir vraiment où il était dans ses émotions anciennes qui, par moments, resurgissent à ses dépens. Ordinairement il préfère la nostalgie, qui est, en grec, étymologiquement, la souffrance du retour et que je traduirais par le choix de la souffrance en tant qu'elle figure à tort pour l'homme une preuve d'amour. Ce choix accule l'être très loin hors de lui, puisque c'est ce refus du retour, ce refus de penser à lui, qui le conduit à tenter vainement de trouver un refuge dans ce que le regard de l'autre dit de lui, et donc à ne plus être soi-même.

Le même recherché en amour ne peut, à la longue, que se déprécier dans l'insatisfaction, la souffrance et l'anxiété en ceci que la clé de ce que l'on est, la clé de son identité à laquelle l'autre est substitué, aucun autre ne l'a si ce n'est soi. [...] Comme le dit si bien Milan Kundera dans *L'Insoumission*, « En espagnol, *Ahoranza* vient du verbe *Ahorar* (avoir de la nostalgie) qui vient du catalan *Enyorar* dérivé du mot latin *Ignorare* (ignorer). Sous cet éclairage, la nostalgie apparaît comme la souffrance de l'ignorance ».

Abuser, c'est aliéner.

L'expérience montre qu'on a le choix : souffrir de l'ignorance pour entretenir la nostalgie d'un rêve d'amour originaire et absolu, ce qui contraint l'homme à ne jamais vivre l'amour (ses plaisirs et ses peines) quand il est là, là où il est, à n'être jamais dans le moment pour maintenir le fantasme de son tout. Ou bien on choisit de cesser d'ignorer et d'entamer l'amour de son rêve, ce qui est la seule condition pour que, dévêtu de ses oripeaux métaphysiques, l'amour, c'est-à-dire la relation à l'autre, se déleste de sa fatalité et devienne, avec soi, réalité.

[...] Ici la société et le sujet se rejoignent ; dans la recherche d'autorité dont on dépend, mais dont on connaît l'abus de pouvoir. Cette autorité, c'est autant celle du système social, politique, économique, que de l'autre, dont l'abus est au grand jour, mais dont on ne peut se passer. C'est le même mécanisme qui assaille l'individu, lui qui hésite, qui a peur d'être libre, de suivre son désir, de construire sa vie ; lui qui aime avoir la bénédiction d'une autorité, et ce faisant ressent l'humiliation que produit le besoin de demander la permission.

Droit et psychanalyse se rejoignent sur un point commun, car ce qui est au principe du droit — liberté, égalité, fraternité — est le but de la psychanalyse. Le droit d'un point de vue collectif et la psychanalyse d'un point de vue individuel ont pour fonction de limiter l'abus chez l'homme en le régulant. Car si la psychanalyse a découvert quelque chose de fondamental, à savoir que la souffrance humaine dérive de l'abus, cet abus, à son tour, dérive de la croyance, c'est-à-dire de tout ce que l'on a bu, de tout ce qu'on a cru. Abuser de l'autre n'est pas une marque de toute-puissance perverse, abuser est une marque d'aliénation, et être abusé par l'autre également. Or, pour sortir de ces rapports de domination et découvrir un rapport positif à l'autre, ouvert, non fondé sur la négation de soi et donc de l'autre, il n'y a pas d'autre moyen que de se défaire de toutes les illusions avec lesquelles nous avons été préconçus.

LUZ & SARAH CONSTANTIN

CULTURE

À PART TATI...

Je ne connaîtraï jamais le visage, ou plutôt la mine, sans doute déconcertée puis amusée, qu'aurait faite Cabu si on lui avait appris qu'un jour de janvier 2015, le 9 par exemple, Arnold Schwarzenegger aurait, sur son compte Twitter, enjoint tous les Américains à s'abonner à *Charlie Hebdo*. Une hypothèse économique un peu farfelue de Bernard Maris, un canular de Charb, une nouvelle idée de timbre émise par Tignous ou un cauchemar inédit de Trenet envoyé depuis les nuages. Et puis, Twitter, n'aurait-il sans doute demandé en relevant la tête ébouriffée de son dessin, qu'est-ce que c'est ? Une nouvelle marque de feutre ? Le nom d'une gigue pratiquée dans une contrée reculée ? Conan le Barbare s'abonnant à *Charlie*, c'est comme Ribéry commandant l'intégrale de la *Pléiade* ou Akhenaton arborant une pancarte « Je suis *Charlie* », une possibilité d'après l'Apocalypse et la (vraie) fin du monde. Car, pour Cabu, le cinéma, c'était Tati. Mon oncle. Et puis Hulot. Avant que je le connaisse vraiment et que je découvre son travail, Cabu incarnait pour moi l'homme qui avait connu un loup que j'admirais, Jacques Tati. Mieux même, il l'avait côtoyé de près, puisque c'est lui qui, en 1967, avait illustré ce qu'on appelait le programme de présentation de son film *Playtime*. Un dossier de presse, en somme, que le réalisateur de *Trafic* avait confié à un dessinateur de 29 ans qui, si Hulot n'avait pas déjà existé, l'aurait sans doute créé, jumeau à pipe du Grand Duduche, grand cousin en imper beige, éternel étonné devant l'étrange marche des choses.

« Nous n'avons pas besoin d'acrobates », déclare un chef de service à monsieur Hulot dans *Mon oncle*. Dans *Tati-World*, Hulot le candide fait tache, invente des trajectoires inédites, teste des éléments de décor dont il révèle le ridicule, sort sans cesse des clous. Comme Cabu. Hulot, c'est l'homme qui contrarie les flux, les perturbe et fait semblant de s'intégrer

au monde tapageur et un peu ridicule de la modernité. Comme Cabu. Dans *Mon oncle*, l'entreprise Plastac ne réussit pas à digérer Hulot, autrement dit à l'automatiser. Comme Cabu, on le croit ici, il est déjà ailleurs. Dans *Jour de fête*, déjà, le facteur François découvre, bouche bée, l'incroyable rendement de la poste américaine : contre la flânerie et l'art du détour, la vitesse et la rentabilité. Pour Tati, comme pour Cabu, l'Amérique était sans doute notre film d'anticipation, fascinant et effrayant, et son illusion productiviste, le mirage qui nous étourdissait. Rentabilité, mécanisme, efficacité, cours de la Bourse, matérialisme tous azimuts, et des individus confortant le (faux) confort de surface et l'aliénation. À part Tati, Cabu adorait *Soleil vert*. Ceci explique cela. L'un et l'autre n'ont pas seulement imaginé la satire géniale de notre présent, ils ont aussi montré la disparition d'un monde dont on a oublié qu'il n'était plus.

CABU LE BARBARE

Je ne saurais donc jamais comment Cabu aurait réagi au soutien massif de Terminator, mais je sais le regard qu'il lançait toujours à ceux qui semblaient sûrs d'eux, inflexibles, pétris de certitudes. Ceux qui possédaient les clés d'un monde dont lui ne cessait de traquer l'absurdité. Et la drôlerie. L'esprit de Cabu était ouvert, incroyablement disponible, toujours prêt à s'enthousiasmer devant ces petites preuves que le monde, quoi qu'on en pense, ne tourne et ne tournera jamais rond. Comme Hulot, il ne se sentait pas sujet de grand-chose, sinon de cette famille immense qui malheureusement s'ignore. Celle des petites gens, c'est-à-dire nous tous, mais vue depuis les cimes de la modestie.

Jean-Baptiste Thoret

CINÉ

FRANCESCO ROSI
CADAVRE EXQUIS

Le réalisateur de *Main basse sur la ville* et de *L'affaire Mattei* vient de s'éteindre. Il avait 92 ans. Et 17 films au compteur. Évoquez Francesco Rosi, et ce sont les années soixante et soixante-dix qui reviennent, une poignée de films éblouissants, *Salvatore Giuliano*, *L'affaire Mattei*, *I Magliari* ou le génial *Lucky Luciano*, autant de radiographies minutieuses de l'envers du boom économique de l'Italie glorieuse et des couloirs opaques d'une Histoire pleine de secrets, de chaussetrappes et de cadavres exquis.

À quelques exceptions près (*La Belle et le Cavalier* ou *Carmen* en 1984), le cinéma de Rosi a incarné presque à lui seul ce que l'on pourrait appeler, faute de mieux, le cinéma politique. Non pas le cinéma engagé ou militant, et toutes ces fictions de gauche dont Petri, Damiani, Sollima ou Squitieri furent les meilleurs représentants, mais un cinéma d'anthèses, qui préférait exposer les problèmes, les envisager sous toutes leurs coutures, les déplier jusqu'à leur point maximal de complexité et, par conséquent, d'honnêteté.

COMMENT ÇA MARCHE ?

On n'attend pas d'un film de Rosi qu'il nous assène une vérité immuable, qu'il résolve une affaire que des dizaines de juges et de journalistes n'avaient pas réussi à dénouer, mais qu'il mette au jour des rapports entre les hommes et les structures de pouvoir, légales et/ou mafieuses. À la fin de *Salvatore Giuliano*, on ne saura pas qui a tué le bandit de Montelepre en 1950 ni l'identité de celui qui a ordonné le massacre de Portella della Ginestra le 1^{er} mai 1947, mais on aura mieux saisi ce fragment d'histoire sicilienne et les rapports

alambiqués entre la mafia, les fascistes et le pouvoir institutionnel. Même chose au terme de *L'affaire Mattei*, film-dossier qui retrace le parcours du célèbre roi italien de l'industrie pétrochimique, aucune révélation tapageuse, mais une autopsie glaçante des conditions de possibilité du personnage, de son évolution et de son assassinat.

Distance, froideur et étrangeté, les films de Rosi traquent la vérité mais se refusent toujours de conclure. C'est au spectateur qu'il revient de poursuivre le travail d'enquête, de se débrouiller en conscience avec les pièces que lui aura fournies le film. Car, pour Rosi, la vérité, si elle existe, ne constitue pas une fin en soi. « La vérité n'est pas toujours révolutionnaire ! » déclare l'un des personnages de *Cadavres exquis* en écho rectifié à la célèbre sentence de Lénine (« La vérité est toujours révolutionnaire »). Tel apparaissait le manifeste rosien : la vérité compte moins que les mécanismes qui y conduisent. Dans les films de Rosi, on passe donc beaucoup de temps à regarder, à revoir des documents, à scruter des photos, à détailler des visages, à repérer des lieux. Ces films nous apprennent à regarder le monde tel qu'il est et non pas tel que l'on voudrait qu'il soit. Et tant pis si ce monde apparaît finalement indéchiffrable. En 2007, nous avions rencontré Rosi, à l'occasion d'une rétrospective que lui consacrait le festival Paris Cinéma. « Je crois à la démocratie, disait-il, en même temps, je crois que c'est très difficile de l'imposer, surtout aujourd'hui, compte tenu de la crise politique dans laquelle le monde baigne. Mais la pensée est la démocratie. Penser, raisonner, tenter de comprendre, constituent les grands actes d'affirmation de la démocratie. »

J.-B. T.

DANS LE JACUZZI DES ONDES

PHILIPPE LANÇON

DES PALOMETAS DANS LE JACUZZI

C'est toujours une expérience d'errer à l'autre bout du monde, dans un endroit que brusquement « l'actualité » éclaire d'un jour insolite : l'événement vous rend important, même si celui que vous vivez n'est jamais tout à fait celui qu'on vous raconte. Pour rendre intéressants ces insectes bizarres et lointains que sont les autres, on en fait généralement des héros, des victimes, des bourreaux, des témoins. Vous êtes par hasard dans l'un de ces endroits dont chacun parle pour une minute ou pour trois jours : vous voilà rangé malgré vous, par le grand miroir déformant planétaire et l'universel bavardage, dans l'une de ces catégories.

J'étais à Rosario, en Argentine, le 26 décembre, jour où une soixantaine de baigneurs furent attaqués par des poissons carnivores le long de la plage dite de la Rambla Catalunya, à quelques kilomètres du centre-ville. Dans les journaux télévisés français ou américains, on parle alors de « milliers » de baigneurs. On doit confondre avec les plages atlantiques de Mar del Plata, surpeuplées en cette période caniculaire. Ici, il n'y a que quelques centaines de baigneurs, généralement pauvres. Les autres ont quitté la ville ou se baignent dans des piscines à l'eau non polluée.

Les journaux occidentaux parlent d'une attaque de « piranhas », car ce sont les piranhas que leur public connaît : leurs muscles carnivoires et leurs petites dents aiguës sont, grâce à Tintin, James Bond et aux films amazoniens du commandant Cousteau, internationalement réputées. On montre avec un dégoût ravi la philologie dévorée d'une fillette, les blessures d'un garçon, toutes sortes de pansements sur les plaies du vert paradis du glamour enfantin.

PIRANNA COMESTIBLE

Cependant, dans cette partie de l'Amérique latine, la variante du célèbre poisson amazonien est appelée palometa. Elle est nettement moins dangereuse que lui : des attaques comme celles du 26 sont extrêmement rares et mal expliquées. La palometa est par ailleurs comestible lorsqu'elle est assez grande pour qu'on puisse en trier les arêtes. C'est un peu comme avec les hommes : il faudrait pouvoir les agrandir dès qu'on les croise, les faire plus grands qu'ils ne sont, pour bien voir les défauts et les vices qu'on n'avalera pas et qui finiront par nous étouffer. Mais le cœur a si faim qu'il mangerait tout ce qu'il veut.

Le rio Paraná descend des plateaux brésiliens. C'est le troisième bassin fluvial du monde, après l'Amazonie et le Mississippi. Quand il arrive à Rosario, sa largeur est de 70 kilomètres. L'autre rive est comme un autre monde. Mais ce n'est pas à proprement parler une rive située de l'autre côté de l'eau : entre elle et Rosario, il y a des îles, des centaines d'îles, qui constituent en réalité un delta. On s'y perd en bateau, comme dans le cœur d'une femme ou d'un homme qu'on aime et qui vous échappe.

C'est très beau et tout à fait mystérieux. Un bras du fleuve distribue plusieurs canaux, qui vont s'aminçant entre saules et nénuphars, pour finir en lagune ou en cul-de-sac — ou pour déboucher, soudain, sur un autre bras du fleuve tout aussi large. C'est le jardin aquatique aux sentiers qui bifurquent.

La palometa appartient à la faune locale, même si elle est plus abondante en amont. Longtemps, elle a été le plat favori de deux animaux : la grue et le yacaré. L'une s'est raréfiée, l'autre a disparu. La grue n'apprécie pas, semble-t-il, l'apparition des vaches sur les îles. On les a mises à paître ici et là parce que l'herbe est abondante et qu'elle ne coûte rien. Parfois, une inondation les emporte. Le yacaré (prononcez : chacaré) est un calman de couleur sombre, dont la chair et la peau étaient particulièrement appréciées. On l'a beaucoup et trop chassé. En l'absence de ces prédateurs, il semblerait que les palometas aient proliféré. Pourquoi, au lendemain de Noël, sont-elles devenues agressives ? Peut-être ont-elles craint de finir en pendentif sur les sapins de Noël, artificiels à Rosario. Peut-être étaient-elles, comme les habitants, exaspérées par la chaleur et les coupures de courant. Il n'y a pourtant pas l'électricité sous l'eau, même tiède. Ou peut-être simplement avaient-elles faim — mais de quoi ?

Ce texte est paru dans *Charlie Hebdo* n° 1125 du 8 janvier 2014.

AUTRE CHOSE

Toute l'histoire de la Belgique en 200 pages de dessin politiques, de 1830 à nos jours. *Beau livre*. Zonder Worden? (sans paroles?) par Van Damme & Van de Kerke (et Falcimons, Hainaut, Belgique). Avec évidemment plein de dessins en français, comme ceci, de 1933.

Il y a un Walon résistant, en espionne la cloche. (L'Autre Colombe, 1933)

Quinquième livre de Berth : Ça sent mauvais (ed. Jack is on the Road). Dessins & Strips surtout parus dans *Zelium*. Les forces de l'ordre vont apprécier.

À l'occasion de l'exposition au Musée du quai Branly : livre somptueux : *Hey! Tatoué* (ed. ANKA) sur l'histoire du tatouage, de l'océanie, phénomènes de toire, bagues, soldats aux jeunes gens à la mode. Mais après 200 pages de lecture je ne me suis toujours pas laissé convaincre de me faire.

Illustrer mon beau corps : Winkluss, fait dans

Jimjilbang de Jérôme Dubois (ed. Cornélius). Le titre veut dire « sauna en coréen ». Le livre frère spleen raconte un séjour qui ne donne pas très envie de visiter la Corée, mais se lit bien.

Re-édition

Plusieurs styles, plusieurs genres, pour le reconnaître : facile si un dessin vous fait rire? C'est probablement un *Winkluss*. Un Monde Merveilleux, requins marécageux, recueils toutes-voies.

Quand Melvin Van Pebbles n'était pas encore cinéaste, il écrivait des textes dans *Hora-Kira* début '80s, ed. Wombot en publiant un recueil : *Le chaos du XIV^e*, illustré par Topor pas tout à fait à son hauteur.

Dout un dossier : Pierre et Gilles dans *Hey! n°20* aussi la dingue Amandine Urruty.

Mais surtout des photos fin 19^{me} des artistes oubliés dans leurs ateliers pompeux. Les gens se voient se mettre en valeur, un peu de tigre au sol, un palmier dans un pot dans le coin, posant devant des œuvres lourdement encadrées, en voilà du style!

enrichie de l'encyclopédie devenue mythique de Francis Maïsse : la nouvelle encyclopédie de Maïsse, tome 1 : a-m (Glenat). Dessins et bandes dessinées des années '70 à aujourd'hui, d'Auriculothérapie à Lycanthropie, un livre qui rend superflue la moitié

La nouvelle encyclopédie de Francis Maïsse, tome 1 : a-m (Glenat). Dessins et bandes dessinées des années '70 à aujourd'hui, d'Auriculothérapie à Lycanthropie, un livre qui rend superflue la moitié

La nouvelle encyclopédie de Francis Maïsse, tome 1 : a-m (Glenat). Dessins et bandes dessinées des années '70 à aujourd'hui, d'Auriculothérapie à Lycanthropie, un livre qui rend superflue la moitié

La nouvelle encyclopédie de Francis Maïsse, tome 1 : a-m (Glenat). Dessins et bandes dessinées des années '70 à aujourd'hui, d'Auriculothérapie à Lycanthropie, un livre qui rend superflue la moitié

La nouvelle encyclopédie de Francis Maïsse, tome 1 : a-m (Glenat). Dessins et bandes dessinées des années '70 à aujourd'hui, d'Auriculothérapie à Lycanthropie, un livre qui rend superflue la moitié

CHARLIE SHOPPING

IEGOR GRAN

MIROIR ASTRAL

— Allô, Charb ?
— Ah, c'est toi, tovaritch ?
— Excuse-moi de te déranger, tu dois être très occupé en ce moment avec ce qui s'est passé mercredi dernier... Comment tu te sens ?
— Même pas mal, finalement. Sur le coup, j'ai été surpris : ces types en noir, très baraqués, qui crient mon nom dans tous les sens, puis on reçoit les balles, on reste sommé par terre, on comprend dans l'instant que c'est grave, mais on n'est pas inquiet, c'est étrange. Il y a comme une grande sérénité. Tu vas rire : la première pensée que j'ai eue, c'était pour mes lunettes. J'ai même tenté de les ramasser quand je me suis aperçu que je ne pouvais plus bouger. Ça s'est éteint autour de moi. Puis ça s'est rallumé.

— Où es-tu exactement ?
— C'est difficile à expliquer, les mots ne suffisent pas. Disons que je suis partout et nulle part. Je sais, ça fait un peu dindon mystique, mais ce n'est pas désagréable, au fond.

— Tu me vois ?
— Mieux que ça, je te sens, tovaritch. Je sais qu'en ce moment tu hésites entre larmes et colère, dans une sorte de pensée orageuse, chargée en mauvais protons. Ce qui ne t'empêche nullement d'avoir une érection.

— Oups, désolé, ça ne se commande pas.
— Je sais. Quand on a trop maté Samantha Fox dans sa jeunesse, forcément, ça fait des lésions. Mon conseil : profite-en bien, tant que ça bouge. Car je ne te cache pas que tu rentres dans un âge difficile pour la prostate. La colère, en revanche, je ne comprends pas. Je te pensais plus philosophe.

— Que peut faire la philosophie face à tant de médiocrité ? Les guignols ne connaissent même pas notre adresse, ils ont commencé par entrer chez le voisin. Et pourquoi mettre une cacagoule, si on laisse sa carte d'identité dans la voiture ? C'est rageant de se faire buter par des minables.

— Je sens de l'algèbre. Ça, pas bon. Dis-toi que le combat éternel, le seul qui vaille, n'est pas celui du bien contre le mal, c'est celui de la finesse contre la connerie. Il est donc normal, à notre niveau, de charrier du coin toute la journée — telle est notre brouette de Sisyphe, jusqu'au dernier soupir. Il faut bien que quelqu'un le fasse. Sois-en fier : la merde est un matériau noble. Mais pas trop fier quand même, hein.

— J'ai une angoisse, tout à coup, Charb. J'ai peur que l'énorme vague de sympathie qui s'est levée partout pour nous soutenir, nous, les rescapés, ne retombe par terre comme une crêpe mal lancée, et que l'on revienne à la douce et lente agonie de l'indifférence.

— Laisse-moi jeter un coup d'œil dans le miroir astral que j'ai sous la main... Tu as raison, c'est exactement ce qui va se passer. Déjà, on dit « attentat » là où il faudrait parler de « massacre ». On atténue. Puis on évacue. Des faits divers croustillants vont remplacer Charlie dans les conversations. Je vois Nabilla. Julie Gayet. Un scandale financier. Une crise sanitaire. Virginie Boxx. Ainsi marche le monde : le saltimbanque assassiné ne fait pas son poids de gravité.

— Attends, Charb, tu m'inquiètes, qui est cette Virginie Boxx?... Une bimbo ? Une porno ? Une philosophie dévergondée ?

— Elle n'est pas encore connue. Même sur Internet. Mais dans quelques années... Adieu, je laisse saliver tes neurones.

LES PUCES

LUCE LAPIN

SENS DESSUS DESSOUS

Méti-méti. Tout s'emmêle et s'entremêle, le tout est quelque peu chaotique. Des « Pucés » un peu banales.

« Les animaux n'auraient jamais fait ça », m'a dit Patrick Pelloux, ce 7 janvier. Nous sommes quelques rescapés, dont la cocker golden Lila (voir « À pas de chien », page 5). Beaucoup de pensées, en permanence, pour les victimes et pour les blessés, d'espoir pour Simon, notre webmaster. Reviens vite me taquiner!

Chamanou la tigrée, adoptée et adorée par Bernard Maris, a été recueillie par la famille. Et Hamlet, le malicieux matou rouquin que Honoré avait sorti de la rue, est lui aussi resté dans le cercle familial. À Charlie, on n'abandonne pas les animaux quand l'un de nous disparaît... Nombreux dessins sur les animaux de Cabu, Charb, Honoré, Tignous, Wolinski sur la page d'accueil du CRAC Europe pour la protection de l'enfance (anticorrida.com).

Nous, on laisse toujours une chance au taureau...

Depuis 2012, le foie gras est interdit en Californie. C'est évidemment grâce à mes chroniques contre le gavage que Arnold Schwarzenegger s'est abonné (sic) à Charlie Hebdo...

Vos manifs sur luce-lapin-et-copains.com, notamment celle de samedi 31 janvier contre la Ferme des 1000 vœux. Ce sera à La Courtine (Creuse). Organisée par l'OEDA. Oui à l'étourdissement dans les abattoirs — plus d'infos sur collectif-oeda.fr

Ce n'était pas prémédité, surtout en ces circonstances: « Luce Lapin, chronique anticorrida, antichasse, anticirques avec animaux et tout le reste. Monsieur le Président », me suis-je ainsi présentée à François Hollande venu nous rendre visite à l'Hôtel-Dieu. Puis, plus tard, à Manuel Valls, en lui souriant: « On n'est pas d'accord pour les taureaux. » Il y a des choses plus graves. « C'est un ensemble... » Je le trouve sympathique, j'ai presque envie de l'aimer. Malheureusement, entre nous, ça va pas être possible.

Quand on écrit, même quand on est « un pro », on n'a pas ce recul nécessaire à la bonne pratique de la correction. Alors, nous aussi, on se fait corriger. Mustapha lisait donc mon texte. Un moment particulier. J'attendais son « il n'y a rien, mais je vais te chipoter un peu », sinon j'étais déçue. Un superchipoteur! C'était l'occasion de discussions sur la langue française, qui nous passionnait, sur notre métier, méconnu et souvent peu reconnu, ce qui nous attristait. On éprouvait beaucoup de considération l'un envers l'autre. À travers ma chronique, on parlait aussi des animaux, et des maltraitances qu'ils subissaient. Mustapha était très discret, réservé, et tout autant érudit. Difficile de raconter avec justesse toutes les richesses qu'il avait en lui, c'était « avant »...

Mille amercis aux tétoteurs, associations, amis, etc., pour votre réconfort, à Libération pour son accueil et pour sa délicatesse — un plat végétal tout spécialement pour moi.

Cette chronique est signée « Laping de Garenne », comme m'appelaient, avé l'assent, le Toulousain Bernard Maris, alias Oncle Bernard.

JE M'INQUIÈTE

Cette interview de Charb avait été publiée sur le site du Théâtre du Rond-Point, ventscontraires.net, le 11 septembre 2011, alors que le théâtre était assiégé par les intégristes catholiques, qui voulaient interrompre les représentations du spectacle *Golgota Picnic*, de Rodrigo Garcia. La rencontre avec Charb avait eu lieu juste après l'incendie de nos bureaux.

On s'inquiète de voir les musulmans modérés ne pas réagir. Il n'y a pas de musulmans modérés en France, il n'y a pas de musulmans du tout, il y a des gens qui sont de culture musulmane, qui respectent le ramadan comme moi je peux faire Noël et bouffer de la dinde chez mes parents, mais ils n'ont pas à s'engager plus que ça contre l'islam radical en tant que musulmans modérés, puisqu'ils ne sont pas musulmans modérés, ils sont citoyens. Et en tant que citoyens, oui, ils agissent, ils achètent Charlie Hebdo, ils manifestent à nos côtés, ils votent contre des gros cons de droite. Ce qui me fait chier, c'est qu'on les interpelle toujours en tant que musulmans modérés, il n'y en a pas de musulmans modérés. C'est comme si on me disait à moi: « Régis en tant que catholique modéré. » Je ne suis pas catholique modéré, même si je suis baptisé. Je ne suis pas catholique du tout.

CHARLIE HEBDO LES COUVERTURES AUXQUELLES VOUS AVEZ ÉCHAPPÉ

Anexo L³⁸: Notícia sobre o atentado terrorista de 7 de janeiro de 2015.

19/07/2017

« Charlie Hebdo » visé par une attaque terroriste, deuil national décrété

« Charlie Hebdo » visé par une attaque terroriste, deuil national décrété

Après l'attaque terroriste qui a coûté la vie à 12 personnes, sept personnes ont été mises en garde à vue mercredi soir, a indiqué le parquet.

Le Monde.fr avec AFP et Reuters | 07.01.2015 à 12h03 • Mis à jour le 23.03.2016 à 18h05

Abonnez vous à partir de 1 € AjouterPartager (30 169)Twitter

La rédaction du journal satirique *Charlie Hebdo* a été la cible d'un attentat, mercredi 7 janvier en fin de matinée à [Paris](#), qui a fait douze morts. Un avis de recherche a été lancé en début de nuit contre trois suspects.

Le plus jeune homme recherché, âgé de 18 ans, s'est rendu dans la nuit au commissariat de Charleville-Mézières, dans les Ardennes. Une source policière, contactée par *Le Monde* a affirmé qu'« aucune charge » n'avait été retenue pour l'heure contre lui, et que « dans son cas, il ne s'agit que de simples vérifications. » Le jeune homme, qui est de la même [famille](#) que les deux principaux suspects, a tout de même été placé en garde à vue.

La [police](#) a concentré ses recherches sur Chérif Kouachi et Saïd Kouachi, deux frères âgés de 32 et 34 ans, identifiés grâce à une carte d'identité laissée dans l'une des [voitures](#) ayant servi à leur fuite. Le premier, Chérif Kouachi, [avait été condamné en 2008](#) pour [avoir](#) participé à une filière d'envoi de combattants en [Irak](#), la filière dite des « Buttes Chaumont ». « Toute personne détenant des informations » sur les suspects est invitée à [joindre](#) le numéro vert 0805 02 17 17, précise la préfecture de Paris.

JOURNAL CHARLIE HEBDO SAUVEZ-LE !

Chérif KOUACHI
né le 29/11/1982

Saïd KOUACHI
né le 07/09/1980

Selon les sources policières contactées par *Le Monde*, des perquisitions avaient été menées

http://www.lemonde.fr/societe/article/2015/01/07/attaque-au-siege-de-charlie-hebdo_4550630_3224.html

1/6

³⁸ CHARLIE Hebdo visé par une attaque terroriste, deuil national décrété. Le Monde. 2015. Disponível em: http://www.lemonde.fr/societe/article/2015/01/07/attaque-au-siege-de-charlie-hebdo_4550630_3224.html. Acesso em: 19 jul. 2017.

19/07/2017

« Charlie Hebdo » visé par une attaque terroriste, deuil national décrété

mercredi en début de soirée à Charleville-Mézières. Une opération de police a également eu lieu à [Reims](#) vers 23 heures. Sept membres de l'entourage des auteurs présumés de l'attaque ont été mis en garde à vue mercredi soir, a indiqué le parquet jeudi 8 janvier au matin.

▪ **12 morts, 11 blessés, dont 4 grièvement**

L'attaque a décimé la rédaction de *Charlie Hebdo*. Parmi les morts figurent de nombreux journalistes, dont les dessinateurs [Charb](#), [Cabu](#), [Wolinski](#), [Tignous](#), [Honoré](#), Elsa Cayat, Mustapha Ourad ainsi que [Bernard Maris](#), chroniqueur pour *Charlie Hebdo* et [France Inter](#).

Un agent d'entretien de l'immeuble, Frédéric Boisseau, 42 ans, collaborateur de Sodexo, et un invité de la rédaction, Michel Renaud, ont également péri dans l'attaque. Selon le procureur, deux policiers clôturent ce macabre bilan. L'un, le brigadier Franck Brinsolaro, du Service de la protection (SDLP, ex-SPHP) était chargé de la sécurité de Charb, selon des sources syndicales policières. L'autre, Ahmed Merabet, a été tué à l'extérieur, alors que les assaillants prenaient la fuite.

Il s'agit de l'attentat le plus meurtrier en France depuis celui de l'Organisation [armée](#) secrète (OAS) contre un train [Strasbourg](#)-Paris, [qui avait fait 28 morts en 1961](#), durant la guerre d'[Algérie](#).

Le procureur de Paris, François Molins, a également annoncé que onze personnes avaient été blessées, dont quatre grièvement, parmi lesquelles le journaliste Philippe Lançon et deux policiers. Selon les informations du *Monde*, Philippe Lançon, critique littéraire à *Libération* et chroniqueur régulier de *Charlie*, a été grièvement blessé au bas du visage par une balle. Il a été opéré à la Pitié-Salpêtrière, et ses jours ne sont pas en danger.

• **Deux individus qui « se revendiquaient d'[Al-Qaida](#) »**

Le procureur Molins a livré dans la soirée un premier récit des événements. Au moins deux hommes cagoulés et vêtus de noir se sont introduits vers 11 h 30 dans les locaux de *Charlie Hebdo* après s'[être](#) d'abord trompés d'adresse, croyant [trouver](#) la rédaction au numéro 6 de la rue Nicolas-Appert.

Armés de kalachnikovs, ils ont tiré sur une personne qui se trouvait à l'accueil, avant de [monter](#) à l'étage pour [atteindre](#) la rédaction de *Charlie Hebdo*. Les journalistes étaient alors en pleine conférence de rédaction hebdomadaire. Les assaillants ont commencé à [tirer](#) sur les dessinateurs et journalistes, [comme l'a relaté](#) Coco, dessinatrice au journal, qui a précisé que les hommes « *parlaient parfaitement le français* » et « *se revendiquaient d'[Al-Qaida](#)* ».

*« Les attaquants étaient renseignés et savaient qu'il y avait, le mercredi à 10 heures, la réunion de rédaction hebdomadaire. Sinon, le reste de la semaine, il n'y pas grand [monde](#) dans les locaux », explique une journaliste de *Charlie Hebdo* jointe par *Le Monde*, qui n'était pas sur place pendant l'attaque.*

Les assaillants sont ensuite sortis de l'immeuble. Une vidéo prise par un journaliste de l'agence Premières Lignes montre que les hommes ont crié « *Allah Akbar* » (« Dieu est grand »), en continuant à tirer. Selon des témoins cités par des policiers, les agresseurs ont également crié : « *Nous avons*

19/07/2017

« Charlie Hebdo » visé par une attaque terroriste, deuil national décrété

vengé le Prophète. »

Les hommes sont montés à bord de leur véhicule, puis, dans leur fuite, ils ont visé une voiture de police. Sur cette [photo](#) que s'est procurée notre envoyée spéciale sur place, on peut [voir](#) les tireurs face à une [voiture](#) de police. Les hommes ont fait feu, les policiers ont répliqué puis reculé.

Deux autres policiers, qui étaient à vélo dans cette zone, ont tenté ensuite d'[intervenir](#) boulevard Richard-Lenoir. Ahmed Merabe, un policier du commissariat du 11^e arrondissement, âgé de 42 ans, est touché par un tir. Les deux assaillants l'ont ensuite froidement abattu, selon le procureur de la République de Paris.

19/07/2017

« Charlie Hebdo » visé par une attaque terroriste, deuil national décrété

• Fuite vers le nord de Paris

Les tueurs reprennent alors leur fuite, passant place du Colonel-Fabien, en direction de la porte de Pantin. Ils percutent un véhicule Volkswagen, blessant sa conductrice. Ils abandonnent alors leur voiture rue de Meaux, près du parc des Buttes-Chaumont, dans le 19^e arrondissement.

Ils braquent alors le conducteur d'une Clio, s'emparent de la voiture et prennent la fuite à bord de la Clio. On perd leur trace porte de Pantin. Depuis, la police a réussi à [identifier](#) les trois hommes et a lancé un avis de recherche. Le troisième s'est rendu dans un commissariat de Charleville-Mézières.

Une source policière a expliqué au *Monde* que « de très gros moyens sont mis en œuvre. On s'installe pour [tenir](#) dans la durée. Sont mobilisés les services de la DCPJ [direction centrale de la police judiciaire], de la PJPP [police judiciaire de la préfecture de police] et de la DGSJ [direction générale de la sécurité intérieure]. Au total, près de 3 000 policiers sont actuellement mobilisés ».

Une [enquête](#) a été ouverte pour assassinat, tentative d'assassinat, vol à main [armée](#) en bande organisée, et association de malfaiteurs en vue de [préparer](#) des actes terroristes, a annoncé le procureur Molins. Elle a été confiée à trois services de police : la DCPJ, la section antiterroriste de la brigade criminelle de la police judiciaire de Paris (le 36 quai des Orfèvres) et la Direction générale de la sécurité intérieure (DGSJ).

• Des hommes visiblement entraînés

Des observateurs militaires interrogés par *Le Monde* remarquent que le comportement des tueurs est celui de soldats aguerris et témoigne d'un entraînement solide. Selon un policier, ancien membre d'un service de protection rapprochée, interrogé par l'Agence France-Presse, « on le voit clairement à la façon dont ils tiennent leurs armes, dont ils progressent calmement, froidement : ils ont forcément reçu une [formation](#) de type militaire. Ce ne sont pas des illuminés qui ont agi sur un coup de tête ».

19/07/2017

« Charlie Hebdo » visé par une attaque terroriste, deuil national décrété

▪ Plan Vigipirate et cellule de crise

Après l'attaque, le plan Vigipirate a été relevé en [Île-de-France](#) à « alerte attentats », le niveau le plus élevé a annoncé Matignon. Les sorties scolaires à Paris ont été suspendues jusqu'à nouvel ordre et les effectifs de soldats en patrouille passent de 450 à 650 hommes.

Le premier ministre, [Manuel Valls](#), a « *activé la cellule interministérielle de crise et a confié la conduite opérationnelle au ministre de l'intérieur, Bernard Cazeneuve* ». Un dispositif policier a également été déployé à proximité des autres rédactions parisiennes.

▪ Une journée de deuil national décrétée

François Hollande a décrété une « *journée de deuil national* » en France et renouvelé son appel au rassemblement du pays, après l'attentat. « *Notre meilleure arme, c'est notre unité. Rien ne peut nous [diviser](#), rien ne doit nous séparer* », a déclaré le chef de l'Etat lors d'une adresse courte et solennelle à la Nation retransmise sur les chaînes de télévision. Les drapeaux seront aussi mis en berne pendant trois jours, a précisé [François Hollande](#).

Toute la journée, les réactions se sont multipliées pour [dénoncer](#) le drame. Particulièrement ému, l'ancien directeur de *Charlie Hebdo*, Philippe Val, a réagi sur l'antenne de France Inter, jugeant que « *notre pays ne sera plus le même* ».

▪ Menaces courantes et protection policière

Selon le rédacteur en chef, Gérard Biard, actuellement à Londres et joint par *Le Monde*, « *les menaces étaient ressenties de façon moins forte ces derniers temps à Charlie Hebdo. L'attaque est d'autant plus choquante.* »

Une journaliste de *Charlie Hebdo*, qui n'était pas sur place mais en contact avec des collègues sur

19/07/2017

« Charlie Hebdo » visé par une attaque terroriste, deuil national décrété

place, explique que *« ces derniers mois, on ne sentait pas une inquiétude immense malgré les menaces »*.

« Bien sûr, nos locaux étaient sous protection policière, Charb était sous protection policière, mais il se déplaçait parfois sans ses policiers, ce qui est un signe qu'il n'était pas inquiet à chaque instant. (...) Luz et Riss avaient eux aussi eu une protection policière, mais elle avait été levée il y a un an environ. »

▪ Organisation de rassemblements de solidarité

Après l'attaque, des appels à des rassemblements de solidarité avec la rédaction de *Charlie Hebdo* se sont multipliés [partout en France](#). Au total, plus de 100 000 personnes ont participé dans tout le pays à ces rassemblements.

ANEXO M³⁹: Reportagem da Folha de S. Paulo.

25/07/2017

Atentado mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista - 07/01/2015 - Mundo

Atentado mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista - 07/01/2015 - Mundo

Atiradores atacaram a sede do jornal satírico francês "[Charlie Hebdo](#), deixando 12 mortos nesta quarta-feira (7) em Paris, antes de escapar em um carro.

[Entre os mortos](#) está o diretor da publicação, o cartunista Stéphane Charbonnier, conhecido como [Charb](#).

Gritando "Allahu akbar!" (Deus é maior) enquanto disparavam, os homens falavam um francês impecável e sem sotaque e usavam uma roupa em estilo militar, disseram testemunhas.

Fontes policiais disseram ter [identificado os suspeitos](#) como os irmãos franceses de origem argelina Said Kouachi, 34, e Cherif Kouachi, 32, e Hamyd Mourad, um jovem de 18 anos cuja nacionalidade não foi revelada.

O [jornal já sofreu outros ataques](#) por publicar caricaturas de líderes muçulmanos e do profeta Maomé. Em 2011, a redação, que fica perto do monumento da Bastilha, foi alvo de um incêndio criminoso após ter publicado uma série de caricaturas sobre Maomé.

O [último tuíte](#) da publicação é um cartum satirizando o líder do Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi.

O [presidente da França, François Hollande, foi ao local](#) e disse que não há dúvida de que o ataque

<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimagetahora&uri=http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571579-troteio-em-frente-a-sede-de-jornal-satirico-franc-es-mata-pelo-menos-um.shtml> 1/3

³⁹ ATENTADO mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista – 07/01/2015 – Mundo. **Folha de S. Paulo**. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571579-troteio-em-frente-a-sede-de-jornal-satirico-franc-es-mata-pelo-menos-um.shtml>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

25/07/2017

Atentado mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista - 07/01/2015 - Mundo

foi terrorista.

"A França é ameaçada porque, assim como outros países, nós somos um país de liberdade", disse Hollande em frente à sede do "Charlie Hebdo". Em [pronunciamento](#) posterior, o líder francês pediu a "união" do país como reação ao atentado.

O ministro do interior, Bernard Cazeneuve, informou que o governo elevou ao [nível máximo o alerta de segurança](#) após o atentado. O anúncio foi feito após uma reunião interministerial de crise comandada por Hollande.

Editoria de arte/Folhapress

Segundo Cazeneuve, os três responsáveis pelo atentado ainda estão foragidos. "Todos os meios do Ministério do Interior (responsável pela polícia) e da Justiça estão mobilizados para prender os responsáveis por essa barbárie e puni-los com a severidade necessária", afirmou o ministro.

Ele também afirmou que em todos os departamentos franceses a segurança foi reforçada em estações de trem, templos religiosos, prédios públicos e redações de jornais. Além da polícia, o Exército também mobilizou homens para reforçar a segurança na capital francesa.

O ataque

De acordo com fontes de segurança, ao menos [dois homens atacaram a sede](#) da publicação

26/07/2017

Atentado mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista - 07/01/2015 - Mundo

portando metralhadoras AK-47, trocaram tiros com policiais e depois fugiram em um carro dirigido por um outro elemento do grupo.

Eles foram até a região da estação de Porte de Pantin, no nordeste da cidade, onde abandonaram o veículo e sequestraram um outro, expulsando o motorista na rua.

Rocco Contento, porta-voz de um sindicato de policiais, afirmou que houve aumento das medidas de segurança à sede do jornal por causa de ameaças recentes e que os homens entraram no local com a intenção de matar.

Segundo um jornalista do "Charlie Hebdo", citado pelo jornal francês "Le Monde", os atiradores chegaram ao local na hora da reunião da redação. "Os agressores sabiam que às 10h de quarta-feira havia uma reunião editorial semanal. No resto da semana não há muitas pessoas no local", afirmou.

A França já estava em estado elevado de segurança após militantes islâmicos terem incitado ataques contra cidadãos e alvos franceses em resposta aos ataques militares da França contra redutos de islamitas na África e no Oriente Médio.

No ano passado, um homem gritando "Allahu Akbar" deixou 13 feridos ao lançar um veículo sobre uma multidão na cidade de Dijon. O primeiro-ministro francês, Manuel Valls, disse à época que a França "nunca antes enfrentou uma ameaça tão forte ligada ao terrorismo".

ANEXO N: Reportagem do Site Pragmatismo Político em colaboração com Opera Mundi⁴⁰

17/07/2017

Paris: Estado Islâmico divulga comunicado após atentados que mataram 127

Paris: Estado Islâmico divulga comunicado após atentados que mataram 127

Estado Islâmico reivindica ataques em Paris e diz que França segue sendo 'principal alvo'. Extremistas divulgaram um comunicado com versões em árabe e francês. Pelo menos 127 pessoas morreram nos ataques

O grupo extremista Estado Islâmico divulgou neste sábado (14/11) um comunicado, com versões em árabe e francês, em que reivindica a responsabilidade pelos ataques da noite desta sexta-feira em Paris.

No texto, o EI classifica Paris como "capital da abominação e perversão" e afirma que oito militantes realizaram os ataques armados de metralhadoras e cintos com explosivos.

Os locais dos ataques teriam sido escolhidos "antecipadamente e especificamente": o *Stade de France* pela presença do presidente François Hollande e a casa de shows Bataclan porque eram onde "centenas de idólatras se reuniam em uma festa de perversidade", além dos restaurantes da região. "A França e aqueles que seguem seu caminho devem saber que continuam sendo os principais alvos do Estado Islâmico".

O grupo culpa o país por "insultar o profeta, se gabar de lutar contra o islã na França e atacar

<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/11/paris-estado-islamico-divulga-comunicado-apos-atentados-que-mataram-127.html>

1/2

⁴⁰ PARIS: Estado Islâmico divulga comunicado após atentados que mataram 127. **Pragmatismo Político**. 2015. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/11/paris-estado-islamico-divulga-comunicado-apos-atentados-que-mataram-127.html>>. Acesso em: 17 jul. 2017

17/07/2017

Paris: Estado Islâmico divulga comunicado após atentados que mataram 127

muçulmanos no Califado com seus aviões", em referência à participação nos bombardeios aéreos em territórios controlados pelo EI na Síria e no Iraque. "Este ataque é só o início de uma tempestade e um alerta para aqueles que desejem retirar lições dele."

Especialistas acreditam que a reivindicação é verdadeira. "[O comunicado] foi escrito no estilo de pronunciamentos do EI e de outros grupos extremistas e demonstra uma visão de mundo que se tornou tristemente familiar nos últimos anos", afirma Jason Burke, especialista em terrorismo do jornal britânico *The Guardian*.

François Hollande prometeu uma resposta "implacável" aos atos de terror e decretou três dias de luto nacional.

Confira abaixo trechos do comunicado em tradução livre: "Oito irmãos carregando coletes suicidas e armas automáticas alvejaram áreas no coração da capital francesa que foram especificadamente escolhidas antes: o Stade de France durante uma partida contra a Alemanha na qual o imbecil François Hollande estaria presente; o Bataclan, onde centenas de idólatras estariam juntos numa festa da perversidade; além de outros alvos no 10º, no 11º e no 18º arrondissements (...)" "A França e todos aqueles que seguem seu caminho devem saber que permanecem o principal alvo do Estado Islâmico." "Alá (...) lançou o terror contra seu coração", diz o grupo, que chama Paris de "a capital da abominação e da perversão". "Paris tremeu sob seus pés [dos terroristas]." "Este não é nada mais do que o começo de uma tempestade e uma advertência para aqueles que queiram meditar e tirar suas conclusões". com Opera Mundi